

precisamos falar sobre elas.

um contributo do design para a questão
da (in)visibilidade lésbica através do cartaz.



Universidade do Porto. Faculdade de Belas Artes

precisamos falar sobre elas.

um contributo do design para a questão
da (in)visibilidade lésbica através do cartaz.

Rafaela Oshima

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Design da Imagem.

Orientadora Professora Doutora
Cristina Maria da Silva Pinto Ferreira Fonseca

Porto | 2021.

“Parecia-lhe que a vida era aprender,
saber sempre mais e mudar para aceitar sempre mais.”

— **Valter Hugo Mãe, O Filho de Mil Homens, 2016.**

agradecimentos

Aos pais,
e meus avós,
por terem me proporcionado
a melhor família que eu poderia ter.

Ao meu irmão,
que além de irmão também é amigo,
e que me deu uma sobrinha
durante essa dissertação.

Principalmente à minha sobrinha,
que essa dissertação seja um
contributo para que ela cresça
em um mundo melhor.

Aos meus amigos do mestrado,
meus amigos do Porto,
meus amigos da vida,
principalmente à Andreza.

Aos meus professores
e à minha orientadora,
que me guiaram até aqui.

À Marie, principalmente,
por resistir comigo,
amar comigo,
e ter casado comigo.

Que esta pesquisa seja:

uma homenagem para todas as mulheres lésbicas que vieram antes de mim e lutaram
para que essas palavras pudessem ser escritas, faladas e ecoadas;

um suporte para todas as mulheres lésbicas que ainda estão por vir – continuem a
resistir.

Aos meus pais,
Aparecida e Osvaldo,
mais uma vez,
que escolhem, todos os dias,
me amar, me aceitar e me respeitar:
acima de tudo.

Todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós.

— **Valter Hugo Mãe, O Filho de Mil Homens, 2016.**

resumo

Em uma sociedade na qual os problemas sociais se tornam cada vez mais complexos, as soluções podem partir de diversas áreas. O design socialmente responsável que visa melhorias advindas de transformações sociais pode ser um grande aliado em gerar soluções para assuntos que são pouco visíveis e discutidos na sociedade.

Com o intuito de desenvolver um projeto voltado para a área social, o presente trabalho propõe desenvolver uma série de peças gráficas ao utilizar o cartaz como suporte e a fotografia como transmissora de mensagens para auxiliar na questão da invisibilidade lésbica.

Para tal, o estado da arte foi desenvolvido através de duas áreas distintas: o universo do design e o universo da identidade lésbica. O estudo em design englobou o design socialmente engajado, a fotografia como mensagem e o cartaz como meio de suporte. Já o estudo da identidade lésbica compreendeu temáticas relacionadas as organizações sociais, as questões de gênero, de sexualidade e da lesbianidade em si. A partir disso, a investigação foi continuada com a complementação da parte teórica a partir de uma pesquisa de campo com base na perspectiva das próprias mulheres lésbicas. Através dessa pesquisa de campo, foi possível observar de maneira mais clara pontos sobre as problemáticas que envolvem o tema, perceber de que maneira essa invisibilidade se incorpora na realidade dessas sujeitas e como o design pode ser utilizado para auxiliar nessa questão.

Por fim, a partir de práticas e metodologias criativas (técnicas de criação), foi criada uma tipografia autoral e uma série fotográfica para compor os cartazes. A série de cartazes foi desenvolvida para informar e atuar como um meio de resposta aos estigmas e estereótipos que permeiam a identidade lésbica e, muitas vezes, exercem um papel que culminam em diversas discriminações e violências.

palavras-chave: design social; fotografia; poster; invisibilidade lésbica; LGBTQ+

abstract

In a society where social problems are becoming increasingly complex, solutions can come from different areas. Socially responsible design that seeks improvements arising from social transformations can be a great ally in generating solutions for issues that are barely visible and discussed in society.

In order to develop a project aimed at the social field, this work proposes to develop a series of graphic pieces using the poster as a support and the photography as a message transmitter to help in the issue of lesbian invisibility.

To this end, the state of the art was developed through two distinct areas: the universe of design and the universe of lesbian identity. The design study encompassed socially engaged design, photography as a message and the poster as a means of support. On the other hand, the study of lesbian identity included themes related to social organizations, issues of gender, sexuality and lesbianity itself. From this, the investigation was continued with the complementation of the theoretical part from field research based on the perspective of lesbian women themselves. Through this field research, it was possible to observe more clearly points about the issues surrounding the theme, to observe how this invisibility is incorporated into the reality of these subjects and how design can be used to assist in this issue.

Finally, from creative practices and methodologies (creation techniques), an authorial typography and a photographic series were created to compose the posters. The series of posters were developed to inform by acting as a means of responding to the stigmas and stereotypes that permeate lesbian identity and often play a role that culminates in diverse discrimination and violence.

keywords: social design; photography; poster; lesbian invisibility; LGBTIQ+

índice

resumo	6
abstract	7
índice	8
lista de figuras	9
introdução	10
objetivos	14
metodologia	15
capítulo I: o que precisamos para falar sobre elas.	17
design por milhões: a responsabilidade social do design.	18
enxergar através das lentes: a fotografia na comunicação.	23
o cartaz como suporte	28
capítulo II: precisamos saber o que já foi falado sobre elas.	31
identidade social	36
identidade feminina	44
identidade homossexual	57
por que não se fala sobre elas?	63
interseccionalidades	77
capítulo III: precisamos falar com elas.	78
abordagem de campo	79
capítulo IV: falando sobre elas.	83
projeto	84
proposta final	92
ainda bem que falamos sobre elas.	105
conclusão	110
referências bibliográficas	112
apêndices	120
apêndice a cartazes em formato grande	121
apêndice b questionário prévio no instagram	132
apêndice c charts pornhub	134
apêndice d termo de consentimento livre e esclarecido	135
apêndice e questionário	136
apêndice f resultados do questionário	142

lista de figuras

Figura 1 - Visibilidade LGBT.	32
Figura 2 - Pesquisas Google Lésbicas x Gays	74
Figura 3 - Notícia da correção do algoritmo de pesquisas.....	75
Figura 4 - Divulgação do questionário pelo Instagram.	80
Figura 5 - Trabalho de Metodologias de Projecto e de Investigação II.	84
Figura 6 - Tipografia autoral.	87
Figura 7 - Fotografias utilizadas nos cartazes.....	88
Figura 8 - Teste de cores.....	90
Figura 9 - Cartaz 1 Eu não preciso me encaixar nos seus estereótipos.	92
Figura 10 - Cartaz 2 Minha vida sexual não te diz respeito.....	93
Figura 11 - Cartaz 3 Não sou um desperdício ou muito bonita pra ser lésbica.....	95
Figura 12 - Cartaz 4 Não existe homem na relação!.....	96
Figura 13 - Cartaz 5 Minha sexualidade não é uma fase!	97
Figura 14 - Cartaz 6 Eu não existo pra ser fetiche de ninguém!.....	98
Figura 15 - Cartaz 7 Minha sexualidade não me impede de ser mãe.	99
Figura 16 - Imagem referência.....	100
Figura 17 - Cartaz 8 Sexualidade não tem a ver com gênero!.....	102
Figura 18 - Cartaz 9 Não se utilize da sua religião para julgar e condenar o próximo! ...	103
Figura 19 - Cartaz 10 Eu não preciso encontrar homem nenhum.	104
Figura 20 - Estatísticas da primeira publicação.....	106
Figura 21 - Estatísticas da segunda publicação.	106
Figura 22 - Quantidade de compartilhamentos visualizados pela autora.	108
Figura 23 - Publicações compartilhadas pelos usuários seguidos	109

introdução

A importância do design no mundo pós-industrial manifesta-se a todo o momento: seja pelo contato que temos com algum produto ou a uma mensagem visual. Apesar de sua função inicial estar associada a venda de algum produto ou serviço, hoje o design pode ser empregado em diversas outras áreas que podem ou não estar relacionadas de forma direta ao mercado. O design que não está centrado no capital pode responder a diversos nomes: design social, design socialmente engajado ou socialmente responsável, design ativista, design político, design militante, entre outros.

A atividade profissional consciente sobre a responsabilidade dos seus efeitos no mundo tem ganhado cada vez mais espaço a medida em que a sociedade se vê face a questões cada vez mais complexas. Para Gralha (2017), “o design deve tornar-se numa disciplina que conduz pesquisa e gera conhecimento – conhecimento esse que torna possível a participação séria em discussões que vão além do design enquanto tema”. Diante disso, a presente dissertação visa demonstrar de que forma o design pode exercer a função de transformação social ao trabalhar a questão da invisibilidade lésbica. Para tanto, o estudo traça uma relação entre a invisibilidade lésbica e design responsável, que tem como objetivo principal causar um impacto social positivo através da criação de um projeto gráfico.

A investigação parte da compreensão do design como ferramenta de dimensão social e engajada, para perceber de que maneira ele pode criar impacto e influenciar de maneira positiva um grupo social que tem suas demandas constantemente invisibilizadas dentro da sociedade. A partir disso, busca-se explorar a perspectiva do design que está voltado para práticas de trabalho cuja responsabilidade social é o foco primário e central. Para tal, é necessário entender de que maneira é possível percorrer a sua potencialidade como um instrumento utilizado não só para difusão

de informações, mas que também leva ao conhecimento e ao questionamento. Nessa conjuntura, Bonsiepe (2006) cita o

"exercício da atividade do design para interpretar as necessidades dos grupos sociais e desenvolver propostas emancipatórias viáveis na forma de materiais e artefatos semióticos (...) e focar também no grupo dos excluídos, discriminados e dos menos favorecidos economicamente."

O design é uma área do conhecimento que opera em conjunto com diversas outras áreas, por isso integra na sua esfera de trabalho diversos contextos de pesquisas e práticas. Quando incorporado ao âmbito social, abrange áreas de pesquisa no campo das ciências sociais e humanas e estrutura-se através de metodologias de trabalho que transpassam os processos de design. Dessa forma, a investigação demanda que se explorem fenômenos relacionados principalmente aos indivíduos e não tanto ao mercado. Deste modo, além de se investigar o design em seus processos para a solução do problema, é fundamental que sejam analisadas as questões do problema como um todo, com um enfoque mais humano, centrado no contexto em que a invisibilidade lésbica acomete a realidade das mulheres lésbicas.

À vista disso, esse estudo traz a invisibilidade lésbica para dentro do universo do design, mas também busca inserir o design no contexto da invisibilidade lésbica, para que assim o seu contributo se faça presente como um todo: tanto na pesquisa, como no projeto. Dessa maneira, divide-se essa investigação em complementos fundamentados na premissa do design: a função e teoria, como pesquisa e a forma e prática, como projeto.

Ao trabalhar com uma pesquisa de projeto dentro do design, além de situar a área do design em que irá se atuar, também é preciso identificar qual meio e a forma mais adequados para a mensagem que se pretende transmitir. Destarte, o foco de estudos está centrado no cartaz como meio de suporte, na fotografia como transmissora de mensagens visuais e as redes sociais como forma de disseminação dos conteúdos projetados.

Como a finalidade do presente estudo foi a aplicação do design no contexto da invisibilidade lésbica, procurou-se também explorar conceitos relacionados a essa temática. Assim, foi traçada uma reflexão crítica a partir de abordagens que buscassem elucidar em como a existência lésbica é percebida dentro da sociedade, tal qual os processos históricos sob o qual se erigiu a lesbianidade e as questões a que circundam.

A invisibilidade está presente em todos os momentos da história e se prolonga em todos os âmbitos sociais. A pauta lésbica é pouco discutida na sociedade e até mesmo na academia, é perceptível a falta de dados e pesquisas que evidenciem questões sobre a situação da vida dessas mulheres, como temas relativos à sua identidade, representatividade, preconceito, discriminação, saúde, violência etc. A realidade patente que está envolta ao desconhecimento a respeito dessa temática abre espaço para diversas discriminações e violências e uma delas é a invisibilidade.

A invisibilidade lésbica é um termo de difícil conceituação, utilizado para designar uma série de fenômenos complexos que se lançam, de forma negativa, face as mulheres homossexuais. Permeada por diversos fatores, essa invisibilidade pode ser vista como um sistema firmado nas construções sociais. Pode ser facilmente identificada, uma vez que se manifesta de diversas maneiras, porém, determinar ao certo como ela surge, de que maneira funciona e se articula é uma tarefa complexa, que demanda com que ela seja pensada a partir de diversos aspectos.

Por fim, fundamentado em explorar a mediação do design na invisibilidade lésbica, com intuito de perceber de que maneira ambos os temas podem trabalhar em conjunto de forma a utilizar o design para produzir um projeto gráfico voltado para a visibilidade lésbica, foram utilizadas metodologias de criação aplicadas ao design para construir um projeto elaborado a partir de fotografias como dispositivos de comunicação visual para a composição de uma série de cartazes. A respeito disso, buscou-se, através de soluções visuais, contrapor estigmas e estereótipos à respeito das mulheres lésbicas que, enraizados na sociedade, contribuem para a invisibilidade

dessas mulheres. A proposta buscou mediar, de maneira simples e direta, um diálogo através de cartazes informativos e educativos.

objetivos

Geral

Investigar de que maneira o design pode ser utilizado para construir um dispositivo gráfico pautado no contexto da invisibilidade lésbica, a fim de informar e educar sobre essa temática ao desconstruir estigmas, estereótipos e preconceitos que permeiam as mulheres lésbicas na sociedade. E, com isso, promover, através do design, a visibilidade para o tema e contribuir para a redução de atitudes discriminatórias, violentas e preconceituosas ante as mulheres lésbicas.

Específicos

- Pesquisar acerca do design para compreender de que forma ele pode ser trabalhado como uma ferramenta social;
- Explicitar as razões da escolha do cartaz como suporte, da fotografia como mensagem e da internet como transmissora;
- Compreender o fenômeno da invisibilidade lésbica e verificar como, por qual razão ela acontece e quais suas consequências;
- Realizar um trabalho de campo a fim de compreender esse universo além das referências bibliográficas;
- Elaborar um projeto gráfico que funcione como um aparato educativo e informativo sobre a temática lésbica.

metodologia

O objetivo dessa pesquisa foi a produção de um projeto voltado para a (in)visibilidade lésbica. Para tal, o estudo foi feito a partir do método de pesquisa exploratória, apoiado em dois campos de estudos distintos: o campo de atuação do design e a pesquisa exploratória sobre a lesbianidade.

A abordagem inicial partiu de uma recolha de dados a fim de se analisar as referências bibliográficas existentes de ambas as temáticas. Esse processo foi realizado para que o tema fosse explorado e fosse apreendido de que maneira o projeto poderia ser realizado.

Dessa maneira, a procura de informações relacionadas ao design direcionou a pesquisa para a vertente do design social. Nesta parte da pesquisa, foi avaliado através de uma análise categórica a respeito dos tipos de imagem e suporte, essa averiguação prévia destacou a fotografia e o cartaz como elementos pertinentes a temática e ao projeto.

Com a área do design estruturada, a pesquisa convergiu para a temática lésbica. Como esta faz parte de objetos de estudos distintos, procurou-se compilar informações a respeito das questões que a circundam. Dessa forma, as referências procuradas integraram as construções sociais de identidades, normas e instituições; a área de gênero, com enfoque na construção do gênero feminino; e a construção da sexualidade voltada para a homossexualidade. Esses dados permitiram a compreensão da lesbianidade através de diferentes aspectos e, com isso, foi possível enxergar de que forma ocorre a invisibilidade lésbica, o que auxilia sua construção, propagação e legitimação, assim como suas consequências.

Após a estruturação do estado da arte, como forma de complementar a pesquisa além dos conteúdos analisados, foi realizada uma pesquisa de campo através de uma pesquisa quantitativa a fim de aprofundar o estudo e aproximá-lo mais da realidade das mulheres lésbicas na sociedade.

A partir disso, a construção do projeto foi estabelecida fundamentada nas pesquisas. Elencou-se os pontos relevantes para a elaboração do projeto e foram desenvolvidas as soluções gráficas finais. Com a conclusão da proposta, a sua eficácia foi avaliada através da divulgação através do Instagram.

capítulo I: o que precisamos para falar sobre elas

"(...) gostaria de ver mantida a disposição e a coragem de examinar criticamente ortodoxias, convenções, tradições, cânones de design e não somente os cânones tradicionais de design. Essa observação não se limita no domínio puro da reflexão, vale dizer, à atividade baseada na linguagem e transmitida pela escrita, mas estende-se também à conversão da competência linguística e à postura crítica.

O designer que trabalha profissionalmente, aplicando as ferramentas disponíveis, acha-se frente ao desafio de traduzir sua postura contra o *status quo* em uma proposta projetual viável. Em outras palavras, cabe ao designer intervir na realidade com atos projetuais, superando as dificuldades e não se contentando apenas com uma postura crítica frente à realidade e persistindo nessa posição. Afinal, projetar, introduzindo as mudanças necessárias, significa ter a predisposição para mudar a realidade sem se distanciar dela."

— Gui Bonsiepe, 2011.

design por milhões: a responsabilidade social do design.

Design é uma palavra inglesa originada do latim *designare* (Denis, 2000), que “significa designar, indicar, representar, marcar, ordenar” (Villas-Boas, 2007). Apesar de ser encontrado em diversos momentos da civilização, foi apenas durante a Revolução Industrial que foi caracterizado como o conhecemos hoje.

Representado pela expressão visual de ideias, a história do design esteve aliada a história da industrialização (Denis, 2000), na qual sua atribuição foi associada à venda de produtos e/ou serviços (Barros, 2014). Em contrapartida, os movimentos reformistas do design trouxeram consigo a ideia de que ele também poderia transformar a sociedade, e que essas mudanças dos padrões de consumo poderiam ser capazes de promover modificações sociais mais profundas (Denis, 2000), um design cuja o fim não visa o mercado e sim o plano social. Para Barros (2014),

“a função do design vai muito além da venda de mercadorias, ela é uma espécie de peça-chave para a conscientização da sociedade, pois participa de seu desenvolvimento como ferramenta para construção de identidade e informação, além de refletir seu modo de vida.”

O design centrado na esfera social que tem por objetivo “alertar ou informar para uma causa social, política ou cultural” (Barros, 2014) e que busca mudanças, soluções, melhorias para problemas que não estão associados a fins comerciais, pode atender por diversas nomenclaturas: design social, design socialmente ou responsável, design ativista ou mesmo político. Para alguns autores, porém, todo design já é uma atividade social, pois “seu exercício objetiva, primordialmente, as pessoas” (Neves, 2009). Isso posto, o termo “design social” quando utilizado na presente pesquisa, refere-se ao design socialmente engajado, aquele que visa primordialmente a uma melhoria, impacto e/ou um bem-estar social e não o mercado.

O design gráfico, uma das vertentes do design, tem como função “comunicar por meio de elementos visuais (textuais ou não) uma dada mensagem para persuadir o

observador, guiar sua leitura ou vender um produto" (Villas-Boas, 2007). Utilizado para transformar e traduzir ideias em elementos visuais, também auxilia na criação e transmissão de mensagens através de um suporte - físico ou digital. Quando aplicado ao segmento social, ele funciona como um dispositivo que tem potencial para mobilizar, questionar, impactar, informar e impulsionar, pode "convidar à participação, à solidariedade, à cidadania, à responsabilidade, à identificação, à crítica ou à oposição" (Barros, 2014). Possui a capacidade de difundir e dar visibilidade a mensagens ideológicas, de denúncia ou crítica através da comunicação e da expressão visual. Por ser uma ferramenta de comunicação, consegue, através da construção de significados, trabalhar em diferentes culturas, públicos e assuntos através de diferentes meios de comunicação (Neves, 2009) e, devido a isso, pode influenciar e ser aplicado em diversas áreas - como a social, cultural, econômica, política, estética, mercadológica, ecológica, religiosa, de comunicação etc. (Barros, 2014).

Enquanto ferramenta de mobilização social, Denis (2000) defende "o uso do design como agente de transformação", que desempenha um papel importante para chamar a atenção, provocar a reflexão e propor novas atitudes como um instrumento de visibilidade para algum tema (Miyashiro, 2019) através da propagação de informações e conhecimentos (Neves, 2009). Capaz de persuadir e incentivar comportamentos, pode ser relevante para impulsionar o pensamento crítico, a educação e o conhecimento por meio de metodologias que traduzem mensagens através da visualidade, além de ter potencial para conferir relevância as temáticas trabalhadas. Desse modo, ao mesmo tempo em que o design aplicado ao contexto social funciona como um meio de informar, alertar, contestar, criticar, engajar e fazer repensar, também propõe o debate, expõe conceitos e exterioriza conteúdos.

"O design serve como instrumento para modificar, deslocar e subverter significados e essa produção imaginética se inscreve na estrutura social, procurando criar novas identidades e símbolos, levando questionamentos sobre como podemos alterar as condições e modos de

nossas vidas. E assim, coloca em xeque decisões hegemônicas, buscando a igualdade democrática de direito.” (Albuquerque, 2018)

Como a comunicação está presente e influencia diretamente a vida dos seres humanos, o design possui um papel importante para que as necessidades de grupos menos favorecidos e negligenciados na sociedade sejam exploradas e divulgadas através de elaborações de peças gráficas. Dessa maneira, o impacto social gerado através de projetos gráficos e da prática criativa que procura servir como um meio de expressão para preconceitos, violências, dificuldades, dores e discriminações, consegue refletir e explorar conceitos pouco discutidos na sociedade, como o caso da invisibilidade lésbica. No papel de potência social, o design que busca promover rupturas e abrir espaços de contestação e debate pode, por meio disso, fazer questionar e aumentar a consciência sobre o tema que está a ser trabalhado.

“Para ampliar o espaço de um discurso público, assim como dos movimentos ou protestos em que as minorias estão envolvidas na conquista do seu lugar de fala na procura de dar voz a uma mensagem revolucionária – uma voz que é subversiva enquanto voz insatisfeita – vários tem sido os instrumentos utilizados. A cultura visual em geral e o design gráfico são claramente dos mais eficazes para este efeito, na medida em que reflectem o padrão estético do momento em que vivem assim como proporcionam uma visão para um contexto histórico de uma determinada situação/causa” (Borges, 2019)

Nessa conjuntura, o designer deve aliar seu ofício ao seu compromisso com as problemáticas existentes na esfera coletiva, consciente sobre o impacto dos seus projetos na sociedade, "precisa olhar ao seu redor e considerar a relação do design com a sociedade, o seu papel e os seus objetivos" (Basso, 2012). Como comunicador visual, tem de se atentar em não só como irá transmitir a mensagem, mas também ao que está transmitindo, ao conteúdo daquilo que está a informar (Frascara, 1989 *apud* Barros, 2014). Como profissional, aquele que cria, conduz e propaga mensagens e informações, pode posicionar "a imagem como veículo de cidadania, de desenvolvimento social, de conscientização, de alerta, de educação" (Barros, 2014) e, assim, trazer a responsabilidade social para o seu próprio trabalho (Neves, 2019). Ao dar forma aos problemas sociais por meio da comunicação, códigos e

signos de expressão visual, com projetos que possuem conceitos, metodologias e práticas de trabalho na qual a potencialidade do design está voltada para a atividade consciente, esse profissional abre espaço e reforça a necessidade de se planejar voltado para atuações em prol de transformações e melhorias sociais que vão além do capital.

Em busca de uma sociedade mais justa, esse profissional tem a capacidade de atuar como agente de transformação que utiliza sua profissão como um aparato engajado a melhorias sociais por meio da retórica visual. Holland (2001, *apud* Lima e Martins, 2019) aponta "a necessidade do questionamento da ordem vigente, do papel do designer como formador de opinião, com um discurso ativo na produção de contribuições significativas à sociedade". Neves (2019), sustenta que o designer "deve ter a responsabilidade moral, social e profissional de se fazer ouvir como cidadão e trabalhar para que seus projetos sirvam à sociedade", posto que como produtor de conteúdo, também pode fazer ouvir suas próprias inquietações como cidadão (Miyashiro, 2019).

"Em teoria, todo profissional consciente de seu papel ao exercer sua função social de maneira ética e de modo eficaz contribui para que a sociedade de que faz parte se desenvolva em harmonia. E, para que o exercício desse papel seja profícuo para si como cidadão e para os demais membros de sua sociedade, há necessidade de uma consciência sobre o lugar que a sua profissão e a sua categoria profissional ocupam (ou deveriam ocupar) nessa sociedade e de que modo suas competências específicas podem ser usadas para tal finalidade." (Braga, 2019)

A contribuição para questões que beneficiem a sociedade deve ser uma preocupação de todos os indivíduos, tanto no âmbito profissional como pessoal. Colaborar para que a sociedade se transforme em um ambiente mais igualitário é progredir na coletividade e na individualidade, e design pode ser utilizado como contributo e estímulo para essa transformação.

As práticas criativas em prol de uma atuação consciente por meio do design promovem melhorias não só de forma direta, mediante aos projetos de design, como também de forma indireta, ao servir como exemplo para outras pessoas e áreas sobre

a importância do papel de todos e sua contribuição positiva para a sociedade. Além de propor e mediar transformações positivas para os indivíduos, também pode servir como estímulo para que outros façam o mesmo, e se utilizem das suas próprias competências para assistir na solução de problemas sociais e em prol da mudança dos padrões sociais existentes que geram desigualdades e discriminações.

Perante o exposto, torna-se evidente como o seguimento do design que mais condiz com o contexto da invisibilidade lésbica é o design socialmente engajado. Através da comunicação, busca-se evidenciar, de forma visual, as problemáticas que percorrem a existência lésbica. Como o objetivo é alterar as percepções referentes em como a lesbianidade é vista na sociedade, já que é tomada pela ótica de estigmas e estereótipos, procura-se, por meio de um projeto gráfico constituído por fotografias em cartazes, convidar a uma reflexão e informar sobre esse tema. Além de atuar como uma maneira de se posicionar face as discriminações, preconceitos e violências, o projeto atuará como uma forma de protesto, ao confrontar conceitos e convenções sociais já enraizados na sociedade.

enxergar através das lentes: a fotografia na comunicação.

“Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens.”

— **Susan Sontag, 2004.**

A imagem é uma representação visual que possui capacidade de se configurar em diferentes meios e suportes. Compreendida como uma mensagem não-verbal, utiliza-se signos visuais para a comunicação. Para Sontag (2004), as imagens fornecem uma interpretação da realidade. Cardoso (2010) a coloca como “superfícies que pretendem representar algo a alguém” por meio de um conteúdo visual que comporta discursos e serve para mediar, através de significações, a interação do ser humano com mundo (Cardoso, 2010). Nishijima (2011) reflete sobre como ela “tornou-se tão parte integrante de nosso cotidiano, que encontramos dificuldades em viver sem imagens, pois pensamos imagens, e entendemos a partir de imagens”, circunstância que conferiu às imagens a capacidade de influenciar comportamentos e ditar padrões sociais.

A fotografia expandiu-se a partir do século XX e contribuiu para a rápida disseminação das imagens. Derivada da exposição a luz, se traduz a um fragmento fixado em uma área fotossensível. Foi responsável por “uma profunda mudança na maneira de se comunicar e apreender o mundo” (Cardoso, 2010), uma vez que expandiu a cognição e a imaginação dos indivíduos (Cardoso, 2010), também trouxe consigo um novo código visual, ampliou as possibilidades de documentações visuais, acelerou o processo de reprodução em peças gráficas e facilitou a confecção de informações visuais. Por ser um elemento visual, além de funcionar como produtora de significados na comunicação, pode “formalizar ideias e informações de maneira expressiva, não só revelando uma informação, mas também gerando um conceito” (Schonarth, 2015).

Como elemento de comunicação, a fotografia, por meio de seu discurso visual, pode ser utilizada para a persuasão, reflexão, conscientização, informação, chamar atenção e complementar a mensagem - ou mesmo ser a mensagem por si só. Assim, como complemento da linguagem verbal, auxilia na construção e composição das mensagens ao atuar como um elemento da mesma. Por ser produtora de significados, além de comportar discursos e informações, pode resgatar conceitos e expressar uma (ou várias) ideia. Todas essas significações vão depender de três fatores: o propósito do fotógrafo, o contexto de aplicação da fotografia e o repertório do observador.

"Há de se ressaltar que a leitura das imagens fotográficas passa pela interpretação. O processo interativo entre o observado e o referente imaginético depende da validação das imagens. Essa validação das imagens. Essa validação passa pelo contexto e pela inserção de elementos, presentes no universo do sujeito." (Cardoso, 2010)

O fotógrafo, mesmo quando atribui à sua fotografia um sentido ou conceito, não é capaz de estabelecer que a imagem será vista e assimilada com o mesmo sentido em que foi tencionada. A imagem também depende de um contexto de inserção espaço-temporal, uma mesma imagem pode possuir diversos sentidos por si só, mas o seu contexto de aplicação também determinará as significações que a ela possam ser incumbidas. Uma mesma imagem terá diferentes significados para diferentes indivíduos, assim como quando empregada em diferentes locais e diferentes períodos. Além disso, a sua percepção pode se modificar conforme o observador, já que cada indivíduo possui um repertório próprio e interpreta as informações de acordo com a sua própria percepção do mundo. Como citado por Dondis (2003)"a expressão visual significa muitas coisas, em muitas circunstâncias e para muitas pessoas".

Como fragmentos temporais, as fotos carregam a visão de mundo do autor, mas também carregam o ambiente em que se inserem e a visão de mundo de quem a vê. Pode ser observada como aquilo que se vê, aquilo que foi visto no momento da sua captura e aquilo que está a ser visto por trás dos olhos de quem está a ver. Integram

não só um universo formal de técnicas e métodos, mas também conceitos criptografados.

“A leitura da imagem visual acontece a partir do relacionamento com suas propriedades elementares. A primeira delas refere-se aos *elementos constitutivos*: cores, planos, formas, volume, textura etc. A segunda denomina-se *procedimentos relacionais*: toda a ação externa, tudo aquilo que se relaciona, interage com os elementos constitutivos. Uma vez que o processo de significação se constrói por meio da interação observador-imagem, ao terminar sua criação, o criador perde o controle sobre as imagens.” (Cardoso, 2010)

A imagem, diferente da linguagem verbal, pode ser lida por quase todos - mesmo que não signifique a mesma coisa para cada pessoa, pois transpassa a barreira do idioma. Faz parte de uma linguagem quase universal, que é assimilada de maneira rápida e se fixa na memória de forma mais fácil do que as informações textuais. Mas a fotografia, diferente dos outros tipos de imagens, ao atuar como uma narrativa da memória, que registra algo que já passou, é vista como uma interpretação do mundo real, propicia uma sensação de maior credibilidade ao espectador, pois carrega em si um atestado do tangível, do real, mesmo com a possibilidade de manipulação das mesmas.

O advento da era digital proporcionou a rapidez e facilidade na captura e disseminação de fotografias, esse aumento de exposição constante dos indivíduos às fotos ao mesmo tempo em que foi responsável por torná-las mais acessíveis, também as banalizou. Nos acostumamos tanto com as imagens que, por muitas vezes, elas passam despercebidas. Por isso faz-se necessário a construção de imagens visualmente atrativas que despertem a atenção.

“A fotografia é uma arte que implica criatividade, disciplina visual, apelo estético, expressão e habilidade técnica. Ela representa, recria experiências, expressa sentimentos, registra e documenta.” (Schonarth, 2015)

A captura fotográfica representa um fragmento do tempo, um pedaço do mundo seccionado em uma imagem. Possui um discurso que compreende um texto visual e pode ser posicionada como um instrumento que aloca sua capacidade visual como

veículo informativo que transmite mensagens e conceitos. Tem potencial de alterar os padrões sociais instituídos e convergir com as temáticas socialmente engajadas, uma vez que, além de um documento artístico, também pode desempenhar o papel de documento social, ao trabalhar tanto como objeto de denúncia quanto forma de impacto, uma vez que a fotografia pode testemunhar cenas e momentos.

"de alguma maneira a fotografia pode mudar o mundo, mas esse não é o seu papel, e sim o de transformar as nossas percepções sobre o que nos rodeia já que, como toda imagem, a fotografia é percebida de formas diferentes, e tais construções privilegiam determinados elementos em detrimento de outros, proporcionando assim uma discussão e reflexão sobre questões sociais." (Zafaneli e Calvo, 2019)

Segundo Cardoso (2010), a expansão fotográfica decorreu em conjunto a consolidação do design gráfico, os cartazes que se utilizavam de técnicas fotográficas em suas composições, aumentaram "o seu potencial de persuasão e as possibilidades de ações comunicativas" (Cardoso, 2010).

"Instigar a percepção do observador é um dos objetivos do designer, e enfatizar os detalhes de algo através da Fotografia é um meio estratégico para se atingir este propósito. A relevância que pode ser dada aos detalhes de uma imagem é um meio para atrair e provocar o apreciador e consequentemente facilitar de forma rápida e agradável sua absorção sobre o que se deseja transmitir. Adquirir mais conhecimentos sobre a fragmentação é um recurso que aprimora o processo criativo, ampliando as alternativas no momento de produzir. A Fotografia neste sentido pode ser um dos meios que possibilita esse aprendizado, já que expande os testes e experimentos com o uso da imagem fragmento." (Cordeiro, 2017)

Quando empregadas como um elemento de comunicação dentro do contexto do design, a fotografia representa a exteriorização não só da sua própria imagem como da sua composição como um todo. Uma vez alocada ao dispositivo visual em conjunto com o texto, é este arranjo que produzirá (novos) significados. Nessa conjuntura, a fotografia como uma imagem visual, estabelece um processo de conexão com o observador, aproxima o design e o cartaz com o sujeito além da simples leitura da mensagem, "abre espaço para o conhecimento, o desejo, o querer,

o imaginar, o lembrar, o sonhar, o gostar, o acreditar, etc.” (Cardoso, 2010) pois cria uma relação mais próxima entre o espectador e a mensagem (Cardoso, 2010).

Os textos não precisam complementar as imagens para que elas façam sentido. Dependendo da sua aplicação, as imagens podem transmitir mais informações do que as palavras. Entretanto, a articulação de ambos potencializa a comunicação. Como os significados da imagem não dependem apenas da intenção do autor, a linguagem verbal desempenha um papel delimitador que guia os espectadores ao que foi tencionado. Ela demarca o território de significações para que os sentidos imaginéticos estejam orientados para uma determinada mensagem. O arranjo entre o texto e a imagem é responsável por ampliar o alcance do conteúdo. Ao conduzir a mensagem a um determinado sentido, as interpretações são restringidas, já que seguem a linha de leitura que foi planejada pelo designer. Dessa forma, a capacidade de compreensão sobre o assunto tratado é expandida, uma vez que o pensamento do observador irá se convergir apenas para um ponto: aquele em que o texto e a imagem passam a se comportarem como um único objeto e totalizam a peça gráfica.

Dentro do espaço do presente projeto, a experimentação fotográfica para a produção de cartazes será trabalhada enquanto documento social aplicado a estruturação da mensagem. Articulada concomitante as mensagens verbais, além de servir como um método de chamar a atenção e comunicar para reconstruir realidades em busca de mudar as percepções sobre a lesbianidade, também será estruturada para exercer um papel como instrumento de denúncia, crítica, informação, educação e visibilidade, aliado a busca do questionamento da ordem social vigente para que haja uma mudança do comportamento face as mulheres lésbicas.

o cartaz como suporte

O cartaz é uma mídia aberta utilizado como uma ferramenta de comunicação que funciona como suporte para a expressão e transmissão de mensagens. Também conhecido como *pôster*, por ser uma peça gráfica, atua como um instrumento utilizado para "divulgar uma informação específica por meio de imagens, textos e outros caracteres visuais" (Bortolucce, 2010).

"O pôster é essencialmente um anúncio grande, normalmente com um elemento pictórico, normalmente impresso em papel e normalmente exposto em uma parede ou quadro para o público em geral. Seu objetivo é chamar a atenção para qualquer coisa que o anunciante esteja tentando promover e gravar uma mensagem no transeunte. O elemento visual ou pictórico proporciona a atração inicial – e ele deve ser suficientemente impressionante para prender o olhar do transeunte e superar a atração concorrente dos outros pôsteres, de modo que precise uma mensagem verbal suplementar que reforce e amplifique o tema pictórico. O tamanho grande da maioria dos pôsteres permite que a mensagem verbal seja claramente lida a distância." (Hutchinson 1968 *apud* Sontag, 2010)

Como produto do design, o cartaz funciona como uma superfície na qual a mensagem é inscrita, ou seja, atua como suporte para as mesmas. A mensagem compreende uma ideia expressada através da linguagem verbal, não-verbal ou com a combinação de ambas.

Originado da necessidade de comunicar e difundir informações visuais, o cartaz teve suas raízes vinculadas a afixação no espaço público. Por estar incorporado as paisagens urbanas e locais de passagem de pedestres, configurou-se em um instrumento eficaz na transmissão de mensagens, pois "dialoga rapidamente com as pessoas e com o ambiente urbano" (Silva e Vernoso, 2016). Devido a esses aspectos, suas propriedades foram determinadas mediante a sua própria aplicação: espaço com dimensões limitadas, mensagens simples, claras e de rápida assimilação, validade determinada, possibilidade da reprodução em massa e baixo custo.

As dimensões padrões dos cartazes foram estipuladas de acordo com a delimitação do seu suporte físico: a folha de papel. Assim, existem diversas

possibilidades para a concepção da mensagem visual dentro do espaço demarcado, tanto quanto a sua orientação (comumente vertical ou horizontal), quanto em suas dimensões (tem de obedecer aos valores disponibilizados pela superfície em que irá se aplicar a mensagem visual).

O seu contexto de aplicação demanda que as mensagens sejam elaboradas de maneira em que as informações sejam transmitidas de forma simples e concisa, já que são afixados em locais de circulação. É necessária uma solução visual atrativa, que chame a atenção de quem transita pelos espaços de afixação desses cartazes. Quanto mais simples, clara e concisa a informação visual, mais rápido as informações apresentadas são assimiladas pelos receptores.

A sua validade é determinada pela ação temporal, já que os espaços públicos estão sujeitos a interferência do tempo e do clima, além das depredações humanas. A reprodução em massa e o baixo custo derivavam do contexto da época em que os cartazes se popularizaram.

Como a evolução tecnológica trouxe o despontar das mídias digitais, as possibilidades de composições e aplicações das mensagens visuais foram ampliadas. As peças gráficas não possuem mais a necessidade de obedecer às dimensões disponíveis na reprodução física, o suporte digital viabiliza uma maior liberdade na criação, execução e difusão, já que podem ser adaptadas de acordo com as necessidades do projeto. A comunicação passou a comportar a elaboração de mensagens mais complexas, já que os receptores possuem mais tempo para observar a mensagem e compreendê-la. Ao mesmo tempo, ainda vigora a necessidade de uma composição visual que chame a atenção ou desperte a curiosidade, como o campo digital online dispõe de uma vasta gama de conteúdos, para que um documento tenha relevância e se destaque perante os outros, é preciso que induza os usuários a convergirem o seu foco para o que está sendo apresentado. A validade também sofreu interferência das novas tecnologias, a imagem passou a ter possibilidade de se perpetuar por um período indefinido, enquanto também acabou por se tornar

efêmera, uma vez que o volume de informações que tramita entre os emissores e receptores é tão extenso, que por mais que elas atinjam de forma rápida muitas pessoas ao mesmo tempo, elas também se dissipam em meio a tantos conteúdos. A reprodução em massa e o baixo custo para a mesma não se fazem mais necessárias no meio digital, uma vez que não dependem mais das técnicas de reprodução (impressora, litografia, cromolitografia etc).

Considerado um dos meios mais eficazes para a propagação de informações, o cartaz se consolidou através dos momentos históricos. Esteve presente “como uma forma de expressão artística e política a partir do século XX” (Carvalho, 2019) e se tornou popular pela sua possibilidade de reprodução em massa com baixo custo em uma época que o meio mais eficaz para a comunicação era a disposição da mensagem em espaços públicos. O advento da era digital potencializou a aplicabilidade e o efeito do cartaz e a sua facilidade de adaptação aos diferentes meios (físicos ou digitais) é o que mantém sua eficácia mesmo após mais de um século.

Por ser responsável por carregar as mensagens, o cartaz pode ser utilizado para diversas funções e chamar a reflexão para as diferentes temáticas. Para Sontag (2010), o cartaz objetiva “seduzir, exortar, vender, educar, convencer, atrair”. Assim como o design e a fotografia, pode servir além dos fins comerciais, pois pode funcionar como um suporte para uma mensagem de cunho social.

No contexto do projeto, o cartaz foi eleito pela sua flexibilidade de aplicação, alteração e adaptação, além de ser eficaz em chamar atenção, transmitir mensagens de forma rápida e ser um suporte ideal para receber textos curtos.

capítulo II: precisamos saber o que já foi falado sobre elas

“se a heterossexualidade é a norma, como eu, mulher e lésbica, serei vista e tratada por esta sociedade dominante? Como portadora de uma baixeza moral, uma anormal, um desvio, portadora de um vício, de uma doença. Serei condenada à invisibilidade, a lesbifobia e serei estigmatiza, pois serei considerada uma não mulher, aquela que não deve existir sendo ela mesma, sendo como é, me insultarão e receberei rótulos, porque não cumpro com aquilo que se espera do sexo feminino, não tenho comportamentos, atitudes e nem posturas adequadas ao que me pré-determinaram que como mulher eu deveria ser.”

— **Alessandra Acedo, 2014.**

lés-bi-ca

substantivo feminino

(do latim *lesbius* (Rocha, 2019), do grego *lesbos* (Dicio, 2021)), derivado do termo lésbico.

significado: mulher homossexual (Priberam, 2021); mulher que tem preferência sexual e/ou afetiva por outras mulheres (Dicio, 2021).

Palavras relacionadas: sáfica, tríbade, lesbiana, lésbia, lésbico, lesbiano, lésbio (Priberam, 2021).

*Lésbico: relativo à ilha de Lesbos (Priberam, 2021).

A palavra lésbica foi inspirada na poetisa Safo, que viveu entre os séculos VI e VII a.C. na capital da ilha grega de Lesbos (Eugelmi, Scardovelli e Cozza, 2019). Safo escrevia seus versos referenciando o amor homoerótico nas suas poesias, “foi a primeira mulher a escrever sobre o amor entre mulheres” (Rocha, 2019). O termo deriva do latim *lesbius* e faz referência aos habitantes da ilha de Lesbos (Rocha, 2019).



Figura 1 - Visibilidade LGBT.
Autor: Matheus Ribs | 2019.

“Em 22 anos, a temática lésbica ganhou mais espaço no debate público, mas ainda há preconceito, violência e exclusão social, econômica e política dessa população.”

— **Pedro Rafael Vilela, 2018.**

A invisibilidade lésbica é uma condição enfrentada pelas mulheres lésbicas na sociedade. Corresponde a um sistema que possui práticas discriminativas e excludentes e geram situações de violência e preconceito em todos os âmbitos da vida dessas mulheres. Ziller et al (2019) a define como o "apagamento sistemático das lesbianidades, tanto no que diz respeito às políticas públicas, representações midiáticas ou nas artes e na sociabilidade". É um fenômeno composto por diversas questões que, ao estarem presentes na sociedade, rejeitam a existência plena dessas mulheres, já que as invisibilizam tanto no plano real como no simbólico, apagam suas demandas individuais e coletivas, ignoram sua saúde sexual e colocam sua existência como fetiche (Láris Vásques, 2017).

Como essa invisibilidade advém de diversos fatores, apenas caracterizá-la ou defini-la não se faz suficiente, já que se trata de um fenômeno que está envolto por uma gama de aspectos de diversas áreas. Nesse sentido, torna-se pertinente questionar o mesmo que Toledo (2013):

"quais os processos históricos, sociais, institucionais e subjetivos que impossibilitam, restringem, inibem, despotencializam, estigmatizam, invisibilizam, as vivências eróticas entre pessoas do mesmo biocorpo de modo a instaurar a dúvida no atravessamento desse corpo?"

A construção da sujeita lésbica, assim como a sua identidade, acontece através de diferentes aspectos, uma vez que está inserida em múltiplos contextos e permeada por diversas relações. Para Ribeiro (2019), “identificar os processos pelos quais identidades constituem-se na cultura, é uma forma de tornar inteligíveis os elementos que perpassam as experiências e, compreender sua conformação”. Desta maneira, somente com a compreensão da construção dessas vivências e da sua relação com as configurações históricas, sociais, culturais, religiosas, científicas, políticas, jurídicas, midiáticas etc., é que se torna possível conhecer o que realmente significa ser lésbica. Trata-se de uma ampla percepção tanto das relações sociais,

quanto institucionais. Como a inscrição da mulher lésbica na sociedade intercorre através de um conjunto de controles normativos, também é relevante que se investigue como eles são produzidos e perpetuados na sociedade. É necessário olhar para como os sujeitos foram julgados e tido seus comportamentos deslegitimizados.

“falar de lesbianismo não é apenas descrever práticas ou elaborar definições; é sobretudo tentar observar como uma certa prática sexual se insere nas relações sociais, como é avaliada, julgada, denegrida, louvada ou silenciada no desenrolar da História. É também colocar questões relativas à identidade do humano, à delimitação das pessoas dentro de categorias sexuadas – mulher e homem – que as condicionam e as enquadram em modos de ser, maneiras de sentir, de perceber o mundo e a si próprias.” (Navarro-Swan, 2004)

Ao se falar sobre a lesbianidade, é imperativo que se realize também reflexões críticas acerca das diversas questões relativas ao tema, como o gênero e a sexualidade. De acordo com Busin (2008), "as desigualdades sociais naturalizadas entre homens e mulheres e entre homossexuais e heterossexuais têm a mesma origem" e, além disso, as mulheres lésbicas sofrem discriminações tanto por serem mulheres, como por serem homossexuais, pois na sociedade existe tanto uma ordem masculina sexista, como uma ordem sexual heterossexista (Navarro-Swain, 2000 *apud* Santana e Rasera, 2018).

“gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instancias sociais e culturais de modo explicito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição de normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos.” (Louro, 2008)

Sem assimilar todos os fenômenos que transpassam a invisibilidade lésbica, não há como interpretá-la em sua totalidade e trabalhar para extingui-la. É necessário analisar como se configurou a história das condições históricas das mulheres lésbicas, seus contextos, sua dinâmica, quais práticas discursivas, não discursivas e dispositivos de poder que as permeiam. Envolto pelos discursos sociais dominantes, o apagamento social que atinge as mulheres lésbicas está permeado de uma

roupagem estereotipada, marginalizada, estigmatizada, discriminatória e preconceituosa. Desconstruir as significações impostas a elas implica em, primeiramente, buscar e tentar compreender os processos e construções que estabeleceram essas significações, já que todos os sujeitos são formados por uma variedade de discursos e “é preciso entender que a história nem sempre é apresentada com todas as suas versões” (Leão, 2019).

identidade social

"Nosso corpo tem muito pouco de nós mesmas. Ele é simplesmente um resultado de discursos e práticas."

— **Ana Maria Colling, 2015**

A necessidade de se nomear e classificar as coisas dispõe os elementos como pertencentes a diferentes categorias. Essa classificação, muitas vezes baseada na premissa da diferença, também abrange os indivíduos. Nomeados, separados e classificados, os seres humanos são posicionados em distintas ocupações sociais, cada um com sua própria identidade.

A identidade é uma construção social que deriva da interação entre os indivíduos e a sociedade. Constituída pelos valores que concebem e posiciona os indivíduos, é moldada a partir de concepções e atributos sociais pré-concebidos que classificam todas as pessoas e exerce a sua identificação tanto a nível individual como coletivo. Não é única, pois um mesmo indivíduo pode se manifestar através de várias identidades.

"A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente." (Cuche, 1999 *apud* Berlatto, 2009)

O humano é um ser social (Assis, 2012; Fortes, 2011), “produto de um sistema complexo de interações” (Dias, 2015) que sustentam a sociedade por meio dos processos de socialização. Na socialização, os indivíduos aprendem atributos sociais pré-definidos e também consentem com a legitimidade dos mesmos. A sociedade é uma construção humana criada a partir de discursos, regras e tradições culturais (Fonseca, 2011), composta por valores, normas e comportamentos que podem mudar de sociedade para sociedade, de acordo com a época e o local em que estão inseridos (Dias, 2015). Os valores ditam as concepções que influenciam o comportamento coletivo e o imaginário social que avalia o próximo, enquanto as

normas são representadas pelo conjunto de crenças, valores e regras que orientam os indivíduos ao comportamento social que traduz como o indivíduo deve ser e agir.

Dentro das sociedades, a ordem social, "um conjunto de normas, instituições e costumes que regulam a vida dos indivíduos em suas relações de ordem jurídica, social e moral de uns para com os outros e entre eles e o governo" (Jusbrasil, "s.d."), é responsável por definir um papel para todos os indivíduos - o papel social e, para isso, "depende de instituições eficazes para se manter coesa" (Serretti, 2010).

O papel social, assimilado ao longo da vida pelos indivíduos por meio do processo de socialização e naturalização, corresponde a um conjunto de construções, condutas, obrigações, direitos, expectativas (Dias, 2015), padrões, regras arbitrárias e/ou normas de comportamento (Louro, 1997) pré-definidos para o que se espera de uma pessoa de acordo com a posição social que ela ocupa (Dias, 2015; Serretti, 2010). Para Mérgar (2006), a imposição dos papéis sociais sob as crenças comuns cria regras de comportamentos e condutas que instituem modelos no imaginário social.

Amparado pelas instituições e pelos próprios indivíduos, é através da manutenção dos papéis sociais que se mantém a ordem social e é por meio desse modelo social o qual a própria sociedade já instaurou que se adota "mecanismos coercitivos e eficazes para que tais papéis sejam exercidos por meio de sanções sob pena de punição" (Assis, 2012). De acordo com Rocha e Sampaio (2016), "essas punições vão desde um olhar reprovador de outro indivíduo até à pena de morte, em certas sociedades" (Rocha e Sampaio, 2016). À vista disso, a própria sociedade "dirige, sanciona, controla e pune a conduta individual" (Berger, 1985) baseada

"em comportamentos calcados em padrões de "normalidade" ditados pelo pensamento da classe dominante, a ponto de desencorajarem-se os comportamentos desviantes, inclusive para efeito de aferição de condutas delituosas e aplicação de penas." (Mérgar, 2006)

As normas sociais são naturalizadas através de um conjunto de ideias universais a serem aplicadas a todas as sociedades, épocas e indivíduos. Os indivíduos que correspondem a essas normas passam a ser privilegiados, enquanto aos que fogem dela, sofrem opressões e danos em diversos aspectos (Pino, 2017). A normatização pode ser entendida como um processo disciplinas de transformação social construído para que todos os indivíduos, em todos os aspectos de suas vidas, possam ser regulados conforme ao que é concebido como "normal", ao que se deve ser (Assis, 2012; Miskolci, 2002/2003). “É a articulação das relações sociais que decide os critérios básicos do que é natural, normal, aceitável; é a rede de sentidos social que determina o valor, a divisão, a coerção e a exclusão” (Navarro-Swan, 2004), e o que é considerado normal ou natural são apenas os resultados de discursos e práticas sociais (Miskolci, 2002/2003). A diferença se constitui a partir do campo relacional, dessa maneira é importante perceber como se constrói e o que é considerado normal e o que é considerado diferente, visto que a norma está em toda a parte e se expressa por meio das repetições cotidianas que se “naturalizam” contida em saberes legitimados (Louro, 2008).

Assim, para que a classe dominante estabeleça sua posição e legitime seu domínio, ela impõe e institui valores e pensamentos como forma de fixar no consciente popular a maneira como determinado grupo deve se comportar (Mérigar, 2006), “desse modo é gerado o controle social, instrumento pelo qual a sociedade regula e normatiza o comportamento esperado pelos seus integrantes” (Rocha e Sampaio, 2016). No controle da ordem social, perduram discursos configurados em imposições e suposições culturais, históricas e de comportamentos (Santana e Rasesa, 2018) tidos como ideais, que são interiorizados e aceitos pelos sujeitos, na qual as normas já estão impostas a todos, e aqueles que as transgridem e possuem comportamentos que são considerados desviantes, são colocados à margem (Silva, 2010) e a própria estrutura social os pune (Rocha e Sampaio, 2016) por meio de mecanismos próprios. “Essas punições vão desde um olhar reprovador de outros indivíduos até à pena de morte, em certas sociedades” (Rocha e Sampaio, 2016).

O controle social é o método regulador de comportamento, também utilizado para manter a ordem social (Mérigar, 2006), ocorre por meio de mecanismos de coerção e sanções (positivas ou negativas) para que os sujeitos correspondam aos seus papéis sociais e assim haja conformidade com as normas (normatização) (Dias, 2015). Para que esse controle exista, as normas, valores, crenças, hábitos, comportamentos, regras, discursos etc. são internalizados e enraizados na cultura e assimilados pelos indivíduos (Dias, 2015) com auxílio das instituições (Mérigar, 2006).

Nesse controle da ordem social, as construções concebidas como ideais servem para normatizar tudo aquilo que é percebido como ameaçador (Ceccarelli, 2000). Por meio disso, criou-se na sociedade valores internalizados em todos os sujeitos, na qual “gênero, raça, classe e orientação sexual ditam privilégios na sociedade” (Souza e Lopes, 2019), “o que é mais valorizado socialmente é o homem branco, de bom poder aquisitivo e heterossexual” (Busin, 2008) e “o que se afasta desse modelo é desvalorizado, passível de preconceitos e diversas formas de dominação-sujeição” (Busin, 2008), já que, como menciona Toledo (2008), “a construção do conhecimento e das verdades sobre os seres humanos foi, durante muito tempo, exercida por homens e para homens”. Santana e Rasera (2018) também apontam os privilégios sociais atribuídos aos homens, brancos e heterossexuais. Louro (2008), aponta que o homem, branco, heterossexual e de classe média urbano foi constituído como a identidade de referência para tudo que se afasta disso ser considerado como “diferente”, a mesma autora cita que Laurentis (1986) também associa que as diferenças culturais, sociais e subjetivas são concebidas através da relação com o homem, que é considerado o padrão de referência a todo discurso que se legitima. Para Correia (2014), a identidade social é construída em um contexto altamente heterossexista.

“A ordem social na qual vivemos, por meio da apropriação de sistemas de opressão como o patriarcado, o racismo e o heterossexismo, não apenas determina as relações sociais, mas ideologicamente nos impõe papéis, interferindo em nossa individualidade, em como devemos

usufruir de prazeres e desejos. Para isso, demarca como “aceitável” uma única forma de conduta afetiva e sexual, isto é, com o sexo oposto.” (Pino, 2016)

As instituições são uma ferramenta de socialização (Ramos e Nascimento, 2008) presentes na sociedade que se apresentam na forma de um sistema complexo de estruturas sociais que regulam, controlam e normatizam ações e procedimentos por meio dos valores, crenças e normas que são produzidos, sancionados e seguidos pela sociedade (Bittercourt e Bezerra, 2011). Traduzem modos de pensar, sentir e agir instituídos e desenvolvidos a partir de um sistema que regula as normas e os papéis sociais aceitos no comportamento social (Bittercourt e Bezerra, 2011; Dias, 2015). Para Foucault (1979), uma instituição é “tudo que em uma sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado”. Fonseca (2011) cita o controle, a vigilância e a criação de regras, normas e valores através do discurso por essas instituições para que sejam atendidos os seus interesses.

O objetivo das instituições sociais é satisfazer as necessidades da sociedade e seus indivíduos (Dias, 2015) e auxiliar na manutenção da ordem e dos papéis sociais. Sua principal função “é a propagação de valores inscritos nela” (Ramos e Nascimento, 2008), mas também servem de parâmetro, normatizam, legalizam, legitimam e regulam o comportamento e a relação dos sujeitos. Tem capacidade coercitiva sobre os indivíduos que podem ser repensados ou punidos de acordo com o que rege os padrões institucionais (Ramos e Nascimento, 2008). De acordo com Ramos e Nascimento (2008), “um indivíduo pensa segundo o estabelecido pelas instituições” e está inscrito em uma rede delas. Para Moraes (2010, *apud* Souza e Lopes, 2019) é “a existência de instituições que constituem a sociedade civil e que podem contribuir para a difusão de pensamentos hegemônicos”.

Lourau (1996, *apud* Ramos e Nascimento, 2008) descreve a institucionalização dos indivíduos em duas partes: na incorporação, quando os valores são internalizados e na personificação, quando esses valores são projetados para a sociedade. As instituições são “tão internalizadas que parecem inexistentes ou

invisíveis” (Douglas, 1998 *apud* Ramos e Nascimento, 2008) e, por isso, passam aos indivíduos uma sensação de que pensam por si só, enquanto na verdade as instituições reproduzem uma ideologia dominante nos mesmos (Albuquerque, 1986 *apud* Ramos e Nascimento, 2008).

As principais instituições são as políticas, religiosas, jurídicas, econômicas, de ensino e a família (Dias, 2015), mas existem muitas outras. Elas são responsáveis por produzir, regular, controlar, normatizar e legitimar na sociedade questões referentes tanto ao gênero quanto a sexualidade, já que existe um constante estímulo para que as normas e os valores sejam mantidos, seguidos, obedecidos e interiorizados pelos indivíduos. Como vivemos em uma ordem social heteronormativa e sexista, esses discursos são responsáveis por diversas discriminações, preconceitos e estigmatizações voltados as mulheres e aos sujeitos não-cis-heterossexuais¹.

A família é considerada a primeira instituição com a qual o indivíduo tem contato (Ramos e Nascimento, 2008), e pelo processo de socialização, é ela quem educa e transmite valores sociais e culturais para os indivíduos desde o começo de suas vidas. Para Foucault, a família é um dos principais dispositivos que norteiam a sexualidade (Busin, 2008). De acordo com Andrioli e Angelin (2012), a família e a Igreja “são instituições que reproduzem modos de ser, de agir e de se comportar”. Portanto, é a família quem instrui o indivíduo a exercer o seu papel social e, por isso, muitas vezes é responsável por reproduzir os papéis de gêneros (Andrioli e Angelin, 2012) e propagar ideais discriminatórios aos seus membros.

As instituições políticas e jurídicas corroboraram por muito tempo com o controle e inferiorização da mulher e das sexualidades dissentes da heterossexualidade. Ao longo da história, as instituições políticas e jurídicas foram coniventes a inferiorização e opressão feminina, assim como a perseguição das

¹ Não-cis-heterossexuais: pessoas que não se identificam com o sexo biológico com que nasceram e/ou que não se identificam com a orientação heterossexual.

pessoas não-heterossexuais. Até hoje, em alguns lugares do mundo as mulheres não têm os mesmos direitos que os homens e as pessoas homossexuais podem ser presas ou mortas com respaldo dessas instituições. As instituições de ensino reproduzem a visão binarista de gênero e sexualidade, já que refletem a heteronormatividade e o heterossexismo existentes na sociedade.

Já a religião pode ser considerada como “o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação” (Assis, 2012), na qual essa legitimação representa o “saber” que explica e justifica a ordem social e os dispositivos institucionais (Berger, 1985). Assim, ela legitima através de seu caráter “ontológico com validade suprema (...) num quadro de referência sagrado e cósmico” (Berger, 1985) e possibilita, por meio disso, que a sociedade estabeleça normas e mantenha a ordem social conforme ao que se pretende manter (Assis, 2012), pois transmite valores e comportamentos para que haja um equilíbrio social (Rocha e Sampaio, 2016).

Rocha e Sampaio (2016) classificam a religião como:

“um conjunto definido de crenças, de dogmas que normatizam a relação do homem com o sagrado; um agrupamento de práticas, de ritos específicos, inerentes a cada uma dessas fés; instância de controle social caracterizada pela existência de uma comunidade de indivíduos unidos pelo cumprimento de certos ritos regulares e pela crença na existência de uma força além do mundo terreno, da compreensão concebida ora como difusa, ora como múltipla, ora como única (Deus), que deve ser reverenciada e obedecida.”

Ela é uma instituição que também pode ser pensada como uma forma de controle social (Freitas e Nascimento, 2009), já que busca a ordem social por meio de “práticas, sistemas simbólicos e crenças” (Assis, 2018), na qual o “seu efeito é necessariamente fixar, instruir, certas maneiras de agir e certos julgamentos que existem fora de nós” (Foracchi, Martins, 1980 *apud* Freitas e Nascimento, 2009). Mas, diferente dos outros tipos de instituições, a religiosa possui um caráter sagrado e universal (Assis, 2018) e tem uma grande influencia sobre os indivíduos e sociedade. De acordo com Fonseca (2011), as instituições religiosas criaram diversos

discursos para controlar, vigiar e criar regras e normas para que os valores criados atendessem aos seus interesses.

Como os valores éticos e morais da cultura ocidental têm suas bases nas tradições das religiões judaico-cristãs (Ceccarelli, 2000), elas foram responsáveis por influenciar diversos âmbitos do comportamento ocidental, principalmente aqueles relacionados a identidade feminina e ao controle e repressão da sexualidade (Barros, 2014).

Por fim, como os sujeitos são construções socio-históricas, compreende-se que é a partir das caracterizações sociais que se inscrevem o gênero e a sexualidade. Como ambos são moldados no meio social por meio de práticas regulatórias que são partes integrantes da identidade e subjetividade dos sujeitos (Butler, 2003), é necessário compreender o que significa, na nossa sociedade, o que é ser mulher, ser homossexual e ser uma mulher homossexual. E assim perceber de que maneira a mulher lésbica se afasta dos atributos tidos como construções ideais citadas nos parágrafos anteriores, já que os discursos são produzidos ao longo da história, reforçados e cristalizados por meio dos sujeitos e de diversas instituições.

identidade feminina

"Tinha que engravidar, criar, envelhecer, morrer: como todos esperavam
Tinha que renunciar, agradar, obedecer, vencer: como todos desejavam"

— **Jay Vaquer, Longe Aqui**

A história feminina é marcada pelo apagamento, inferiorização, submissão e silêncio, por muito tempo a mulher foi desconsiderada enquanto ser social que possuía capacidade intelectual e sexual (Mata, 2009). Para Colling e Tedeschi (2014), ela está interligada com a história dos gêneros, visto que as mulheres só são concebidas quando configuradas na esfera relacional, na qual sua definição acontece em relação a figura masculina. Dessa maneira, é necessário compreender a construção dos gêneros para perceber de que maneira as desigualdades entre eles foram criadas, naturalizadas e legitimadas.

O gênero é uma construção humana de atribuições e práticas de relações socioculturais históricas baseadas nas diferenças sexuais que simbolizam o que é feminino e masculino (Barkan, 2012; Colling e Tedeschi, 2015; Mérgar, 2006). Não é definido exclusivamente por questões biológica (como o sexo, a genitália, a anatomia etc), já que pode mudar de acordo com o período e sociedade em que se insere (Mérgar, 2006; Louro, 1997) e constitui-se por normas delimitadoras e convenções ligadas as relações e ao desempenho dos papéis construídos nos processos de socialização (Colling e Tedeschi, 2015; Follador, 2009). Têm sua estrutura atravessada por diversas questões e é por meio delas que as relações sociais de gênero são hierarquizadas e assimétricas (Mies, 2016; Silva, 2010), pois estão inscritas em relações de poderes (Foucault, 1994), na qual o masculino aparece sempre como superior ao feminino (Colling, 2004). Essas desigualdades se dão nos arranjos sócio-históricos, que construíram e reproduziram essas relações desiguais (Louro, 1997), na qual os papéis sociais definidos aos gêneros são produzidos e reproduzidos em práticas cotidianas e também institucionais. Para Butler (2004), o

gênero pode ser considerado como uma norma que naturaliza “regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista” (Monteiro, 2009).

Conforme Toledo (2013), “para uma completa definição do conceito de gênero, é preciso entender como e baseados em quais esquemas de poder, saber e prazer as categorias de homem e mulher foram produzidas”.

“Não se pode referenciar o corpo como uma entidade biológica universal onde se originam as desigualdades, mas, através do uso do conceito de gênero, analisar os processos de produção dessas distinções em uma sociedade atravessada por pressupostos de masculinidade e feminilidade.” (Toledo, 2013)

No século XVII, os interesses políticos “encontraram no sexo biológico uma oportuna justificativa para a manutenção do poder masculino na organização social de homens e mulheres” (Sordi e Moreira, 2014). Até o início do século XIX, prevalecia o modelo do sexo único, a diferença entre os gêneros se dava a nível de grau e não tipo, o corpo era entendido como uma unidade unissexuada, na qual o feminino era tido como defeituoso e imperfeito (Costa, 1995 *apud* Prado e Machado, 2017) e a mulher, por não ter a genitália tão visível como a dos homens (Busin, 2008), era considerada um homem inferior (Toledo, 2013). A partir do século XIX, o modelo do disformismo radical surge como forma de justificar as desigualdades entre homens e mulheres, “as mulheres passam a serem vistas como um sexo diferente, biologicamente determinado” (Costa, 1995 *apud* Prado e Machado, 2017), incapazes de realizar tarefas de prestígio. Essa divergência biológica polarizou os sexos e configurou as significações do masculino e feminino, “erigidos sob uma visão masculinista, em uma norma androcêntrica², influenciada pela misoginia e pela dominação masculina” (Welzer-Lang, 2001 *apud* Toledo, 2013).

² Tendência de colocar o masculino como representação do todo e acima de tudo, como norma universal; supervalorização dos pensamentos masculinos.

Segundo Bordieu (2012), a divisão dos gêneros está centrada conforme a oposição entre o feminino e o masculino, contudo para Colling e Tedeschi (2015), não há uma verdadeira diferença entre eles, o que existe é a atribuição de sentidos. De acordo com Carvalhaes et al (2011), é a construção dos gêneros que produzem nas pessoas seus modos de subjetivação incorporadas nas vivências tanto sociais quanto particulares. Scott (1986 *apud* Louro, 1997) observou como a concepção dicotômica da binariedade dos gêneros concebeu o homem e a mulher dentro de uma lógica de dominação-submissão, na qual a dicotomia funda a superioridade do primeiro elemento (o homem). Nesse aspecto, muitos pesquisadores defendem a desconstrução rígida dessa polaridade dicotômica presente na divisão dos gêneros, já que o polo masculino abrange o feminino de forma derivada e aponta um lugar “natural” e fixo para cada um desses polos, na qual um é dominante (masculino) e o outro é dominado (feminino).

Por conseguinte, as características incumbidas aos gêneros foram elaboradas através do antagonismo. A virilidade foi formulada a partir de ideais de força, desempenho sexual e competência intelectual, enquanto a feminilidade foi moldada a partir da fragilidade física, da sensibilidade e pela capacidade biológica de engravidar (Busin, 2008). Esses atributos fazem parte da socialização dos papéis de gênero na identidade dos sujeitos e corroboram para que exista uma desigualdade entre eles. Para Busin (2008), “a desigualdade entre os gêneros é herdeira de valores definidos e fixados socialmente” e está presente em diversos momentos da história, por essa razão é necessário compreender o seu percurso, pois “sem o entendimento das origens e dos mecanismos das desigualdades entre homens e mulheres, não estaríamos em condições de aboli-los” (Mies, 2016).

A história como uma construção de interpretações e representações demarcada por relações de poderes, foi responsável por silenciar, inferiorizar, apagar e posicionar a história feminina à margem da masculina (Colling, 2004). A história feminina “sempre dependeu da representação dos homens (...) que, ao descreverem

as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis” (Colling, 2004).

“as relações de gênero, portanto, passaram por inúmeras alterações no decorrer da história da humanidade e hoje configuram-se como construções culturais de identidades masculinas e femininas, envolvendo relações de poder e impondo comportamentos aos homens e às mulheres que nem sempre se estabelecem através da coerção física, mas também através da subjetividade das relações humanas.” (Andrioli e Angelin, 2012)

Os valores sociais foram produzidos ao longo da história como verdades absolutas e contribuíram para uma formação social desigual. A inferiorização feminina é resultado de um longo período sócio-histórico-cultural marcado pela constante desqualificação da mulher. Segundo Rocha (2017), “ao longo dos anos, a sociedade patriarcal legitimou, por meio do discurso da supremacia masculina, a submissão da mulher em relação ao homem”.

A dominação masculina iniciou-se com a compreensão do homem sobre seu papel na reprodução (Balbinotti, 2018; Mies, 2016; Narvaz e Koller, 2006). A partir disso, instaurou-se a propriedade privada, as relações monogâmicas e a divisão sexual do trabalho (Narvaz e Koller, 2006). Com a propriedade privada, os homens passaram a ter poder sobre as mulheres (Souza e Lopes, 2019), o predomínio das relações monogâmicas fez com que o corpo e a sexualidade das mulheres passassem a ser controlados e, a divisão sexual do trabalho posicionou homens e mulheres em lugares distintos dentro da sociedade (Narvaz e Koller, 2006). Posteriormente foi estabelecido o patriarcado (Narvaz e Koller, 2006), uma nova ordem social baseada no poder masculino.

A divisão sexual do trabalho é sistema responsável por dispor homens e mulheres em polos antagônicos na sociedade: à mulher está reservado apenas o espaço privado, da casa, reprodução, família, dos afazeres domésticos, dos filhos etc., e, aos homens, a esfera pública, estrutura social, participação política, cultural, econômica, as decisões, os ofícios, o conhecimento, o poder etc. (Kergoat, 2000; Colling, 2004).

A delimitação da ocupação das esferas sociais conduziu a desigualdade que é mantida até hoje, já que o poder, as decisões e os privilégios foram dispostos aos homens. Uma vez que a divisão sexual foi instaurada, ela “foi conservada através de instituições poderosas como o sistema de casamento, sistema da família, pelo Estado e a construção de enormes sistemas ideológicos, sobretudo as religiões patriarcais” (Mies, 2016).

Dessa forma, a estrutura desigual presente no seio social posicionou as mulheres, sua condição inferior e reduzida ao ambiente doméstico e a reprodução à uma inclinação natural feminina (Costa et al, 2006; Mies, 2006; Pereira, 2012). Esse determinismo biológico reforçou a instituição e assimilação de uma verdade na naturalização da sujeição feminina (Colling e Tedeschi, 2015).

“Estes princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Este processo empurra o gênero para o sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuais, os quais remetem ao destino natural da espécie. No sentido oposto, a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sexuais são construções sociais, elas próprias resultados de relações sociais.” (Kergoat, 2000)

As questões biológicas foram instituídas para demonstrar as mulheres como seres incapazes de realizarem atividades fora do ambiente privado, pois não possuíam o aspecto físico para a força – como os homens, e eram consideradas incapazes de realizar atividades tidas como complexas e intelectuais (Pereira, 2012). Conforme Bourdieu (2012), “a força da ordem masculina se evidencia no fato que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la”. Empregadas como concepções naturais, a diferença biológica foi “enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres” (Bourdieu, 2012) e legitimou as diferenças sociais entre os gêneros (Bourdieu, 2012).

A área científica corroborou para que as concepções relativas as inferiorizações da mulher fossem estabelecidas e reconhecidas como uma ordem espontânea da

natureza feminina. A histerização da mulher decorreu de um discurso científico que produziu a essência feminina como física e emocionalmente frágil, com a sua natureza voltada a maternidade e não ao prazer sexual (Costa, 1996 *apud* Busin, 2008). Conforme Costa et al (2006), ocorreu um “processo de naturalização do corpo feminino como base de sua medicalização, que instituiu uma forma de controle social com base na reprodução”, Louro (2008) considera essas naturalizações como processos culturalmente construídos.

O marcador biológico, empregado nessa perspectiva, contribuiu com a desvalorização feminina, pois além de construir a crença da fragilidade feminina (Silveira e Vaz, 2014), também relacionou a reprodução e o trabalho doméstico a funções inerentes a natureza da mulher. Na divisão sexual do trabalho, como a ocupação doméstica é julgada como um “dom natural” que não produz a mais-valia (Mies, 2016; Pereira, 2012), ela é depreciada dentro do contexto social (Narvaz e Koller, 2016). Os reflexos dessa desvalorização do trabalho feminino apresentam consequências que ainda se fazem presentes: ainda existem desigualdades salariais entre homens e mulheres que exercem uma mesma função (Alvarenga, 2008; Pereira, 2012); a mulher possui mais dificuldade de ascensão profissional do que os homens; existe uma dupla jornada de trabalho imposta as mesmas, já que quando decidem trabalhar, ainda ficam responsáveis pelas tarefas domésticas (Alvarenga, 2008). Além dessas disparidades, as mulheres que decidem se afastar do modelo de esposa-mãe-que cuida do lar são culpabilizadas e julgadas (Follador, 2008; Narvaz e Koller, 2006).

“a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”) em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e ação.” (Bourdieu, 2012)

É evidente que a narrativa feminina foi compreendida à submissão e ao domínio masculino. Santana e Rasera (2018) citam a inferiorização frequente das mulheres

em diversos âmbitos; Follador (2009) aponta que a superioridade masculina é sustentada pelo controle do homem sob a mulher, Silva (2010), Mesquita e Almeida (2016) associam o condicionamento hierárquico inferior da mulher ao sistema sócio-histórico cultural que foi responsável por produzir as relações desiguais entre os gêneros e Louro (1997) coloca que é através de instituições, discursos, códigos, práticas e símbolos que se constituem as hierarquias entre os gêneros. Por conseguinte, incorporada nessas questões, a sociedade se desenvolveu alicerçada em relações assimétricas que conferiram espaço à uma estrutura social *patriarcal*³, na

³ O patriarcado “se expressa diretamente na ordenação legislativa que justifica a desigualdade” (Colling, 2004), ele reforça a subordinação feminina e a supremacia masculina, pois coloca a mulher sob o controle do homem (Narvaz e Koller, 2006), já que nesse sistema, as mulheres passam dos cuidados do pai ao marido - quando se casam (Balbinotti, 2018). Para Castro, Santos e Santos (2018), o patriarcado é um dos principais fatores pela desigualdade feminina existir na sociedade até hoje, de acordo com Rocha (2017), ele legitimou, através do discurso que pegava a supremacia masculina, a submissão da mulher. Narvaz e Koller (2006) elucidam que o poder patriarcal não é designado ao pai em si, mas ao “poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social”. Essa ordem social instaurou o controle da mulher, instituiu papéis sociais aos gêneros e privilegiou a ordem masculina, uma vez que os valores são perpetuados e reproduzidos por todos “através de padrões culturais patriarcais” (Cortes et al, 2015) de geração a geração ao longo da história (Cortes et al, 2015).

qual a mulher ainda é vítima de diversos tipos de *violências*⁴, do *machismo*⁵, da *misoginia*⁶ e do *sexismo*⁷ (Pereira, 2012).

“Os hiatos de desigualdades sociais, traço cultural da nossa sociedade, não são uma questão apenas de nível socioeconômico, mas também de uma cultura patriarcal e sexista que coloca a mulher em uma posição social de inferioridade hierárquica.” (Pereira, 2012)

Assim, ao se falar sobre os gêneros, é fundamental que se compreenda o conceito de patriarcado (Castro, Santos e Santos, 2018). O sistema patriarcal é uma forma de organização fundada “no poder do homem - chefe de família” (Pereira et al,

⁴ A violência contra a mulher é uma manifestação do sistema histórico sociocultural de assimetrias entre os gêneros, que colocou a mulher numa posição inferior ao homem em todas as camadas sociais (Casique e Fugerato, 2006; Silva, 2010). Conforme Rocha (2017), as práticas de violência se manifestam tanto no âmbito familiar quanto social, já que a própria cultura e a força normativa legislativa de diversos países legitimam essa violência. Trata-se do tipo de violência em que os homens exercem contra as mulheres como forma de controle e poder, na qual o gênero é a causa principal dessa violência (Casique e Fugerato, 2006). Pode ser expressada de forma sutil ou não, manifestada de forma física, psicológica, moral, econômica, social, patrimonial, sexual etc; tem como exemplos as violências domésticas, os abusos sexuais, agressões, estupros, feminicídios, entre outros.

⁵ O machismo, conforme Cortes et al (2015), é entendido como a superioridade que o homem exerce ao subjugar e inferiorizar as mulheres e corresponde a “um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, (...) por outro, a superioridade do masculino” (Castañeda, 2006). De acordo com Castañeda (2006) ele é uma forma de relação que está profundamente arraigada na sociedade e presente em quase todos os aspectos dela, já que como um conjunto de valores, impõe-se em toda a estrutura social e nas instituições. A autora também cita como o machismo estabelece diferenças e papéis exclusivos aos gêneros, como por exemplo a divisão sexual do trabalho, os homens como referência de força e orgulho e as mulheres como seres frágeis, fracos e ruins (Cortes et al, 2015), que carecem de cuidado e proteção - do homem. Cortes et al (2015) referem-se ao machismo como algo que “está arraigado na cultura de praticamente todos os povos e é um dos principais elementos perpetuadores dos atos violentos”.

⁶ A misoginia é caracterizada pelo desprezo as mulheres, para Fersini, Nozza e Rosso (2018, *apud* Jesus, 2018) ela pode se manifestar em forma de estereótipos e objetificações femininas, no domínio masculino, no assédio sexual, nas ameaças de violências e no descrédito feminino.

⁷ O sexismo é entendido como a supremacia de um dos gêneros (Toledo, 2008), como a nossa sociedade é caracterizada pelo domínio masculino, Santana e Rasesa (2018) colocam o sexismo como “uma forma de discriminação e preconceito dirigida às mulheres devido ao seu gênero (...) é uma forma de os homens buscarem manter sua supremacia perante as mulheres, tanto no contexto público quanto no privado”.

2019), “centrada na figura masculina” (Narvaz e Koller, 2006), que reforça os papéis atribuídos aos gêneros e a divisão sexual e social do trabalho, uma vez que posiciona as mulheres reclusas ao espaço privado e o homem ao público - ao comando e ao poder social (Pereira et al, 2019). Apesar dos avanços sociais na questão da igualdade, “o patriarcado ainda é um sistema muito presente, tendo apenas tomado novas configurações” (Castro, Santos e Santos, 2018) e “ainda há resquícios das bases alicerçadas na construção do modelo de sociedade atual, machista e patriarcal, que resiste aos tempos e perduram na contemporaneidade” (Pereira et al, 2019), já que o patriarcado apenas assumiu uma postura mais moderna, como pontuam Norvaz e Koller (2006), ele “só alterou suas configurações, mas manteve as premissas do pensamento patriarcal tradicional”.

Além disso, a mulher também está contida em um sistema de controles sociais de papéis normativos, na qual os papéis sociais estão inscritos dentro de práticas já definidas e difundidas na cultura e na sociedade e o corpo feminino também é controlado para alcançar aquilo que a sociedade define por feminilidade (Silveira e Vaz, 2014). Conforme Dauphin et al (2001), “procurando descrever papéis femininos, chegou-se a traduzir um certo número de práticas específicas”, assim, às mulheres estão impostas normatizações e representações daquilo que seria considerado uma “mulher ideal”. A esse conceito do que se espera da mulher dentro do contexto social e padrão do que é considerado ideal (Mérigar, 20006), cabe o papel de “esposa-mãe-dona-de-casa-assexuada” (Follador, 2009), “recatada, submissa, cumpridora dos afazeres domésticos” (Mérigar, 2006) e, caso a mulher transgrida esse modelo idealizado, é julgada e culpabilizada (Follador, 2009). Há também uma associação das desviantes com a imagem da prostituta (Follador, 2009). Para Mérigar (2006),

“a menor sensibilidade sexual da mulher “normal” – que subordina sua sexualidade à maternidade, em contraposição àquelas dotadas de erotismo intenso que se afiguravam como altamente perigosas, dadas como criminosas, loucas, prostitutas.”

Nesse imaginário social idealizado, a mulher passou a ser controlada e normatizada e as instituições também foram grandes responsáveis pela legitimação de um ideário feminino na sociedade e na cultura, principalmente a religião cristã.

“A naturalização da opressão das mulheres foi uma construção “eficiente” no decorrer dos milênios, reforçada também através dos mitos, contos e da religião, que intensificavam o papel de submissão imposto às mulheres. Aliado a esta ideia, difundiu-se e forçou-se um pensamento de que às mulheres era reservada uma vida dura no mundo privado, impregnada de dissabores e de servidão. Estes valores perduraram por muitos milênios na humanidade e tiveram o apoio irrestrito da religião.” (Andrioli e Angelin, 2012)

A religião cristã produziu diversos discursos que, por terem caráter divino, foram naturalizados na sociedade. A Bíblia, o principal livro cristão, traz em diversas passagens a submissão feminina, essas passagens foram utilizadas como justificativas para a inferiorização das mulheres, principalmente em trechos do Antigo Testamento (Andrioli e Angelin, 2012). O cristianismo, por possuir diversos símbolos patriarcais, criou “uma cultura de obediência cega à figura masculina que vai desde Jesus até os apóstolos, pais, padres, etc., a qual passou a ser o centro da religião patriarcal que gera opressão e autoritarismo” (Gebeara, 2000 *apud* Andrioli e Angelin, 2012).

O cristianismo auxiliou no controle do corpo e da sexualidade da mulher uma vez que reforçou a maternidade e o papel de doméstica à uma imposição social, na qual a sexualidade feminina deveria ser voltada apenas a fins procriativos. Além disso, a Inquisição, vista pela perspectiva de controle social por meio da repressão e penalização dos comportamentos tidos como desviantes, perseguiu muitas mulheres na chamada caça às bruxas, segundo Andrioli e Angelin (2012), durante esse período as mulheres “foram difamadas, desprezadas e exterminadas da sociedade”.

Muitas manifestações religiosas auxiliaram a configuração da identidade feminina (Andrioli e Angelin, 2012). Concebeu-se, através da religião cristã, um modelo de mulher fundamentado em Maria, que é virgem, casta, humilde, silenciosa, obediente e que tem o seu reconhecimento por ser mãe (Hörlle, Terra e

Brunnet, 2010). A mulher descrita como ideal pela Bíblia reflete o modelo de boa “esposa-mãe-dona-de-casa”, submissa e obediente, que se afasta do chamado pecado da carne pois concebe um filho ainda virgem. Além de Maria, o papel assumido por Eva foi visto como aquele que as mulheres não devem seguir, já que ela é colocada como uma “pecadora”, aquela que cedeu ao pecado da carne e à tentação e por isso foi responsável pela queda da humanidade do paraíso. Assim, através de Eva foi criado o estereótipo da mulher que representa o pecado e que por ter uma vontade sexual própria condenou a humanidade. E a perspectiva da criação em que Eva foi concebida a partir da costela de Adão (que a mulher deriva do homem e, devido a isso, é um ser inferior) também é muito mais difundida, mesmo que na Bíblia exista a criação do homem e da mulher de forma simultânea.

Apesar desses discursos terem se modificado ao longo do Novo Testamento, eles ainda são utilizados como forma de justificar discriminações e preconceitos a respeito de diversos assuntos. Mesmo que os ensinamentos de Cristo sejam para amar ao próximo, muitas instituições religiosas e pessoas em nome das mesmas se utilizam da justificativa divina para disseminar ideais discriminatórios.

De certa forma, a história feminina é marcada pela exclusão, interiorização, dominação e estigmatização. Ao observarmos os papéis definidos aos gêneros, o papel feminino está sempre associado ao masculino, seja na questão da divisão sexual do trabalho, seja na dominação, na subordinação ou na objetificação da mulher. A perpetuação dos estereótipos empregados aos gêneros assimilados como uma ordem natural dificulta a luta pela igualdade, já que a sociedade e as instituições corroboram para a legitimação de uma supremacia masculina “sob a pretensa neutralidade sexual dos sujeitos” (Colling, 2004).

Assim, dentro da perspectiva de gênero, como o papel da mulher é concebido através da perspectiva da procriação e do campo relacional com o homem, a sexualidade feminina é ignorada. Até o final do século XIX, o discurso científico e o senso comum “consideravam que as mulheres apenas tinham relações sexuais para

cumprir com suas obrigações do matrimônio, sendo, deste modo, quase impensável que tivessem atos sexuais entre elas” (Toledo e Filho, 2012), o que se prezava nas relações sexuais era o prazer masculino ou/e a reprodução (Toledo, 2008), foi só apenas há 100 anos que as mulheres passaram a ter o seu desejo sexual reconhecido (Reinoso, 2005 *apud* Toledo e Filho, 2012). Ainda hoje permanece a ideia de que as mulheres são seres menos sexuais que os homens e muitas vezes o prazer nas relações sexuais ainda está centrado no homem.

Por muitos anos foram negados diversos direitos as mulheres, já que estas foram excluídas da esfera pública, da participação política, econômica, cultural, científica, militar, religiosa etc. (Alvarenga, 2008). Apesar dos muitos direitos conquistados nos últimos anos e do despontar do feminismo, a desigualdade de gênero ainda se mantém e se manifesta em todos os âmbitos da sociedade e as mulheres ainda carregam em si muitos estigmas, estereótipos e a imagem de uma mulher ideal. Ainda existe a ideia de que o trabalho doméstico é uma tarefa sexuada feminina, de que a mulher precisa ser mãe para se realizar como mulher, da necessidade de se construir uma família, da desvalorização do trabalho feminino, da diferença salarial, há violências e opressões de gênero, o controle sobre a sexualidade e o corpo da mulher, etc. Alvarenga (2008) aponta que

“enquanto houver uma educação voltada para a superioridade masculina, onde os estereótipos, os preconceitos e as discriminações de papéis são reafirmadas reiterada e cotidianamente – seja no âmbito privado, seja no âmbito público –, enquanto houver uma educação de desigualdade, enquanto houver submissão e subemprego ou excessiva lentidão em relação ao acesso da mulher a cargos e postos de alto nível e de maior responsabilidade, enquanto houver discrepâncias de níveis salariais, enquanto houver tratamentos diferenciados, enquanto houver assédio moral e violências, enquanto houver opressão e dominação masculina sobre a feminina, não se pode falar em igualdade.”

É necessário reavaliar os conceitos que ainda estão presentes na nossa sociedade, que foram adquiridos devido uma construção histórica distorcida e apagada da imagem feminina, e compreender as práticas socioculturais que contribuem para a perpetuação dessa inferiorização. Como a mulher foi excluída durante todo o

processo civilizatório humano devido a divisão sexual do trabalho, ela ainda carrega estigmas socialmente construídos, sua identidade é construída a partir de tarefas e deveres. Apesar dos avanços proporcionados pelas reivindicações e lutas femininas, as relações desiguais entre os gêneros é algo que se concretiza até hoje (Mies, 2016), já que é algo contínuo e dinâmico, pois “percorre vários aspectos sociais em que se situam os diferentes grupos coletivos de mulheres, em função de uma maior ou menor intensidade de opressão” (Treviso, 2008). Assim, ainda existem muitas desigualdades a serem combatidas, pois no imaginário social a mulher continua a ser vista de forma normatizada e inferiorizada e continua a ser violentada em muitas sociedades. É necessário a transformação dos paradigmas sociais para a promoção de mudanças nas estruturas, principalmente as patriarcais e machistas, que naturalizam a desvalorização feminina e colocam, no senso comum, por meio das diversas instituições, essa desvalorização como uma verdade absoluta, natural, inata, assimilada e disseminada por todos, e que também acaba por dar espaço a diversos tipos de violências contra a mulher.

identidade homossexual

A sexualidade é uma expressão humana construída por meio de diversos aspectos. É uma prática atravessada por questões "individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade e envolvem práticas, atitudes e simbolizações (Ressel e Gualda, 2003). Suas significações podem se modificar de acordo com a sua inserção contextual, geográfica e temporal.

“A construção (...) das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo construtivo.” (Louro, 2008 *apud* Fonseca, 2011)

Por ser experienciada através das relações sociais, a sexualidade é vivenciada pelos indivíduos envolta por vários discursos "recobertos de símbolos, rituais e valores que estruturam e dão coesão às práticas e instituições sociais" (Prado e Machado, 2017). Apesar de ser uma manifestação natural humana, ainda não é tratada com naturalidade, “o discurso sobre o sexo e a sexualidade passou por processos diversos de saber, de poder, de verdade, do lícito, do ilícito, da obediência, da repressão (...) foi construída uma “verdade” em volta do sexo e a propósito dele” (Fonseca, 2011).

Segundo Bearzoti (1993), a "sexualidade é um assunto complexo, controvertido e de conceituação difícil. Tem sido alvo de tabus, repressões, distorções e tentativas de reduzi-la a sinônimo de genitalidade e de reprodução". Tem passado por meio de dispositivos disciplinares e "discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’" (Foucault, 1988 *apud* Louro, 1997).

“torna-se importante identificar os diferentes fatores que influenciaram o modo como a sociedade concebeu a sexualidade ao longo da história, no intuito de reconhecer os elementos que incidem sobre o modo como é significada na atualidade.” (Senem e Caramaschi, 2017)

A sexualidade humana é normatizada, controlada, oprimida, vigiada e dominada por diversos discursos (religioso, científico, médico, jurídico etc.), “o controle do

sexo esteve agregado a um rígido controle de relações de poder, ou seja, a aliança da Igreja, do Estado, da Medicina e da Família” (Fonseca, 2011), que buscaram justificar, de maneira "lógica", a heterossexualidade como única maneira correta de vivenciar a sexualidade. Como a sociedade possui uma ordem social constituída por práticas discursivas já radicadas no meio social em que a construção da identidade dos sujeitos acontece através de um sistema normativo de regulamentações construído ao longo da história, a imposição de papéis e controles sociais contribuiu para que certos comportamentos sexuais passassem a ser alvo de preconceitos, discriminações, condenações, perseguições, repressões, violências, julgamentos e intolerâncias.

"Sendo os caminhos de nossa sexualidade os constituidores de formas de expressão de prazer, de visibilidade e de relação social, estão por demais recobertos de símbolos, rituais e valores que estruturam e dão coesão às práticas e instituições sociais (...) nossos hábitos sexuais dependem exclusivamente da construção social das relações entre/pelos seres humanos, relações estas que por sua vez não existem em contextos abstratos, mas estão sempre amalgamadas pela concretude de contextos culturais, geopolíticos, padrões morais e suposições sociais." (Prado e Machado, 2017)

Na medida em que a heterossexualidade é tida como a única conduta sexual aceita e julgada como natural/normal e moralmente superior, "a homossexualidade foi ao longo dos tempos e das diferentes culturas, motivo de punição, de vergonha, segregação e violência contra todos aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade” (Molina, 2011), desde a esfera moral, à religiosa, jurídica e médica/científica. Dessa forma, a ordem social, por meio de um discurso hegemônico⁸ sustentado por diversas instituições, legitimou diversas práticas e discursos sociais que produziram, ao longo da história, discriminações, exclusões e violências, assim como a condenação, a criminalização e a patologização dos comportamentos sexuais considerados desviantes. Os valores heteronormativos e heterossexistas⁹ se

⁸ Discurso que transforma uma experiência particular numa experiência universal e por isso inferioriza e invisibiliza as outras possibilidades de experiências (Prado e Machado, 2017).

⁹ Serão explicados na página 67.

estabeleceram nas convenções sociais e produziram uma série de condutas nocivas dirigidas aos não-heterossexuais.

"Como vários discursos deslocaram a sexualidade para o campo da moral e da ciência, transformando versões particulares, ideológicas, em verdades absolutas, que operavam - e muitas ainda operam - legitimadas/legitimando instituições sociais e lugares de poder, instituindo/colaborando para subalternidades sexuais de milhões de pessoas" (Prado e Machado, 2017).

Apesar da existência das práticas sexuais entre pessoas do mesmo gênero ao longo da história, a palavra homossexual só foi concebida a partir do século XIX (Monteiro, Mendes e Lorio, 2018). Anteriormente eram nomeados sodomitas, uma referência ao coito anal, configurado a um crime ou pecado, na qual todos estavam passíveis de cometê-lo (Busin, 2008; Costa 1995, 2002 *apud* Prado e Machado, 2017).

No decorrer do período grego, a sexualidade masculina era associada ao poder e a dominação - que estavam relacionados ao ato de penetrar com o falo, "a cultura sexual era de valoração do sujeito do sexo biológico masculino" (Toledo, 2008). Embora as relações sexuais entre homens fossem admitidas, essas relações não poderiam expressar passividade (ato de ser penetrado) por parte dos indivíduos que ocupavam uma posição de prestígio, pois a passividade estava associada à uma posição considerada como inferior, destinada as mulheres e aos escravos (Toledo, 2008). Posteriormente, a sociedade ocidental, influenciada pelas heranças hebraicas, romanas e helênicas, centrou as relações sexuais na procriação (Prado e Machado, 2017). Na Idade Média, a regulação da sexualidade teve grande influência religiosa do cristianismo (Figueró, 2001 *apud* Senem e Caramaschi, 2017; Prado e Machado, 2017), que também centrava as relações sexuais aos fins reprodutivos, e fez emergir a moralidade do estigma negativo no sexo e no prazer, e criou, através da confissão, um controle sobre a sexualidade (Salles e Ceccarelli, 2010). No mesmo período a homossexualidade foi caracterizada como um pecado passível a pena de morte - a sodomia (Junior e Maio, 2016). Na Bíblia, a homossexualidade foi condenada, já

que as práticas sexuais consideradas “normais” ou “naturais” eram aquelas com o fim da procriação, da preservação da espécie (Ceccarelli, 2000). Dessa maneira, a moralidade cristã defendeu a existência de uma inclinação natural das coisas, na qual qualquer comportamento desviante deveria ser condenado, reprovado e reprimido. A religião cristã foi uma das principais responsáveis pelos discursos que promoveram a desqualificação, a perseguição e a opressão da homossexualidade (Santana e Rases, 2018) e também enraizou muitos dos ideais discriminatórios na nossa cultura (Ceccarelli, 2000).

A partir do século XVIII com o chamado dispositivo na sexualidade, emergiu “uma rede sutil de proliferação de discursos, saberes, prazeres e poderes sobre uma verdade sobre o sexo passou a funcionar” (Foucault, 1988 *apud* Toledo, 2013). O discurso teológico deu origem a práticas jurídicas em repressão aquelas julgadas “anti-naturais”: “as práticas “contra a natureza”, consideradas um atentado ao pudor, aos bons costumes, e à opinião pública, acarretam severas sanções para que o “normal” seja mantido” (Ceccarelli, 2000). Em seguida, o discurso médico de âmbito psiquiátrico aparece como forma de legitimar o controle social (Júnior, 2008) dos discursos morais teológicos e jurídicos, ao dar respaldo científico e classificar os atos sexuais considerados desviantes (Ceccarelli, 2000). “A ciência nunca foi neutra e quando ela é baseada em seus próprios preconceitos, pesquisadores constantemente chegam a conclusões absurdas” (Torrão Filho, 2000 *apud* Toledo, 2008). Os comportamentos que a classe dominante considerava fora dos padrões definidos como “normais”, passaram pela interferência das instituições (Júnior, 2008), o discurso científico do século XIX “esteve preocupado em passar crenças, ofuscar sistemas e em criar ‘verdades’”, essas verdades estiveram controladas pelas relações de poder através dessas instituições - a Igreja, o Estado, a Família e a Medicina (Fonseca, 2011).

Assim, a homossexualidade, por meio dos diversos discursos e instituições, passou do pecado ao crime e do crime a patologia. Mesmo com a abolição dessas

concepções, ainda é marginalizada e discriminada, já que existem construções culturais e históricas que impõem normas, na tentativa de criar e legitimar uma sexualidade considerada universal e “natural” - a heterossexualidade (Ceccarelli, 2000).

“Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob acusação de crime, pecado ou doença.” (Prado e Machado, 2017)

De acordo com Busin (2008), a sexualidade foi construída através da construção dos gêneros, dos papéis empregados aos homens e as mulheres, que posicionaram o papel do sexo na procriação e colocaram a heterossexualidade como uma norma e a homossexualidade como o desvio dela. Para Louro (2008), o gênero e a sexualidade são aprendidos através de discursos repetidos, como o midiático, o religioso, científico e jurídico. Como a heterossexualidade foi construída como uma norma por esses e muitos outros discursos, as outras vivências sexuais acabam por ser estigmatizadas, já que a heterossexualidade é imposta como um padrão social do que se espera do comportamento dos indivíduos, uma norma a ser seguida. Dessa maneira, o estigma e o preconceito aparecem para todos os sujeitos que transgridam o papel ou a ordem social (Barros, 2014), assim como a discriminação e a marginalização, principalmente no caso dos homossexuais, que podem culminar em violências em todos os âmbitos de suas vidas.

Diante disso, é possível perceber de que maneira a sociedade se organiza para definir o comportamento dos indivíduos e como, nesse contexto de ordem, papéis e controles sociais, as normatizações influenciam diretamente na vida dos sujeitos e principalmente dos grupos sociais que não se encaixam nelas. No caso das pessoas homossexuais, fica evidente que o longo período histórico de perseguições acarretou a uma construção de um imaginário social impregnado de preconceitos, discriminações, violências e desigualdades que, ainda hoje, são produzidos e

reproduzidos dentro da sociedade, tanto pelas pessoas como pelas instituições. Apesar dos avanços em diversas partes do mundo, principalmente a nível de direitos civis, como o casamento, união afetiva, adoção, entre outros, ainda não se pode falar em igualdade, já que o preconceito e as violências contra pessoas LGBTQ+ são recorrentes e em alguns lugares a homossexualidade ainda é proibida e perseguida, e pode acarretar à prisão (até perpétua) ou mesmo à pena de morte (Mantovani, 2018).

por que não se fala sobre elas?

“Seguimos fetichizadas nas ruas e na mídia e a nossa sexualidade segue sendo infantilizada e banalizada, uma vez que a sociedade patriarcal só acredita no modelo heteronormativo de relação e afeto. Tal modelo legitima assédios, violências e a nossa total invisibilização, colocando, desta forma, nossas vidas em risco a todo momento”

— **Natalia Pinheiro, 2017.**

Apesar da história das mulheres lésbicas estar compreendida na história da homossexualidade, a lesbianidade não deve ser vista como uma extensão da homossexualidade masculina. A construção dos gêneros posiciona o masculino e o feminino de formas distintas, logo, a homossexualidade também será experienciada de forma diferente de acordo com o gênero.

Ao longo da história, as mulheres homossexuais foram referenciadas por diversos termos: “*fricatrix*, safistas, lesbianas, tribade, sodomita feminina, invertida, homossexual feminina e lésbica” (Toledo, 2008). Os registros referentes as lésbicas são escassos e muitas vezes não condizem com a realidade, pois foram escritos a partir da ótica masculina, a invisibilidade que ainda hoje existe sob as relações entre mulheres também ocorreu ao longo dos tempos. Ainda existe o desconhecimento sobre as mulheres lésbicas, suas demandas e especificidades, sua existência ocorre entre a invisibilidade, a estigmatização, o preconceito e as violências.

No decorrer da Idade Média, enquanto a homossexualidade masculina era punida e condenada, as relações sexuais entre mulheres eram ignoradas, já que essas relações não eram consideradas como uma relação sexual verdadeira, uma vez que a vontade sexual da mulher não era validada e sua função era apenas a de gerar filhos. Já durante a Renascença,

“devido à intensa misoginia existente nesse período, a sodomia feminina foi relegada a segundo plano. Acreditava-se, assim como nos períodos anteriores, que para que ocorresse o prazer sexual feminino era necessária a presença de um pênis, sendo inimaginável, para a maior parte dos homens, o prazer sexual entre mulheres e mesmo o prazer na masturbação feminina. Foi aí que se consolidou o significado da relação entre mulheres direcionada estritamente ao prazer dos homens.” (Toledo, 2008)

Durante a Inquisição, a criminalização das relações entre mulheres foi revogada após 33 anos, porque, com a sexualidade feminina descredibilizada, ainda não se acreditava na possibilidade de sodomia entre elas (Toledo, 2008).

A maneira que a homossexualidade feminina foi tratada durante os períodos históricos demonstram que, mesmo que as lésbicas não tenham sofrido as mesmas sanções e repressões que os homossexuais masculinos, não significa que a lesbianidade foi mais aceita, mas sim que a desconsideração da mulher enquanto um ser que possui vontades sexuais é totalmente desconsiderado e ignorado, assim como expõe o falocentrismo, na qual as relações só são válidas com a presença masculina e do falo, fatos que perduram até hoje no contexto social.

Assim, pensar na existência lésbica dentro de uma sociedade que foi erigida sob a dominação masculina é estar face a um desafio. As construções sociais, ao produzirem uma cadeia de valores normativos, traduziram nas práticas sociais regulações que reprimem as mulheres lésbicas. São diversas as sanções que envolvem essas mulheres no meio social, que se encontram entre o silenciamento, a marginalização, opressão, discriminação, exclusão, violência e a invisibilidade.

“Não se trata apenas de silenciamento e apagamento social, mas também, quando rompida essa barreira, diz respeito à opressão de gênero difundida pelo patriarcado e ao preconceito quanto à orientação afetiva-sexual, por meio do assédio, da violência física e psicológica, da violência institucional e simbólica, e, por fim, da violência sexual.”
(Wermuth e Canciani, 2018)

A cadeia de valores hegemônicos traduzidas nas práticas e discursos sociais, que contribuem para que a lésbica ocupe um lugar de invisibilidade na sociedade, surgem de nível individual à estrutural, já que são concebidas e postas em práticas não só pelas pessoas como também pelas instituições sociais, cuja os mecanismos de sustentação e legitimação advém de um corpo social que normatiza, sanciona e legitima. Assim, a heterossexualidade compulsória, a heteronormatividade e o heterossexismo podem ser vistos como regulações sociais que partem desses sistemas normativos.

“a invisibilidade social que envolve mulheres lésbicas pode ser considerada uma atitude manifestadora de um reflexo maior, de uma misoginia que transforma a sexualidade feminina em instrumento de desejo masculino, tornando impensáveis as relações erótico-afetivas entre as mulheres.” (Borllo, 2010 *apud* Eugelmi, Scardovelli e Cozza, 2020).

Como consequência, às lésbicas é destinado um local de invisibilidade social. A invisibilidade lésbica pode ser compreendida a partir de quatro aspectos principais - a negação da existência, a descredibilização, o fetichismo e a lesbofobia – que, ao operarem em conjunto, atuam como um ciclo. Primeiro nega-se a existência da mulher lésbica e, quando finalmente sua existência é aceita, é apenas como algo fantasioso, na qual sua existência no mundo real é constantemente descredibilizada. Tanto a negação da existência quanto a descredibilização surgem devido a ruptura das mulheres lésbicas com o papel social da mulher na sociedade, que é aquela sujeitada as vontades masculinas. Por fim, aceita-se a sua existência no plano real, mas como alvo de fetiche, para satisfazer as vontades sexuais masculinas e, quando esse papel é rejeitado pelas mulheres lésbicas, surge a lesbofobia como forma de punição.

heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e heterossexismo

A sexualidade está pautada em uma ordem social que estabelece a heterossexualidade como padrão. Nessa conjuntura, existem diversas regulações, práticas e discursos que legitimam os comportamentos sexuais baseados em uma hegemonia social que posiciona os indivíduos em sistemas normativos, como o heterossexismo, a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória.

Todos esses sistemas estão associados aos papéis sociais que, ao serem estabelecidos na sociedade, criam padrões e expectativas que regulam o comportamento dos indivíduos através de normas, valores, crenças, hábitos, regras, discursos etc. Dessa maneira, esses sistemas normativos visam estabelecer uma ordem sexual fundamentada no modelo de relações heterossexuais. Essas formas de manter a heterossexualidade como norma para reforçar a mesma como elemento fundamental na vida dos indivíduos, impõe o modelo heterocentrado pautado em condutas baseadas na divisão dos gêneros e abre precedentes para discriminações e violências.

O *heterossexismo* pode ser compreendido como um sistema cristalizado na sociedade fundamentado na supremacia da heterossexualidade. Ao colocar a heterossexualidade como única forma aceita de se experienciar a sexualidade, esta se converter em uma norma que acaba por desqualificar e deslegitimar todas as outras vivências sexuais.

Como a identidade de todos os sujeitos é construída dentro da própria sociedade e ela tenta tornar a heterossexualidade como a sexualidade padrão, o heterossexismo se evidencia enquanto uma norma regulatória manifestada através de um sistema de promoção constante da heterossexualidade, para que ela seja considerada a única sexualidade "natural" e correta e, como consequência disso, julgada como superior. Além disso, ele estabelece o pressuposto de que todas as pessoas são (ou pelo menos deveriam ser) heterossexuais. Por conseguinte, todas as condutas não-heterossexuais

passam a ser consideradas desviantes e, em função disso, tornam-se passíveis a sanções negativas tanto por parte dos indivíduos como das instituições. E, como visto, essas sanções já se deslocaram entre os diversos discursos institucionais: da imoralidade do pecado, à pena de morte e condenação civil à patologia.

Ao produzir uma hierarquização sexual na qual a heterossexualidade é vista como um parâmetro social de conduta correta, o heterossexismo contribui para que se produza desigualdades e diversas práticas e comportamentos preconceituosos e discriminatórios voltados para as demais orientações sexuais. De acordo com Rios (2009, *apud* Nascimento e Cruz, 2018), ele pode ser definido como

“(...) um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito. Uma vez institucionalizado, o heterossexismo manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico. Daí advém, de um lado, superioridade e privilégios a todos que se adequam a tal parâmetro e de outro, opressão e prejuízos a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e até mesmo a heterossexuais que porventura se afastem do padrão da heterossexualidade imposto.”

A *heteronormatividade* se traduz na “exigência política e social de que as pessoas organizem sua vida dentro do padrão heterossexual” (Santana e Rasera, 2018). Trata-se de um modelo normativo das relações que determina papéis moldados através da divisão sexuada dos corpos, mesmo quando a relação é constituída por pessoas do mesmo gênero. Por estar fundamentada na matriz da sexualidade e do gênero, a heteronorma se sustenta nos papéis sociais baseados no molde da relação heterossexual, aquela constituída por uma mulher e um homem.

Como a divisão sexuada dos corpos é estruturada através dos papéis de gênero e o gênero está associado a determinadas atribuições sociais naturalizadas na sociedade, é esperado que todos os indivíduos ajam de acordo com seu gênero, uma vez que existem expectativas sociais acerca tanto do papel feminino quanto do masculino. Assim, a heteronormatividade, por ser pautada na binariedade dos corpos, estipula na organização social a dicotomia dos gêneros refletida no formato

da relação heterossexual: qualquer relação deve obedecer a existência de papéis divergentes (feminino e masculino) para os dois indivíduos, mesmo quando a relação se dá entre pessoas do mesmo gênero - estes devem se organizar de maneira em que uma parte atue com aspectos delegados ao que se estabeleceu como papel da mulher e a outra parte com o papel do homem. Por estabelecer o feminino e o masculino como complementos dentro da relação, a heteronorma, assim como o heterossexismo, privilegia os indivíduos que seguem a norma padrão: de ser heterossexual.

A *heterossexualidade compulsória* é um termo utilizado por Adrienne Rich em 1980 para traduzir uma série de regulações e sistemas normativos que configuram a heterossexualidade como uma instituição. Como indicado na própria nomenclatura, pode ser sintetizado à imposição da heterossexualidade sob os indivíduos.

Na medida em que a sociedade foi erigida perante a hierarquia dos gêneros, a dominação masculina coloca a mulher sob o controle dos homens. Dessa maneira, a heterossexualidade compulsória, apesar de atingir todos os indivíduos, afeta em maior grau as mulheres de modo geral – mas se manifesta de formas distintas na vida das mulheres heterossexuais e homossexuais.

De acordo com Rich (1980), "as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas - mesmo se opressivos e não satisfatórios." Dessa maneira, é impelido que todos os sujeitos se enquadrem dentro do modelo social estipulado: o heterossexual - na qual ambos os indivíduos performem de acordo com as características consideradas ao seu gênero. Com isso, a exigência da existência do que é entendido como feminilidade e masculinidade nas relações, constrói condutas que submetem as mulheres a um espaço de opressão, subordinação e até mesmo violências. Essa idealização do relacionamento heterossexual é ressaltada por diversas instituições, principalmente a familiar, religiosa e midiática.

“As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura.” (Rich, 1980)

Essa forma de reforçar a heterossexualidade como algo inevitável sob os indivíduos, envolve tanto a inferiorização feminina, quanto o apagamento social sistemático das mulheres lésbicas. Às mulheres heterossexuais, submete-se o prisma das relações heterossexuais calcada nos papéis de gênero que posicionam as mulheres como subordinadas aos homens; às lésbicas, a ótica da invalidade sob suas relações.

negação da existência

“Triste, louca ou má / Será qualificada / Ela quem recusar / Seguir receita tal / A receita cultural / Do marido, da família / Cuida, cuida da rotina / Só mesmo, rejeita / Bem conhecida receita / Quem não sem dores / Aceita que tudo deve mudar / Que um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define / Você é seu próprio lar.”

— **Francisco, El Hombre - Triste, Louca ou Má.**

A negação da existência das sujeitas lésbica está relacionada ao modo com que essas mulheres são vistas pela sociedade. Para Rocha (2017), “o sujeito somente existe enquanto inscrito em determinado discurso legitimado histórica e culturalmente” (Rocha, 2017), e a mulher enquanto lésbica, deixa de existir na sociedade, já que, de maneira paradoxal, só existe porque os discursos e práticas a tornam invisível.

Quando se é negado a existência de alguém na sociedade, impossibilita-se que essa pessoa exista perante o corpo social. Conforme Barbos (2006, *apud* Souza e Pereira, 2013), “a determinados grupos sociais é negado praticamente o status de membros da sociedade”. Como “o indivíduo é socializado para ser uma determinada pessoa e habitar um determinado mundo” (Berger, 1985), a exclusão social acontece quando os mesmos se afastam das normas sociais e não desempenham o seu papel

da forma em que a sociedade espera: “se nenhuma dessas condutas for possível, tentaremos, então, agir como se ele fosse uma “não-pessoa” e não existisse, para nós, como um indivíduo digno de atenção ritual” (Goffman, 1981).

A inexistência imposta a mulher lésbica está associada tanto com os papéis de gênero quanto com a construção da identidade e sexualidade feminina. Como a construção do gênero ocorreu através da submissão e inferiorização da mulher, a identidade feminina na divisão sexual do trabalho, é relacionada ao trabalho doméstico e a procriação como o determinante da sexualidade feminina – ambos tidos como dons naturais. Essas características estabeleceram a identidade da mulher como aquela que tem a sua existência atrelada ao seu papel em relação com os homens: a de mulher que é mãe-esposa-dona de casa. Elas “só podem existir na relação com os homens: existem mulheres porque existem homens” (Gimeno Reinoso, 2005 *apud* Toledo, 2008)

“As mulheres passaram a ser definidas pelos seus corpos que procriam e seduzem, vejam que ambos os atributos são voltados para o masculino, para os homens. Então eu não sou uma mulher? Melhor ainda, então eu não sou uma ‘verdadeira mulher’? Eu não sou posse de um homem, nem minha existência como lésbica se dá em função dos homens. O que determina, ou como foi determinado o que seria uma verdadeira mulher?” (Acedo, 2014)

No fim do século XIX, o discurso científico e o senso comum “consideravam que as mulheres apenas tinham relações sexuais para cumprir com suas obrigações do matrimônio, sendo, deste modo, quase impensável que tivessem atos sexuais entre elas” (Toledo e Filho, 2012). Mesmo que há 100 anos as mulheres passaram a ter o seu desejo sexual reconhecido (Reinoso, 2005 *apud* Toledo e Filho, 2012), o assunto ainda é pouco discutido e carregado de controles e tabus. Como historicamente a sexualidade feminina foi vinculada somente a procriação e ao prazer masculino, enquanto o seu o prazer e a sua vontade sexual foram condenados, os reflexos desses pensamentos persistem na sociedade atual.

A produção da narrativa da subjetividade feminina através de discursos e instituições sociais naturalizou condições que se fixaram na identidade da mulher: a narrativa religiosa e a forte influência das convenções judaico-cristãs colocaram a mulher como complemento do homem, fixaram o modelo ideal em Maria, conduziram a função da mulher na maternidade, impuseram a submissão feminina etc.; a narrativa científica corroborou com as ideologias religiosas e as naturalizou ao posicioná-las na questão biológica; e a narrativa jurídica trouxe o modelo punitivista para assegurar que a identidade feminina se mantivesse nessas convicções.

Dessa maneira, a negação da existência lésbica acontece através do conflito da sua existência enquanto mulher que não assume o papel condicionado ao que se considera ser mulher na sociedade. A medida em que as lésbicas não se relacionam com homens, ocorre uma contraposição à definição do papel feminino que tem sua identidade baseada em tarefas e deveres para com o masculino, há uma ruptura ao que a sociedade considera como “normal” (o relacionamento heterossexual – das mulheres com os homens).

“Lesbiana é o único conceito que conheço que está mais além das categorias de sexo (mulher e homem), pois o sujeito designado (lesbiano) não é uma mulher, nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente. Pois o que faz uma mulher é uma relação social específica com um homem, uma relação que chamamos servidão, uma relação que implica uma obrigação pessoal e física e também econômica (“residência obrigatória”, trabalhos domésticos, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos, etc.), uma relação a qual as lésbicas escapam quando rejeitam tornar-se o seguir sendo heterossexuais.” (WITTIG, 1970)

Se o que se entende como mulher são definições em que as lésbicas não se encaixam, então, as lésbicas não só passam a não serem vistas como mulheres, como passam a não ser vistas no geral, pois nega-se a existência desse “tipo” de mulher.

descredibilização

Dentro do imaginário social foram construídas diversas imagens envoltas pelos gêneros. Enquanto o homem homossexual é visto como aquele que se aproxima do que é considerado como feminino, a mulher lésbica é vista como aquela que se afasta desse ideal – e não como alguém que se aproxima do masculino. Incorporado nesse pensamento, existem diversas problemáticas sociais (como o machismo, falocentrismo, patriarcado, sexismo etc.) que, derivadas da desigualdade entre os gêneros e da sua hierarquização, colocam o homem como superior a mulher. Como resultado, os homens que se afastam do modelo imposto de masculinidade – como os homossexuais, assumem um papel tido como inferior, aquele que se aproxima do feminino. Já quando relacionada as mulheres que se afastam do modelo feminino, não é considerado que elas estão assumindo um papel masculino, pois esse papel jamais pode ser alcançado pelas mulheres.

A descredibilização possui muitas similaridades com a negação da existência, pois advém das mesmas causas e parte das mesmas premissas. Porém, a diferença decorre porque a existência da mulher lésbica na descredibilização é aceita, mas ela somente existe como uma lenda, algo irreal e fictício. Desacredita-se na existência real de uma mulher que rompe com o masculino, tanto na esfera afetiva quanto sexual. O falocentrismo, ao colocar a primazia do falo, e posicionar o pênis como fundamental nas relações e, conseqüentemente, a superioridade masculina na sociedade, auxilia em grande parte na descredibilização das relações lésbicas, uma vez que a sociedade só legitima relações sexuais com a presença e a penetração do falo.

fetichismo

Com os papéis de gênero centrado no masculino, as mulheres, ao longo da história, tiveram sua identidade calcada em tarefas e deveres para com os homens.

Essa dinâmica social posicionou as mulheres como objetos que estão disponíveis para sanar as necessidades masculinas, sejam elas domésticas, na geração de filhos ou na satisfação sexual. O fetichismo já existe mesmo quando voltado a imagem feminina no geral, mas quando visto pela ótica da lesbianidade, deslegitima as relações entre duas mulheres, ou melhor, só legitima quando esta serve para ser observada e apreciada pela ótica masculina – por isso as relações entre mulheres que não preformam a feminilidade é visto como algo nojento e digno de repulsa.

Como o fetichismo voltado para o contexto das relações lésbicas posiciona essas relações para serem apreciadas por outrem, o foco dessas relações é transferido para esse observador, ou seja, aquela relação não é mais sobre quem se relaciona e sim sobre quem a fetichiza. Essa objetificação lésbica descarta a existência de relações sexuais legítimas entre mulheres que não sejam para a satisfação masculina.

Um claro exemplo da fetichização lésbica é a indústria pornográfica. De acordo com *charts* publicados pelo Pornhub, um dos maiores *sites* de conteúdo adulto do mundo, o termo “lesbian” sempre ocupou uma posição entre os três primeiros termos mais pesquisados no mundo durante o período de 2014 a 2019 (Apêndice C). No contexto pornográfico, existem diversas problemáticas a serem discutidas, como a hipersexualização, hiperfeminilização, irreabilidade (como mulheres magras, depiladas, maquiadas, com sapatos de salto alto, unhas grandes¹⁰, etc.) e a reprodução do olhar masculino nos conteúdos, para que essa reprodução visual do sexo entre duas mulheres esteja de acordo com a vontade masculina. Outro ponto de destaque é quando as relações entre mulheres acontecem na pornografia, essas mulheres se mostram dispostas a terem relações sexuais com homens – o que, mais uma vez, não condiz com a realidade. Isso demonstra que, no imaginário masculino, as lésbicas existem para satisfazê-los, estão abertas para permitirem que os homens

¹⁰ Quando a relação sexual entre mulheres intercorre com a utilização dos dedos, é importante que as unhas sempre estejam cortadas tanto pela questão de higiene, pois as unhas acumulam diversas impurezas, quanto pela questão das lesões que a unha comprida pode causar.

façam parte das suas relações e também que, muitas vezes, essas relações só estarão completas com a presença masculina.

Outro exemplo em questão é a discriminação algorítmica, como a de pesquisas do Google. O algoritmo, por ser uma inteligência artificial que leva em consideração a tomada de decisão dos próprios usuários, também aprende a se comportar como os usuários e, por isso, pode ser discriminatório. Dentro do contexto lésbico, o algoritmo de pesquisas do Google, até 2019, relacionava a palavra “lésbica” com conteúdos pornográficos. Dessa maneira, quando se procurasse pela palavra “lésbica” dentro da plataforma, o mecanismo de busca gerava resultados voltados para a pornografia, enquanto para o termo “gay” o mesmo não acontecia (Figura 2). No dia 19 de Julho de 2019, a própria empresa corrigiu o algoritmo para que ele não tivesse mais comportamentos discriminatórios e fetichistas em relação a pesquisas com os termos relacionados a lesbianidade (Figura 3).

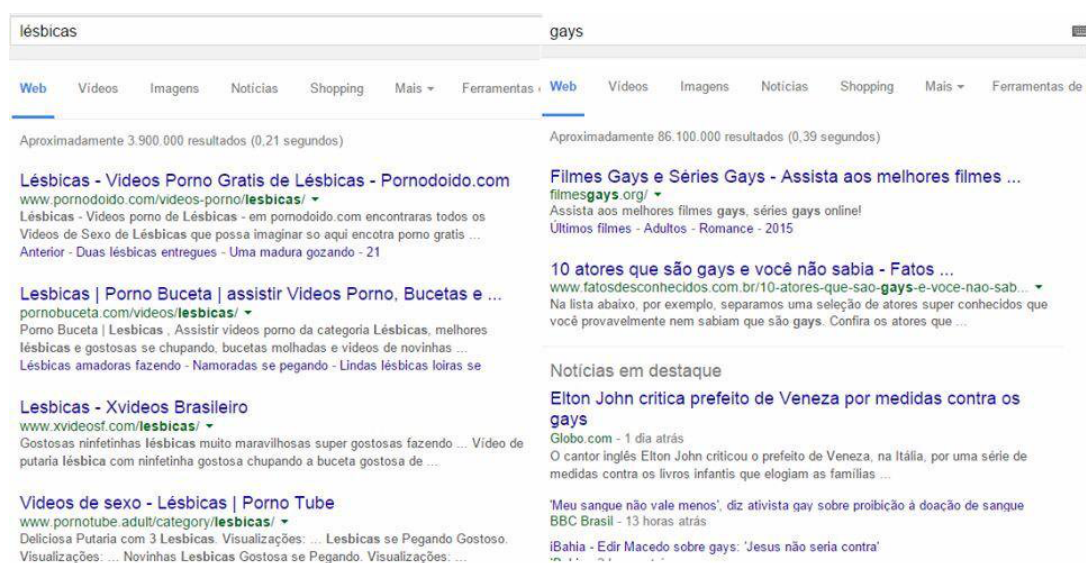


Figura 2 - Pesquisas Google Lésbicas x Gays
Fonte: Autora, 2019.



Google conserta seu algoritmo para que a palavra 'lésbica' não seja mais sinônimo de pornô

A partir de agora, pode-se encontrar a página da Wikipedia e outros conteúdos informativos

Figura 3 - Notícia da correção do algoritmo de pesquisas
(Clicar na imagem para abrir o link completo)
Fonte: El País, 2019.

lesbofobia

O preconceito é uma forma de julgamento prévio que pode se manifestar na forma de atitudes negativas como discriminações, opressões, rejeições/exclusões, estigmatizações, hostilidades e até mesmo violências.

"O preconceito social pode ser entendido como um dos importantes mecanismos de manutenção da hierarquização entre os grupos sociais e da legitimação da inferiorização social na história de uma sociedade, o que muitas vezes consolida-se como violência e ódio de uns sobre outros." (Prado e Machado, 2017)

Trata-se de um juízo pré-formulado baseado em crenças, valores e ideias que partem de uma percepção equivocada e sem fundamento lógico, posto que muitas vezes provém de generalizações, distorções, estereótipos e estigmas presentes no senso comum e na cultura. Por ser pautado em sentimentos hostis e desfavoráveis, as atitudes preconceituosas, ao se propagarem, conduzem à atos e pensamentos negativos em relação aos indivíduos que são alvos dessas condutas.

Quando voltado para o plano da sexualidade, o preconceito está associado a orientação sexual dos indivíduos, normalmente naqueles que divergem da sexualidade vigente na sociedade (heterossexualidade), e é chamado de homofobia. A lesbofobia é a associação das discriminações referentes a sexualidade (homofobia)

somada as discriminações de gênero (machismo, sexismo, misoginia, etc.). Dessa maneira, a forma com que o preconceito atinge as mulheres homossexuais se difere dos homens sexuais, uma vez que as violências de gênero também influenciam as atitudes preconceituosas. Entre exemplos claros de lesbofobia podem ser citados os castigos sexuais e estupros corretivos, utilizados para que essas mulheres tenham a sua sexualidade “corrigida”, sob influencia tanto do falocentrismo, quanto dos papéis de gênero.

interseccionalidades

“As discussões em torno da identidade lésbica precisam passar por uma abordagem interseccional, capaz de discutir como, em cenários específicos, os diferentes sistemas de hierarquia e dominação (gênero, raça, classe social) interferem em sua configuração.”

— Gláucia Almeida e Maria Luiza Heilborn, 2008.

Ao fazer referência a mulheres lésbicas, existem diversos contextos que estão incorporados nessa temática. Mesmo quando se especifica o conteúdo para a lesbianidade, é necessário apontar que essas mulheres não são uma unidade homogênea, pois as relações sociais são atravessadas por categorias desiguais e que trespasam todos os sujeitos. É nesse cenário que “gênero, raça, classe e orientação sexual ditam privilégios na sociedade” (Souza e Lopes, 2019), quanto mais atributos desqualificadores um indivíduo possuir, mais depreciado socialmente ele será.

Dessa forma, as mulheres lésbicas não são encaradas igualmente pela sociedade, já que existem multiplicidades de aspectos que as envolvem. Uma mulher lésbica já possui três desqualificadores sociais: o de mulher, o de homossexual e a junção de ambos. Mas esses atributos podem se somar a outros marcadores sociais, como a raça, classe, identidade de gênero, dissonância dos padrões do feminino, etc. É importante constatar que uma mulher lésbica branca não irá sofrer os mesmos tipos de preconceitos e violências do que uma mulher lésbica preta, já que à esta, estará imposto os desqualificadores de gênero, sexualidade e de raça. E esses desqualificadores e marcadores sociais podem ir se somando a medida em que fazem parte da identidade da pessoa e amplificam ainda mais os preconceitos, discriminações e violências a serem enfrentados por essas mulheres.

capítulo III: precisamos falar com elas

“Não queremos tolerância, não queremos ser normais. Somos o que somos. (...) Pedir licença pra que, pra quem? Se só a nós cabe a decisão de como “ser”. A todos os demais, sobra somente respeitar.”

— Célio Golin, 2002.

abordagem de campo

Como forma de fomentar a presente investigação, foi realizada uma pesquisa quantitativa. Essa etapa foi fundamental para a compreensão do universo de estudo das mulheres lésbicas, uma vez que das 1258 respostas obtidas, 1167 delas foram válidas.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário com aplicação de forma online pela plataforma do Google Forms, por um período de três dias*, de 18 a 21 de fevereiro de 2020. A escolha do método de recolha por meio online foi devido ao maior alcance, o que possibilita uma amostra e participação maior, e por facilitar as respostas, pois permite o anonimato das usuárias, já que, como colocado por Costa et al (2010), é mais adequado para questionários que possam conter temas sensíveis para alguns participantes, como as questões sobre a sexualidade.

Por buscar essa maior abrangência e alcance, o questionário foi divulgado no dia 18 de Fevereiro de 2020 por meio da rede social Instagram (Figura 4), plataforma de interação social online que ocupa o quarto lugar entre as mais utilizadas no mundo (Statista, 2021). Compreende-se aqui, porém, que por ser uma rede social que possui um público específico, as respostas dos inquéritos reproduzem a realidade desse público, dessa forma, o inquérito pode não ter abrangido pessoas que não tem acesso a essa rede, não-falantes da língua portuguesa e também pessoas com menos de 18 anos e mais de 55, já que a maior parte (79%) dos usuários do Instagram possuem de 18 a 44 anos, apenas 6,9% têm menos de 18 anos e 6% têm mais de 55 anos (Clement, 2020).



Figura 4 - Divulgação do questionário pelo Instagram.¹¹

Fonte: Autora, 2020.

Para que o questionário compreendesse apenas o público-alvo da pesquisa, dirigida especificamente para mulheres que se identificassem como mulher e lésbica, foi feita uma triagem na primeira questão que distinguia e encerrava o questionário

¹¹ O termo “sapatão” foi utilizado como meio de chamar atenção, uma vez que foi ressignificado pelas mulheres lésbicas como um símbolo de afirmação e resistência, pois antes era utilizado como um pejorativo às mulheres homossexuais.

Texto contido na publicação: “Você é uma mulher lésbica ou conhece alguém que seja? Esse post é pra você! Sou aluna de mestrado da Universidade do Porto e estou fazendo minha dissertação sobre a invisibilidade lésbica e preciso da ajuda de todos vocês: no link da minha bio tem um questionário pra todas as mulheres lésbicas responderem de forma anônima. É rapidinho e lembre-se que ao me ajudar você estará se ajudando e ajudando todos nós a vivermos em uma sociedade mais justa pra todas as demandas dela. Compartilhem esse post e vamos nos ajudar! Se você não é lésbica você também pode ajudar compartilhando. Mandem pras amigas caminhoneiras fufas lesbianas de todo o mundo, marquem elas aqui no post e obrigada! -

Você sabe o que é invisibilidade lésbica? A invisibilidade é uma forma de controle social na qual se é apagada a possibilidade de existir de uma parte da população, nesse caso, das mulheres lésbicas. Apagam-se as demandas e as violações de maneira que elas se tornem tão invisíveis até não existirem mais perante o corpo social. A invisibilidade lésbica tem como consequências a falta de amparo jurídico, a violência física, moral e psicológica, ao preconceito, a descredibilização, lesbofobia, a estigmatização, estupro corretivo, homicídios, alto índice de suicídio, a exclusão de um acesso adequado a saúde etc

#lesbicas #lesbica #lgbt#visibilidadelesbica - (Ps: não sei quem é o autor da foto, não consegui descobrir, se alguém souber favor informar pra eu dar os devidos créditos)”

a todos os usuários não se identificavam com o público-alvo em questão. Dessa maneira, a amostra compreendeu qualquer pessoa que se reconhece como mulher (independente do sexo biológico) e homossexual.

O questionário foi formulado a partir de uma pesquisa prévia pelo Instagram no dia 04 de Novembro de 2019, na qual procurou entender os principais estigmas e estereótipos que permeiam as mulheres lésbicas, os resultados na íntegra estão presentes no Apêndice B e a identidade das usuárias foi preservada.

Para tentar abranger a maioria dos assuntos que perpassam a invisibilidade lésbica, o questionário procurou perceber a questão do preconceito e do fenômeno da invisibilidade lésbica na vida dessas mulheres, se elas já haviam sofrido algum tipo de descredibilização, violência (verbal, física, psicológica, patrimonial etc.), opressão, hostilidade, se já foram fetichizadas de alguma forma etc., apenas por serem lésbicas, e também de onde veio essas formas de preconceito, quais são as causas que o influenciam e em quais locais elas se sentem confortáveis para exercerem a sua sexualidade. Também discutiu temas diversos, como as mídias e representatividades, as questões de saúde dessa população, da religião, da autoidentificação, da promoção de visibilidade e os termos utilizados para se referirem a lesbianidade.

Em algumas questões era permitido responder de forma aberta, para que assim o diálogo com a população pesquisada fosse menos rígido, que opiniões divergentes ou não expostas e pensadas na elaboração das questões pudessem fazer parte do estudo. Por essa razão, com um questionário mais flexível, muitas usuárias se sentiram mais confortáveis, ouvidas e fizeram observações válidas e importantes para o desenvolvimento do presente trabalho.

A discussão dos resultados não ocorreu devido a limitação de caracteres do projeto, para que ele não ficasse ainda mais extenso, os dados de forma integral se apresentam no Apêndice F dessa pesquisa. Apesar da falta de discussão sobre os resultados, foi importante a aplicação da pesquisa de campo pois foi por meio dela

que se corroborou diversas hipóteses apresentadas ao longo dessa investigação, além dos dados ficarem disponíveis para trabalhos futuros.

capítulo IV: falando sobre elas

“...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

— **Boaventura de Sousa Santos, 2003.**

projeto

Baseado nas pesquisas realizadas e na análise da coleta de dados, o projeto procurou convergir para o caminho dos estigmas e estereótipos que circundam as mulheres lésbicas na sociedade. Como forma de resposta às questões inquiridas a essas mulheres diariamente, a estrutura projetual teve como referência um trabalho realizado para a disciplina de Metodologias de Projecto e de Investigação II (Figura 5), unidade curricular que integra o Mestrado em Design da Imagem.

não estou confusa não sou um
desperdício ou muito bonita
pra ser lésbica não preciso
encontrar o homem certo sim,
tenho certeza não existe
homem da relação não preciso
ter cara de lésbica ela não é
minha amiga, é minha
namorada não virei nada, nasci
assim não vou para o inferno
não estou doente sou lésbica,
não gay não fui decepcionada
por homem nenhum não, você
não pode participar não existo
pra ser fetiche de ninguém isso
não é uma fase.

eu existo eu resisto.

rafaela oshima | MDI | FBAUP

Figura 5 - Trabalho de Metodologias de Projecto e de Investigação II.
Fonte: Autora, 2020.

A construção do cartaz referido no parágrafo anterior ocorreu antes do início da presente pesquisa, mas foi fundamentado em uma pesquisa exploratória na forma de pré-projeto realizada sobre a temática da invisibilidade lésbica. Após refletir ao longo da elaboração da parte teórica sobre as diversas possibilidades de abordagem para o projeto, o campo de atuação centrado na esfera dos estigmas e estereótipos se evidenciou como o mais apropriado para ser trabalhado.

A presença dos estigmas e dos estereótipos é um tema recorrente na vida das mulheres lésbicas, dentro da pesquisa de campo não houve nenhuma participante que não tivesse sido alvo de alguma sentença baseada na estereotipização da lesbianidade. Isso demonstra que dentre as abordagens que o projeto poderia inferir dentro da invisibilidade lésbica, os estigmas e estereótipos são uma parte muito relevante para serem discutidos e corrigidos, uma vez que muitas pessoas os propagam sem terem a noção de como essas simples sentenças são a base de discriminações e violências quotidiana na vida dessas mulheres

Projetado para funcionar como uma maneira de informar, educar e corrigir, também procurou se posicionar diante a invisibilidade, ao objetivar diminuir as atitudes discriminatórias e preconceituosas, ao mesmo tempo em que gere visibilidade e chame atenção para o tema.

Como o objetivo foi de atingir a população de maneira geral, as peças gráficas foram planejadas para conter uma mensagem simples, direta e clara e utilizar o mínimo de elementos possíveis para isso.

Para contrapor os processos de estigmatização voltados à lesbianidade, a proposta final, ao trabalhar como um espaço de visibilidade, informação e educação, propôs uma solução criativa como forma de uma coleção de cartazes. Planejado a partir da questão 5 presente no questionário, como forma de tentar abranger o máximo de aspectos, mas sem desconsiderar os resultados obtidos, as sentenças foram selecionadas de forma minuciosa, e separadas em temas

composição visual

Para a construção da proposta visual do projeto final, levou-se em consideração três elementos principais: a tipografia, a fotografia e as cores. Para tanto, resgatou-se, através das técnicas de criação, conceitos e formas que atendessem o propósito do tema.

Por utilizar as sentenças como ponto de partida, a princípio, foram estudadas as famílias tipográficas que mais fariam sentido no contexto do projeto. No início, ponderou-se acerca das fontes *sans-serif* que, devido a ausência de serifa em seus caracteres, deixam a mensagem mais limpa, objetiva, leve e agradável para a leitura em frases curtas. Entretanto, dentre a variada gama de fontes existentes, definiu-se que uma tipografia autoral faria mais sentido dentro do contexto de aplicação do trabalho.

A escolha de criar uma tipografia própria que se encaixasse no plano da proposta derivou da pretensão de acrescentar uma característica de proximidade com o público. Como o conteúdo principal dos cartazes são as orações e elas estão redigidas de forma a se comunicar de forma direta com os receptores, a tipografia autoral é responsável por proporcionar as sensações de que os cartazes os convidam a leitura e os colocam próximos da mensagem e de quem a produziu, como se aquelas palavras falassem especialmente com quem está a ler. Para o âmbito visual, optou-se pelo pincel como instrumento de criação devido ao efeito das suas cerdas que, dependendo do seu tipo e do tipo de tinta e papel utilizados, deixam as cerdas e os bem evidentes e acrescentam aos tipos a textura visual.

Para o processo de criação, foi utilizado um pincel de pintura plano nº10 e tinta acrílica vermelha. Na elaboração dos tipos, apesar da execução ser de forma livre, com desenho manual, sem *grid* de linhas ou dimensões demarcadas, buscou-se a coerência visual através do uso dos mesmos instrumentos de trabalho (pincel, tinta e papel), da similaridade entre os caracteres e na forma, direção e pressão do pincel. Sua estrutura foi pensada para que, quando aplicadas em conjunto, mesmo que com

proporções e estruturas irregulares, harmonizassem umas com as outras e entrassem em consonância quando aplicadas em palavras e frases.

Foram testados diversos tipos de pincéis, o pincel plano nº10 apresentou o melhor resultado entre os demais, uma vez que seu traço deixava as cerdas bem marcadas e visíveis que, unido a textura da tinta em acrílico, produziu um efeito visualmente agradável e evidenciou o trabalho manual em cada tipo.

A elaboração dos tipos foi feita de forma espontânea, aleatória, sem parâmetros estruturais ou referenciais. Produziu-se diversas versões que, depois de finalizadas, foram digitalizadas e separadas em grupos. Alguns caracteres foram reproduzidos mais que outros, pois demandavam mais tentativas para alcançar um bom resultado, já que a quantidade e direção dos traços dificultavam a fluidez da escrita com o pincel. Após a disposição dos caracteres em classes, selecionou-se aqueles mais legíveis e harmônicos e que possuíam os traços mais semelhantes uns com os outros. Para finalizar, com o conjunto final (Figura 6) disposto em ordem, montou-se todas as sentenças em arquivos separados.

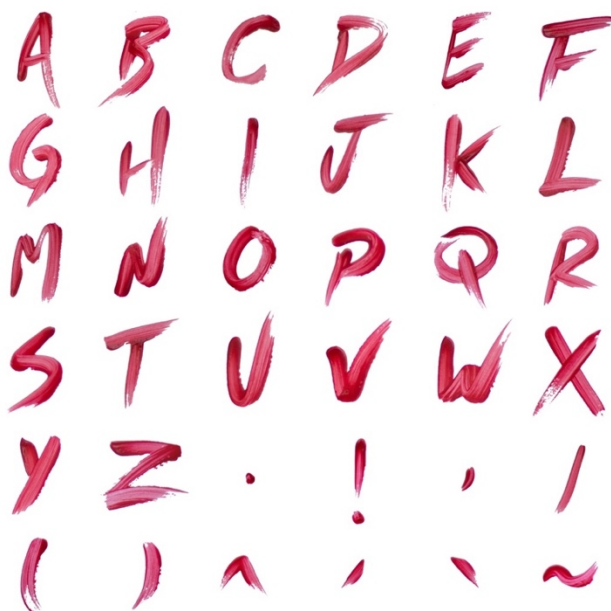


Figura 6 - Tipografia autoral.
Fonte: Autora, 2021.

Após a confecção tipográfica, foi iniciada a execução das fotografias (Figura 7). As imagens fotográficas foram pensadas para servirem como um meio chamar atenção e “prender” o olhar do espectador, ao mesmo tempo em que complementam e potencializam as mensagens verbais. Como força de expressão de um elemento que busca a similaridade com o real, as imagens fotográficas foram posicionadas de modo a transmitir a sensação de proximidade, intimidade e familiaridade, uma vez que foram utilizadas referências que podem ser identificadas e relacionadas de maneira fácil e rápida por diferentes tipos de espectadores. Essa identificação da fotografia com o observador auxilia para que a mensagem seja vista como algo que realmente merece a atenção, pois as imagens os convidam a enxergá-la, além de aumentar o seu valor enquanto peça gráfica.



Figura 7 - Fotografias utilizadas nos cartazes.
Fonte: Autora, 2021.

Com relação as cores, inicialmente não foi planejado que elas ocupassem um estado definitivo dentro das composições. A escolha das mesmas foi feita a medida em que o projeto estava a ser construído. Além do sentido contido nas cores a serem utilizadas, também foi considerado a visualidade total das peças gráficas, tanto de forma individual como coletiva (quando dispostas em conjunto).

Como experimento, o arquivo que serviu como matriz foi construído a partir de uma das fotografias utilizadas. Colocada com suas configurações originais em um arquivo aberto no Photoshop de dimensões correspondentes a uma folha A3 (3508x4961px) e borda branca de 150px de largura. A aplicação da borda branca foi um método de delimitar as dimensões da arte e “segurá-la” dentro do cartaz, além de ter sido utilizada para inscrever o nome do projeto sem sua interferência na composição visual e, em alguns cartazes, manipulada para trazer a ideia de profundidade. Os efeitos de granulações foram colocados para atribuir sensação de textura visual às imagens, como se cada elemento pertencesse a um plano diferente.

A partir dessa composição, a frase formada a partir da tipografia final foi posicionada no arquivo e, com isso, constatou-se que a fotografia monocromática seria mais adequada, uma vez que a imagem monocromática não comprometeria a leitura das frases e a deixaria em destaque (Figura 8). Além de contribuir com a construção dos planos. Quando por fim modificada e aplicada a dessaturação na fotografia, o teste de cores tipográfico evidenciou a cor amarela como a mais harmônica e adequada visualmente dentro da composição (Figura 8), já que ressalta as sentenças, as coloca em destaque sem que a imagem a obstrua e atenua a distinção e a delimitação do que é texto e do que é foto.



Figura 8 - Teste de cores
Fonte: Autora, 2021.

Na construção tipográfica, optou-se primeiramente pela cor vermelha por ela ser uma cor primária, dinâmica e possuir um tom chamativo, cuja aplicações e significações traduzem os conceitos buscados no projeto em questão: de atenção, proibição e correção. Além disso, quando digitalizada, pode ser facilmente modificada para alcançar outras matizes. Porém, a cor amarela, por ser mais clara do que a vermelha, proporcionou uma maior concordância visual e contraste com o fundo monocromático, na qual as sentenças se destacaram e ficaram mais evidentes e legíveis. Ademais, cor amarela tem como propósito chamar a atenção e trazer estímulos, tanto visuais quanto mentais - para que os indivíduos sejam estimulados a pensar naquilo que estão a ler.

De acordo com Heller (2014), "por seu efeito ideal de visibilidade à distância e seu caráter penetrante quando visto de perto, o amarelo foi eleito a cor internacional das advertências", na mesma obra, a autora cita que "na Idade Média o amarelo tornou-se a cor dos proscritos", representou a cor da discriminação. Portanto, inscrito nos cartazes, o amarelo adverte para o que está a ser informado, adverte sobre uma temática que requer atenção, ao mesmo tempo em que se utiliza do sentido discriminativo pra atuar contra a discriminação.

Por fim, aplicação do amarelo em um elemento que necessita ser lido com atenção pois é uma mensagem textual, provém também do seu desconforto visual e mental causado quando olhado de forma fixa. Esse incômodo é justamente um dos pontos que se busca atingir através das composições: incomodar sobre algo que as pessoas geralmente não querem pensar sobre. Incomodar ao ponto de fazer pensar e informar, já que muitas vezes o incômodo é o que gera o impulso pra mudança.

O layout dos cartazes levou em consideração o enquadramento das imagens e dispôs o texto conforme a imagem. Apesar da hierarquia visual colocar o texto em primeiro plano, ele foi disposto de modo a não prejudicar a leitura da imagem pois a intenção é de que os valores dos dois elementos fossem complementares dentro da composição, de modo em que um reforce com o outro na mensagem a ser transmitida. Assim, o texto foi utilizado como a mensagem denotativa, que demonstra de forma direta e objetiva o conteúdo da mensagem e a imagem como a conotativa, que reforça a estética e busca o contato de proximidade com as percepções dos receptores.

proposta final

Cartaz 1 | Eu não preciso me encaixar nos seus estereótipos



Figura 9 - Cartaz 1 | Eu não preciso me encaixar nos seus estereótipos.
Fonte: Autora, 2021.

“Nem tem cara de lésbica.”

O primeiro cartaz foi contruído para funcionar como a matriz do projeto, ao mesmo tempo em que funciona como uma resposta para a sentença "Nem parece lésbica". Seu conteúdo abrangeu todos os temas trabalhados nas outras peças do conjunto.

A ideia consiste em percorrer o projeto através de um método educativo: o caça-palavras. A associação com a lesbianidade decorreu da analogia do sistema estruturado do caça palavras com o social, na qual ambos já possuem definições que

já estão fixadas: no caça-palavras, as palavras; e na sociedade, as normas, os estigmas e estereótipos. Além disso, o caça-palavras tem seu plano definido, na qual as palavras já estipuladas precisam ser encontradas e, do mesmo modo, os estigmas e estereótipos já existem na sociedade e são encontrados em diversos âmbitos.

Cartaz 2 | Minha vida ~~sexual~~ não te diz respeito.

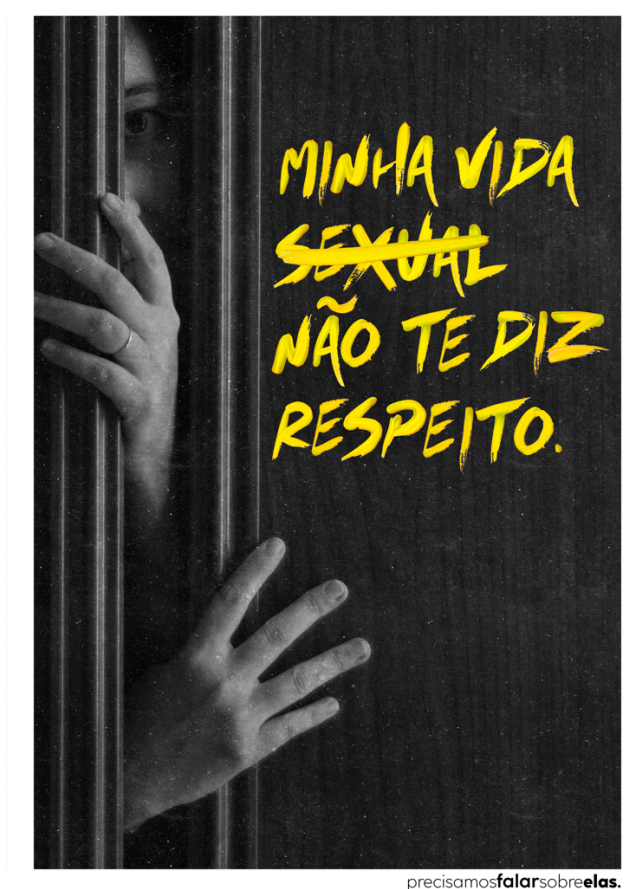


Figura 10 - Cartaz 2 | Minha vida ~~sexual~~ não te diz respeito.
Fonte: Autora, 2021.

“Como você transa?” | “Não falta nada no sexo?”

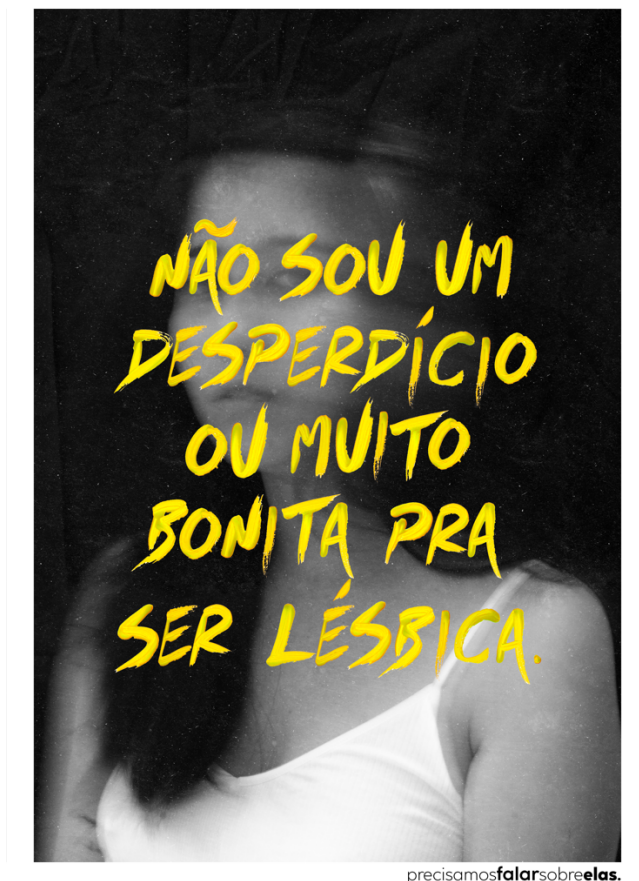
A curiosidade que relações não-hetero-cis-centradas desperta é relativa as normais sociais baseadas na heteronormatividade e no heterossexismo. Existe uma tentativa de compreensão das relações sexuais entre pessoas que não condizem com

os padrões sociais - até com heterossexuais, como por exemplo as pessoas com deficiência. Quando voltado para as mulheres lésbicas, essas indagações também derivam dos aspectos sociais, como o machismo e o falocentrismo, que centram o prazer sexual das relações no homem-cis, no falo e no ato de penetrar. Devido a isso, considera-se que o sexo entre duas mulheres não é sexo “de verdade”, uma vez que o que se valoriza nas relações é o ato de penetrar com o falo e sem esse ato, a relação sexual passa a ser desconsiderada como algo legítimo. Um indício dessa desconsideração é que as relações sexuais quando com dois homens-cis não geram dúvidas ou questionamentos, já que há a presença do falo e consequentemente da penetração.

Referente a isso, o cartaz foi construído para que a fotografia trouxesse a ideia de ser observado, como se alguém quisesse entrar e vigiar uma intimidade que não diz respeito a ninguém. Ao mesmo tempo, aludiu a expressão “sair do armário”¹², mas de uma forma ressignificada, na qual a fotografia demonstra essa ação de estar dentro do armário, mas porque o que está dentro do armário de alguém não diz respeito a ninguém, assim como a sua vida (e vida sexual).

¹² Expressão utilizada para descrever quando alguém revela sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Cartaz 3 | Não sou um desperdício ou muito bonita pra ser lésbica.



precisamos **falar** sobre **elas**.

Figura 11 - Cartaz 3 | Não sou um desperdício ou muito bonita pra ser lésbica.

Fonte: Autora, 2021.

“Que desperdício.” | “Tão bonita pra ser lésbica”

O autorretrato foi fotografado com exposição alta para representar a negativa da sentença no movimento na cabeça. A face foi exposta para aproximar os espectadores e despertar o sentimento proximidade, já que, por ter um rosto exposto, significa que por trás da mensagem existe uma pessoa, uma face, sentimentos e angústias, assim como em cada mulher lésbica.

Cartaz 4 | Não existe homem na relação!



Figura 12 - Cartaz 4 | Não existe homem na relação!

Fonte: Autora, 2021.

“Quem é o homem da relação?”

Formulado da maneira mais simples para referenciar a frase de forma direta, a fotografia retrata um casal formado por duas mulheres e demonstra que não existe homem na relação ou alguém que faça o papel heteronormativo.

Cartaz 5 | Minha sexualidade não é uma fase



Figura 13 - Cartaz 5 | Minha sexualidade não é uma fase!

Fonte: Autora, 2021.

“Isso é apenas uma fase.”

A ideia de que a lesbianidade não existe ou que seja algo passageiro é muito presente na sociedade. A descredibilização ou mesmo a negação da existência coloca a homossexualidade feminina como algo anormal, que possui tendência para voltar ao seu estado natural – de estar em um relacionamento heterossexual. Como negativa dessa frase, a relação da sexualidade como fase colocou as fases lunares como exemplo do que realmente significa uma fase.

Cartaz 6 | Eu não existo pra ser fetiche de ninguém!

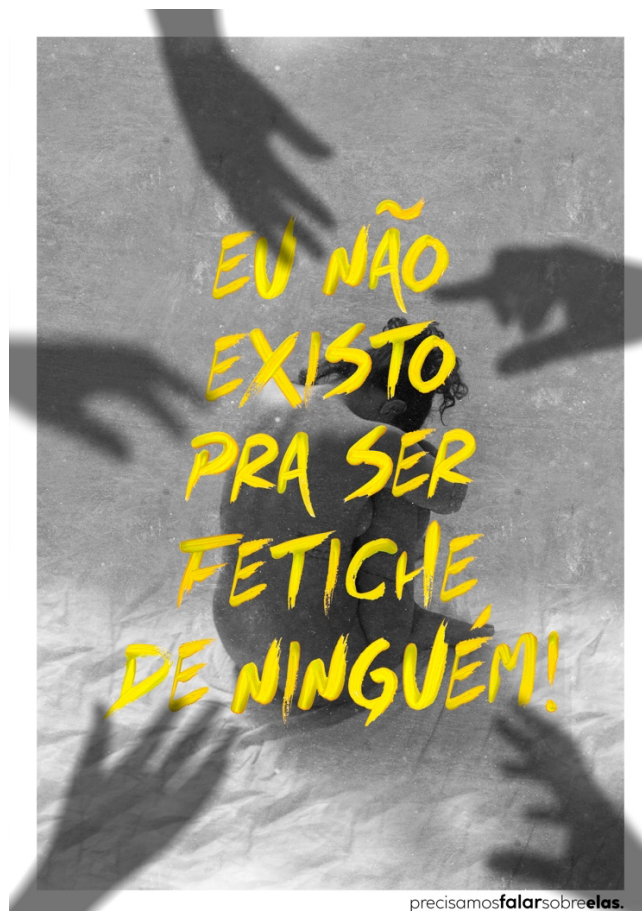


Figura 14 - Cartaz 6 | Eu não existo pra ser fetiche de ninguém!
Fonte: Autora, 2021.

“Posso participar?” | “É lésbica mesmo? Então prova!”

O fetichismo posiciona a mulher como um corpo objeto que está disponível para ser utilizado. Dessa forma, a fotografia composta por uma mulher lésbica em posição de defesa, representa a vulnerabilidade que a fetichização impõe sob as mulheres lésbicas, que precisam se proteger de todos aqueles que querem fetichizá-la de alguma forma. As sombras das mãos representam essas pessoas, que muitas vezes praticam o ato de fetichizar de forma velada.

Cartaz 7 | Minha sexualidade não me impede de ser mãe (e nem toda mulher quer ter filhos)



Figura 15 - Cartaz 7 | Minha sexualidade não me impede de ser mãe.
Fonte: Autora, 2021.

“Como vai ter filhos?”

Como mencionado nos capítulos anteriores, a construção do gênero em caráter relacional coloca a mulher em certos papéis determinados, como o de progenitora. Esse papel maternal, carrega em si a ideia da família como uma relação fechada, composta por um homem e uma mulher (cis) e seus filhos. A ideia de que só existe um molde familiar deslegitima qualquer outro tipo de família que se diverge desse modelo, principalmente as famílias LGBTQ+.

Dessa forma, como outros estigmas e estereótipos, é estabelecido no imaginário social o conceito errôneo de que a homossexualidade impede a construção familiar.

No caso das lésbicas, como imposto a elas os papéis do gênero feminino, com ele a "natureza inata" da maternidade, e a maternidade relacionada a heterossexualidade, o que se inscreve socialmente é a inaptidão de ser mãe por ser lésbica.

Essa falsa convenção invalida diversas questões: nem todas as mulheres querem ter filhos (independente da sexualidade), existem outros tipos de família que transpassam o que é tido como "tradicional", não é necessário estar em um relacionamento heterossexual para gerar filhos ou constituir uma família, um filho adotivo não é menos filho do que um biológico, e entre muitas outras questões.

Isto posto, buscou-se resgatar a caracterização da maternidade sem posicioná-la nas questões citadas no parágrafo anterior. A composição foi construída em cima de um outro desenho, originalmente feito por uma criança ao representar um casal lésbico¹³ (Figura 16). Reproduzida pela autora, o desenho final possui uma família constituída por duas mulheres e uma filha, resgatando a maternidade pelo desenho com traços infantis, como se fosse feito por uma criança para contestar a ideia de que famílias existem só de uma maneira, e mostrar que a lesbianidade não é impedimento para a maternidade.



Figura 16 - Imagem referência
Fonte: Mariana, 2021.

¹³ Desenho que representa minha esposa e eu, feito por uma criança de 6 anos. Imagem utilizada com autorização dos pais da criança.

Por fim, o cartaz também menciona o fato de que nem todas as mulheres querem ter filhos, independentemente da orientação sexual, para tentar desvincular a imagem da identidade feminina com a maternidade como obrigação e complemento da vida da mulher.

Cartaz 8 | Sexualidade não tem a ver com gênero

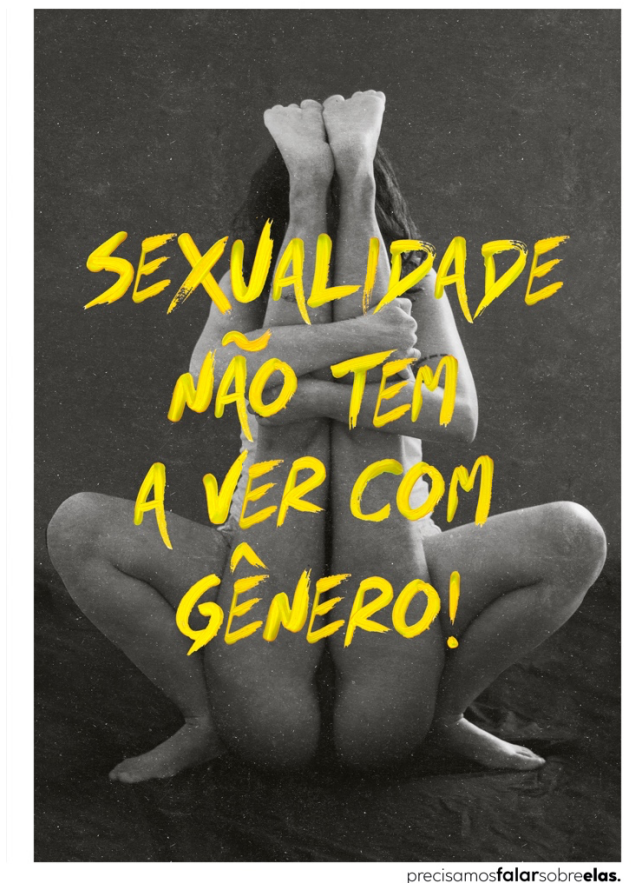


Figura 17 - Cartaz 8 | Sexualidade não tem a ver com gênero!
Fonte: Autora, 2021.

“Você quer virar um homem?”

O âmbito da sexualidade e do gênero muitas vezes é visto como uma questão homogênea. Comumente o sexo biológico é pensado como o único fator ao que o gênero se reduz e, que de alguma forma que o gênero e a sexualidade se influenciam. A fotografia faz alusão aos órgãos sexuais, aos gêneros e as relações. Os corpos embaralhados e a ilusão de ótica que os membros fazem uns com os outros representa essa confusão.

Cartaz 9 | Não se utilize da sua religião para julgar e condenar o próximo!

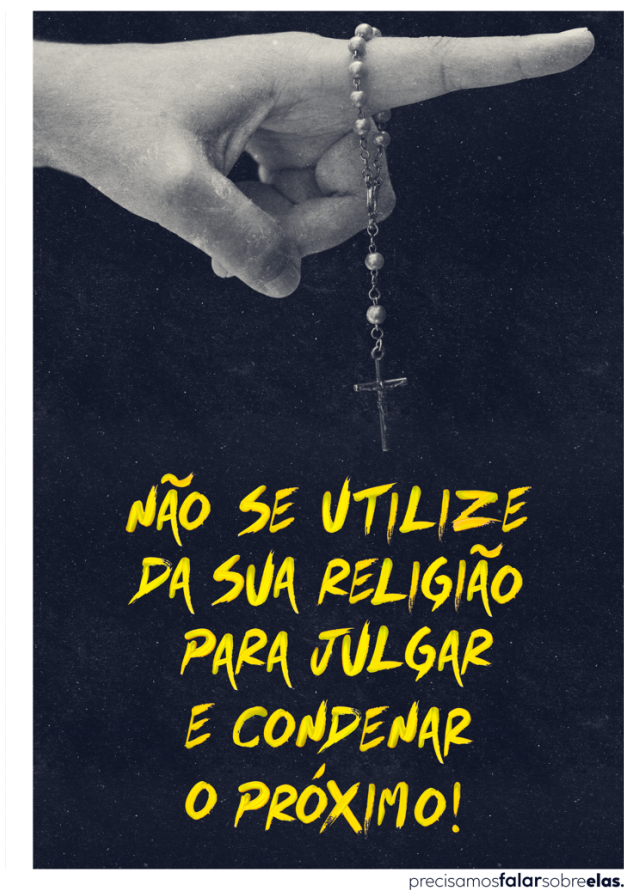


Figura 18 - Cartaz 9 | Não se utilize da sua religião para julgar e condenar o próximo!
Fonte: Autora, 2021.

“Você vai para o inferno” | “Isso é falta de Deus”

As religiões findaram na sociedade diversas discriminações e condenações que possuem reflexos até os dias atuais. É nesse contexto que muitos indivíduos se utilizam dos preceitos religiosos para julgamentos e condenações das outras pessoas. A fotografia remete a metáfora do “apontar o dedo” como forma de julgar alguém e, um rosário foi anexado ao indicador, símbolo do cristianismo que foi uma das principais religiões a instituir a homossexualidade como algo negativo.

Cartaz 10 | Eu não preciso encontrar homem nenhum.



Figura 19 - Cartaz 10 | Eu não preciso encontrar homem nenhum.
Fonte: Autora, 2021.

“Você ainda não encontrou o homem certo!”

Constituído por um mapa do Porto, a peça gráfica foi construída para representar um cartaz de outro cartaz, por isso a imagem de uma mulher em movimento extrapola as margens. O mapa representa a questão de encontrar o homem certo, como se pudesse ser encontrado em qualquer lugar, enquanto a passagem e o movimento demonstram que as lésbicas (ou até mesmo outras mulheres) não precisam encontrar homem nenhum.

ainda bem que falamos sobre elas.

O projeto teve sua aplicação final na rede social Instagram. Dividido em duas publicações separadas, a publicação foi realizada no dia 11 de Agosto de 2021, pois no Brasil o mês de agosto é o mês da visibilidade lésbica.

Para que o projeto ganhasse visibilidade e engajamento, dividiu-se os 10 cartazes em duas postagens. A publicação em carrossel (com mais de uma imagem) geralmente aparece duas vezes na linha do tempo dos usuários, o que faz com que a probabilidade do projeto chegar em alguém seja maior, diferente das postagens com imagens únicas. Mesmo que o Instagram permita que se adicione até 10 arquivos de imagem em uma única publicação, a opção de fracionar em duas publicações foi pensada na questão da exaustão visual, na qual muitos usuários poderiam não chegar até a última imagem por ser uma quantidade grande de informações em um único local.

As peças gráficas foram alteradas para que as dimensões máximas permitidas pelo Instagram fossem respeitadas e as imagens não possuísem cortes ou deformações. Também foi adicionado em todos os cartazes o usuário do Instagram da autora para o caso de cópias e direitos autorais. O cartaz 8 teve sua imagem pixelada para respeitar os termos e condições da plataforma.

Os resultados, bastante satisfatórios puderam ser observados pela Figura 19 e 20. A primeira publicação foi impulsionada por um dia, enquanto a segunda não porque a publicação infringia os termos e condições de promoção da plataforma – o cartaz 8 continha imagem considerada como nudez e posições sexuais, mesmo que para o contexto educativo.

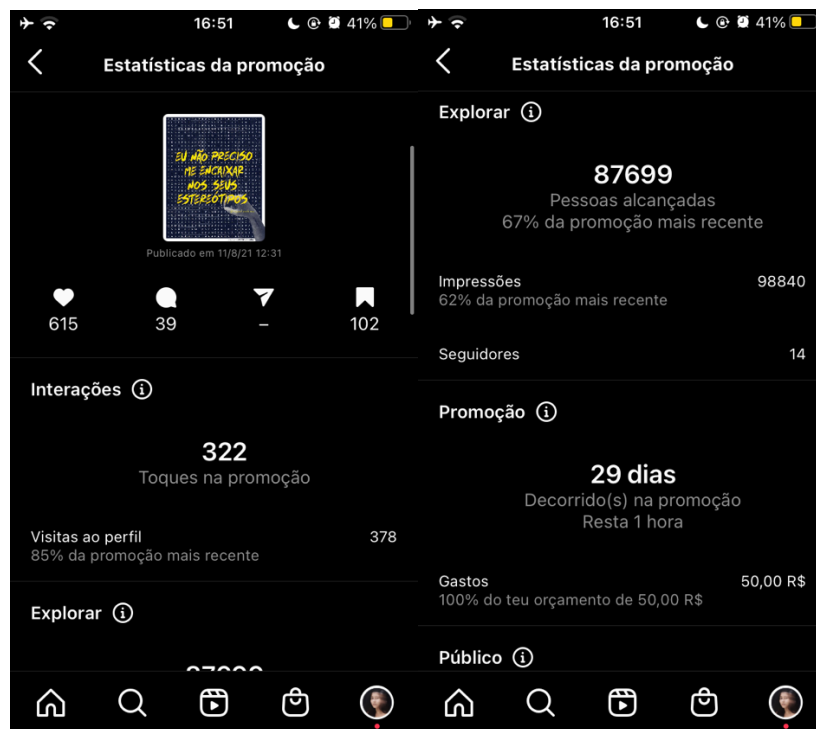


Figura 20 - Estatísticas da primeira publicação
Fonte: Autora, 2021.

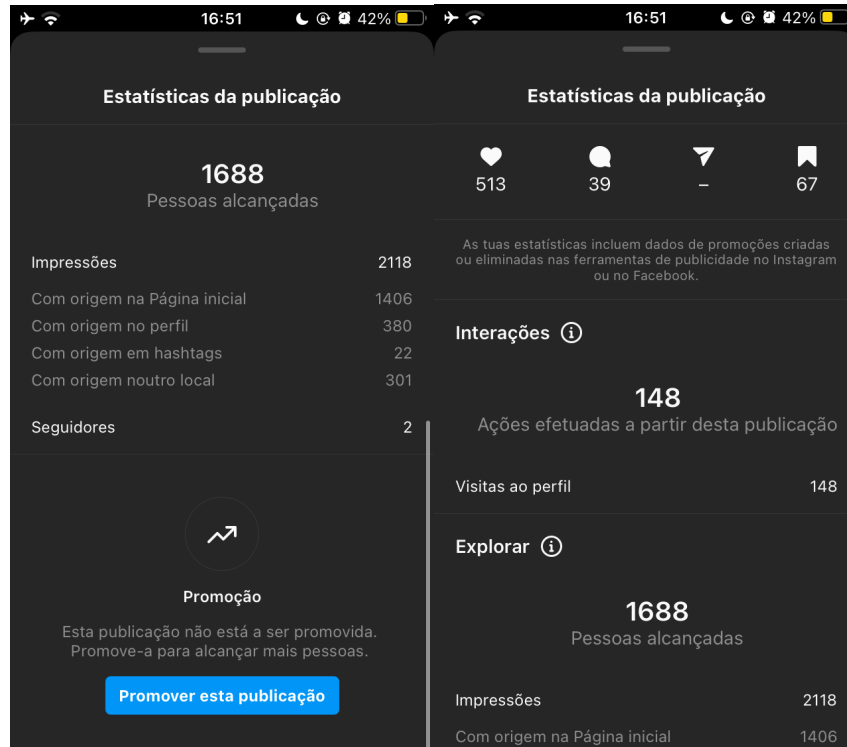


Figura 21 - Estatísticas da segunda publicação.
Fonte: Autora, 2021.

Texto integral das publicações:

“Agosto é o mês da visibilidade lésbica (no Brasil). E por que é importante? Por existem datas específicas pra certos grupos? Por que a gente não tem um mês do orgulho hétero? As respostas são simples e os contextos complexos. Você pode ter orgulho de quem você é, sempre. Mas a gente tem que entender que a heterossexualidade é uma norma social, você já parou pra pensar por que fica surpreso quando descobre que alguém não é hétero? Pois é, isso acontece porque, como uma norma, a heterossexualidade é a sexualidade imposta e já esperada por todos os indivíduos. A gente cresce em um mundo que espera que a gente siga essa e muitas outras normas. Pra quem as transgride, as sanções surgem como meio de punições. E é assim que as violências se sucedem. E é por isso que é importante que certos grupos sociais tenham datas específicas pra comemorarem a sua existência em um mundo que quer fazer o tempo todo com que essas pessoas deixem de existir. Você não precisa de um dia específico pra dar visibilidade pra algo que já é escancarado e normalizado na sociedade durante todos os dias do ano.

Mas nós precisamos falar sobre elas. Precisamos falar porque a existência lésbica não é reconhecida na sociedade, porque a mulher lésbica é descredibilizada, sua existência é negada e, quando está visível, é pra servir como fetiche pra alguém. Somos estigmatizadas, invisibilizadas, violentadas, discriminadas, oprimidas e marginalizadas.

Essa é a parte I do meu projeto Precisamos Falar Sobre Elas, meu trabalho final de mestrado e responde uma série de perguntas que nós, lésbicas, estamos cansadas de ouvir. Essa violência silenciosa que nos atinge está presente nas entrelinhas de todas essas sentenças: "Mas você nem tem cara de lésbica" / "Como você transa?" / "Não falta nada no sexo?" / "Mas você é muito bonita pra ser lésbica" / "Que desperdício" / "Quem é o homem da relação?" / "Isso é só uma fase, vai passar" / "Você está apenas confusa" / "Posso participar?" / "É lésbica mesmo? Então prova" / "Como vai ter filhos?" / "Quer virar um homem?" / "Você vai para o inferno" / "Isso é falta de Deus" / "Ainda não encontrou o homem certo" / "Só é lésbica porque algum homem te magoou" etc etc

Não perpetue estereótipos, extinga todas essas frases do seu vocabulário, elas são a base da violência que nos agride todos os dias - e não, elas não tem graça.

E é por isso que nós precisamos falar sobre elas.

[#lesbica](#) [#lésbica](#) [#lgbt#visibilidadelesbica](#)

Devido as normas de privacidade da Europa, os resultados sobre o compartilhamento da publicação estavam indisponíveis, dessa forma, os únicos compartilhamentos computados foram dos usuários seguidos pelo perfil em que a publicação foi postado. A Figura 21 demonstra, dentre esses dados recolhidos manualmente, a estatística dos cartazes mais compartilhados. A figura 22 demonstra todos os compartilhamentos visualizados pela autora.

Cartaz	Quantidade de compartilhamentos
Eu não preciso me encaixar nos seus estereótipos	18
Minha vida sexual não te diz respeito	3
Não sou um desperdício ou bonita demais pra ser lésbica	4
Não existe homem na relação!	5
Minha sexualidade não é uma fase!	7
Eu não existo pra ser fetiche de ninguém!	14
Minha sexualidade não me impede de ser mãe.	5
Sexualidade não tem a ver com gênero!	5
Não se utilize da sua religião para julgar e condenar o próximo!	17
Eu não preciso encontrar homem nenhum	2

Figura 22 - Quantidade de compartilhamentos visualizados pela autora.
Fonte: Autora, 2021.

conclusão

O presente trabalho correlacionou o âmbito do design com a temática da invisibilidade lésbica. Ao compreender informações acerca tanto do design social, como da fotografia na comunicação e do cartaz como meio de suporte, foi possível pensar em como as ferramentas de design podem operar em conjunto para compreender temáticas que estão fora do universo criativo. Além de aprofundar as discussões de aplicação do design e reivindicar um espaço de fala social dentro dessa área.

Essa investigação permitiu compreender de que forma o design pode ser trabalhado em conjunto com a área social e auxiliar em diferentes temáticas. No caso da invisibilidade lésbica, o estudo bibliográfico foi capaz de demonstrar de que maneira ela ocorre e, com isso, foi possível assimilar as diversas questões que poderiam ser abordadas dentro do projeto gráfico.

O estudo possibilitou demonstrar de que forma a sociedade construiu a imagem da mulher lésbica e foi legitimada a sua invisibilidade ao longo da história. A lacuna que se construiu nas informações a respeito dessas mulheres começa com o desinteresse em se falar sobre essa temática. A falta de estudos, representatividade, produtos para relações sexuais seguras, falta de informação (principalmente no âmbito da saúde), políticas públicas, etc. demonstram como se é urgente e necessário desfazer essa invisibilidade. Às lésbicas estão impostos diversas normativas sociais, pois sofrem normatizações sexuais e de gênero. Nota-se que existem diversos pontos-chaves para que as discriminações aconteçam, a maioria delas relacionadas a divisão dos gêneros que posicionam a mulher sob o domínio masculino.

Como maneira de preencher esse vazio e transformar, por meio de ações gráficas, o projeto se concentrou em práticas criativas como forma de encorajar às mudanças sociais, não só para modificar o modo de como a lesbianidade é vista na sociedade, mas também informar a partir de reflexões visuais.

Ao desenvolver o estudo e o projeto, foi possível observar que as soluções gráficas são uma maneira eficaz para auxiliar na solução de problemas sociais. O fato do cartaz trazer mensagens curtas, diretas e de fácil compreensão auxiliou na sua divulgação, pois além de chamar atenção, também despertou a curiosidade. Fica evidente, porém, que ainda existe um longo caminho para mudanças sociais mais profundas.

A proposta final, por obter um resultado altamente positivo na divulgação online, cumpriu ao que foi proposto e foi bem recebido tanto pelas mulheres lésbicas quanto pelos usuários no geral.

Quanto aos prospectos futuros, ainda existem diversas maneiras de se trabalhar a temática lésbica dentro do design, ou mesmo em outras áreas. Faço desse estudo uma forma de convite, para sugerir a todos para se disporem a participar de maneira ativa na reparação dos problemas sociais. Existem diversos temas que precisam ser falados e discutidos. Precisamos falar sobre elas. Mas também precisamos falar sobre tanta coisa. Assim, finalizo esse trabalho com um pedido: falem sobre tudo o que precisa ser falado. Não se cale. Lutem e resistam. E também falem sobre elas.

referências bibliográficas

- 32XSP. (2017). "Nós, lésbicas, seguimos fetichizadas nas ruas e na mídia". Acesso em: 28 de Fevereiro de 2021 de <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/nos-lesbicas-seguimos-fetichizadas-nas-ruas-e-na-midia/>>
- Acedo, A. (2014). *Gênero, diversidade sexual e as lésbicas*. 7º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias.
- Albuquerque, E. M. d. (2018). *Design gráfico em tempos de ativismo*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- Almeida, G., & Heilborn, M. L. (2008). Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Revista Gênero*, 9(1), 225-249.
- Alvarenga, L. B. F. d. (2008). Mulher, Discriminação e Violência: Uma Questão de Direitos Humanos. *Assunto Especial – Doutrina*, 23, 7-30.
- Andrioli, L. Â., & Angelin, R. (2012). *A influência da religião na constituição da identidade feminina e no movimento feminista e de mulheres*. Congresso Internacional da Faculdade EST, São Leopoldo.
- Assis, M. P. d. (2012). A religião, suas funções e sua plausibilidade na pós-modernidade. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, VIII.
- Balbinotti, I. (2018). A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. *Revista da ESMESC*, 25(31), 239-264.
- Barkan, S. E. (2012). *A Primer on Social Problems* (A. Schmitz, Ed.)
- Barros, R. C. (2014). *O design social como ferramenta de comunicação: contextualização e exemplos na sociedade contemporânea* 11º P&D Design: Congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em Design, Gramado - RS.
- Basso, L. (2012). *A contribuição do designer no projeto de recursos de tecnologia assistiva: proposta de intervenção colaborativa* Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.
- Bearzoti, P. (1994). Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de neuro-psiquiatria* 52(1), 113-117.
- Berger, P. L. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* (Vol. 2). Ed. Paulinas.
- Berlatto, O. (2009). A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, 3(5), 141-151.
- Bittencourt, M. R., & Bezerra, M. H. V. (2011). *Sociologia*. Instituto Federal do Paraná
- Boas, A. V.-. (2007). *O que é e o que nunca foi design gráfico* (6 ed.). 2AB.
- Bonsiepe, G. (2006). Design and Democracy. *Design Issue*, 22(2), 27-34.

- Bonsiepe, G. (2011). *Design, cultura e sociedade*. Editora Blucher.
- Borges, I. S. (2019). *Design gráfico como forma de descolonização: um estudo e reflexão sobre discursos visuais de discriminação e formas de combatê-los* Instituto Politécnico de Leiria. Caldas da Rainha.
- Bortulucce, V. B. (2010). O uso do cartaz como propaganda de guerra na Europa – 1914-1918. *Observatorio (OBS*) Journal*, 4(3), 319-333.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (11ª ed.). Bertrand Brasil.
- Braga, M. d. C. (2019). *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional* (Edição do Kindle). Editora Senac São Paulo.
- Busin, V. M. (2008). *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (21 ed ed.). Civilização Brasileira.
- Calvo, A. G. M. Z. A. P. (2019). *Fotografia e impacto social: aproximações entre o design social e o trabalho “Women are heroes” do fotógrafo francês JR* XV Jornada de Iniciação Científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica,
- Cardoso, S. T. (2010). *O design gráfico e a fotografia no cartaz comercial* Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, SP.
- Carvalhaes, F. F., Nascimento, M. A. N. d., Lima, M. M., Toledo, L. G., Manhas, R. D., & Peres, W. S. (2011). Territórios, gerações & cultura: (des)continuidades das expressões de gênero entre lésbicas. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 02(01), 92-103.
- Carvalho, T. d. C. (2019). *A invisibilidade do privilégio: uma reflexão sobre a estrutura do poder do privilégio através da arte do cartaz* Universidade de Évora]. Évora.
- Casique, L. C., & Furegato, A. R. F. (2006). Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(6).
- Castañeda, M. (2006). *O machismo inviolável* (L. C. d. Malimpensa, Trans.; 1ª ed ed.). A Girafa
- Castro, A. B. C., Santos, J. S. d., & Santos, J. S. d. (2018). *Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista* VI seminário CETROS - Crise e mundo do trabalho no Brasil, desafio para a classe trabalhadora, Itaperi - CE.
- Ceccarelli, P. R. (2000). Sexualidade e Preconceito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(3), 18-37.

- Clement, J. (2020). *Instagram: distribution of global audiences 2020, by age group*. Statista. Acesso em: 29 de Setembro de 2020 de <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>
- Colling, A. M. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. In M. N. Strey, S. T. L. Cabeda, & D. R. Prehn (Eds.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 13-38). EDIPUCRS.
- Colling, A. M. (2015). A construção histórica do corpo feminino. *Caderno Espaço Feminino*, 28(2), 180-200.
- Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (2015). O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. *Revista História e Perspectivas*, 53, 295-314.
- Cordeiro, E. J. V. (2017). *Design gráfico e fotografia: imagem fragmento* Universidade Federal de Pernambuco]. Caruaru.
- Correia, R. I. B. (2014). *Identidade e gestão da visibilidade em jovens gays, lésbicas e bissexuais* Universidade de Évora]. Évora.
- Cortes, J., Silveira, T., Dickel, F., & Neubauer, V. (2015). *A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional*. XVII Seminário internacional de educação no MERCOSUL.
- Costa, T., Stotz, E. N., Grynszpan, D., & Souza, M. d. C. B. d. (2006). Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. *Interface*, 10(20), 363-380.
- Dauphin, C., Farge, A., Fraisse, G., Klapish-Zuber, C., Lagrave, R.-M., Perrot, M., Pézerat, P., Ripa, Y., Schmitt-Panill, P., & Voldman, D. (2001). A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. *Gênero*, 2(1), 7 - 30. (ANNALES, ESC. Mars-avril 1986, n. 2, pp 271-293)
- Denis, R. C. (2000). *Uma introdução à história do design* (1ª ed.). Edgard Blücher.
- Department, S. R. (2021). *Global social networks ranked by number of users 2021*. Acesso em: 13 de Março de 2021 de <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>
- Dias, R. (2015). *Fundamentos de Sociologia Geral*. Editora Alínea.
- Dondis, D. A. (2015). *Sintaxe da linguagem visual* (3 ed ed.). Martins Fontes.
- Eugelmi, K. F., Scardovelli, L. R., & Cozza, J. C. (2019). Invisibilidade social da mulher lésbica. *eHUMANIT@s*(6), 249-259.
- Follador, K. J. (2009). A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. *Revista fatos&versões*, 1, 3-16.
- Fonseca, M. E. M. d. (2011). Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse? *Paralellus*, 2(4), 2012-2226.

- Fortes, W. M. F. (2011). Sociedade, Direito e controle social. *Jus Navigandi*, 16(3100).
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder* (O. e. t. d. R. Machado, Ed.). Edições Graal.
- Francisco, E. H., Piracés-Ugarte, S., Gomes, R., Piracés-Ugarte, M., Kozyreff, A. M., & Strassacapa, J. (2016). Triste, Louca ou Má. On *SOLTASBRUXA*.
- Freitas, A. B. B. d., & Nascimento, V. P. d. (2009). *Os desafios do controle social através da religião. A teoria de fato social de Émile Furkheim*. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e III Encontro Latino Americano de Iniciação Científica Júnior, São José dos Campos.
- Goffman, E. (1982). *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (4 ed ed.). LCT.
- Golin, C., Weiler, L. G., Rios, R. R., & (Firm), N. (2002). *Homossexualidades, cultura e política*. Sulina.
- Gralha, S. A. C. (2017). *A dimensão política do design de comunicação: uma exploração prática*. Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Heller, E. (2014). *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão* (1 ed ed.). Editora Garamond.
- Hörlle, K. R., Terra, A. P., & Brunnet, A. E. (2010). *Relações de gênero e religiões: os papéis designados à mulher*. XI Salão de Iniciação Científica PUCRS, Rio Grande do Sul.
- Jesus, F. V. d. (2018). *Identificação e classificação automática de misoginia em redes sociais*. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Bahia.
- Júnior, A. V. (2008). Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. *Revista Bagoas*(02), 171-190.
- Junior, I. B. d. O., & Maio, E. R. (2016). Opção ou orientação sexual? (des)controvérsias na (des)contextualização da homossexualidade. *Ensino em Revista*, 23(02), 324-344.
- Jusbrasil. (s.d.). *Ordem Social*. Acesso em: 02 de Março de 2020 de <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/297045/ordem-social>>
- Kergoat, D. (2000). Divisão sexual do trabalho e relações sexuais de sexo (M. Nobre, Trans.). In H. Hirata, F. o. Laborie, H. l. n. L. Doaré, & D. l. Senotier (Eds.), *Dictionnaire critique du féminisme*. Editora Presses Universitaires.
- Leão, J. l. T. (2019). *O design gráfico como ferramenta na divulgação do movimento feminista*. Universidade do Porto. Porto.
- Lima, E. C., & Martins, B. (2019). Design social, o herói de mil faces, como condição para atuação contemporânea. In M. d. C. Braga (Ed.), *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional* (Edição do Kindle). Editora Senac São Paulo.

- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista* (6ª ed). Editora Vozes.
- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*, 19(02), 17-23.
- Mãe, V. H. (2016). *O filho de mil homens* (1ª ed.). Biblioteca Azul.
- Mantovani, F. (2019). *Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial*. Acesso em: 26 de Novembro de 2020 de <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/relacao-homossexual-e-crime-em-70-paises-mostra-relatorio-mundial.shtml>>
- Mata, G. M. d. (2009). As práticas “homossexuais femininas” na Antiguidade grega: uma análise da poesia de Safo de Lesbos (século VII a.C.). *Alétheia – Revista de estudos sobre a Antiguidade e o Medievo*, 1.
- Mérgar, A. (2006). *A representação do gênero feminino nos autos criminais na província do Espírito Santo (1853-1870)*. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.
- Mies, M. (2016). Origens sociais da divisão sexual do trabalho. A busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. *Revista Direito e Práxis*, 7(15), 838-873.
- Miskolci, R. (2002/2003). Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, 13(14), 109-126.
- Miyashiro, R. T. (2019). Com design, além do design: os dois lados de um design gráfico com preocupações sociais. In M. d. C. Braga (Ed.), *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional* (Edição do Kindle). Editora Senac São Paulo.
- Molina, L. P. P. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Revista Antíteses*, 04, 949-962.
- Monteiro, A. B. o., & Mendes, A. K. N. (2018). *A despatologização da homossexualidade* Anais do XIV Encontro de Iniciação Científica da UNI7,
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.
- Nascimento, A. P. L., & Cruz, M. H. S. (2018). Heterossexismo e heteronormatividade como regulações das identidades sexuais e de gênero: efeitos produzidos no cotidiano. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais* 7(1), 33-44.
- Navarro-Swain, T. (2004). *O que é lesbianismo* (Vol. 2). Editora Brasiliense.
- Neves, F. d. B. (2009). *Design gráfico e mobilização social: cartazes contra a guerra do Iraque* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Neves, F. d. B. (2019). Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico. In M. d. C. Braga (Ed.), *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional* (Edição do Kindle). Editora Senac São Paulo.

- Nishijima, I. (2011). *Produzindo imagens em design gráfico: reflexões iniciais sobre a fotografia como mediação da informação em cartazes*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba.
- Pereira, A. G. (2012). *Divisão Sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento*. REDOR - Encontro nacional de rede feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisa sobre a mulher e relações de gênero, João Pessoa - PB.
- Pereira, G. F., Veridiano, L. I. C., Eliotério, V. M., & Souza, C. R. d. C. d. (2019). *A influência da estrutura patriarcal na construção da emancipação feminina na sociedade contemporânea*. 22ª Semana de Mobilização Científica - SEMOC, Salvador - BA.
- Pino, A. M. d. O. (2017). *Diversidade sexual e educação: uma relação de desafios e possibilidades*. Editora IRFN.
- Português, D. O. d. (2021). *Lésbica*. Acesso em: 22 de Outubro de 2020 de <<https://www.dicio.com.br/lesbica/>>
- Portuguesa, D. P. d. L. (2021). *Lésbica*. Acesso em: 22 de Outubro de 2020 de <<https://dicionario.priberam.org/lésbica>>
- Prado, M. A. M., & Machado, F. v. (2017). *Preconceito contra homossexualidades - A hierarquia da invisibilidade* (C. Editora, Ed. Vol. 05)
- Ramos, D. M. d., & Nascimento, V. G. d. (2008). A família como instituição moderna. *Revista de Psicologia - Fractal*, 20(461-472).
- Ressel, L. B., & Gualda, D. M. R. (2003). A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(3), 82-87.
- Ribeiro, D. R. K. (2019). Identidade lésbica diversa e relacional: as multiplicidades das existências e as várias formas de resistir. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 2(4), 121-128.
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, 05, 17-44. (1980)
- Rocha, F. L. (2017). *Invisibilidade, lesbofobia e fetichização da mulher lesbiana como violações aos direitos da personalidade e aos direitos fundamentais*. UNICESUMAR. Maringá.
- Rocha, L. (2019). *Lésbica - A origem histórica do termo e o que ele realmente significa*. Acesso em: 12 de Dezembro de 2019 de <<https://areademulher.r7.com/curiosidades/lesbica/>>
- Rocha, W. d. S., & Sampaio, J. M. F. (2016). O direito e a religião como formas de controle social: socialização, intersecções e dilemas. *Revista brasileira de sociologia do direito*, 3, 226-240.

- Salles, A. C. T. d. C., & Ceccarelli, P. R. (2010). A invenção da sexualidade. *Reverso*, 32(60), 15 - 24.
- Santana, P. F. d., & Rasera, E. F. (2018). Heterossexismo e a (in)existência lésbica. *Revista de Psicologia da UNESP* (1), 34-49.
- Santos, B. d. S. (2003). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Civilização Brasileira.
- Schonarth, A. J. (2015). *O olhar fotográfico: os princípios do design para a composição da fotografia*. Centro Universitário Univates. Lajeado.
- Senem, C. J., & Caramaschi, S. (2017). Concepções de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. *Revista Barbarói*(49), 166-189.
- Serretti, A. P. (2010). A religião e a ordem social - breves considerações. *Revista Espaço Acadêmico*, 111(10), 26-35.
- Silva, R. R., & Veneroso, M. d. C. d. F. (2016). *Arte gráfica de protesto: reflexões acerca dos cartazes políticos das jornadas de junho*. Congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design, Belo Horizonte.
- Silva, S. G. d. (2010). Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(3), 556-571.
- Silveira, V. T., & Vaz, A. F. (2014). Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, 36(02), 212-222.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia* (1ª ed). Companhia das Letras.
- Sontag, S. (2010). Pôster: anúncio, arte, artefato político, mercadoria. Em M. Bierut (Ed.), *Textos clássicos do design gráfico*. Martins Fontes.
- Sordi, B. r. A. j., & Moreira, A. C. (2014). *Do sexo único a diferenciação dos sexos: a influência histórica na elaboração de Freud sobre a sexualidade feminina* VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.
- Souza, E. M. d., & Pereira, S. J. N. (2013). (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *Revista de Administração da Mackenzie*, 14(4), 76-105.
- Souza, R. B. R. d., & Lopes, Y. (2019). Violência contra a mulher, machismo e patriarcado no enquadramento jornalístico. *Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, 06(02), 19-34.
- Toledo, L. G. (2008). *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista* Universidade Estadual Paulista. Assis.

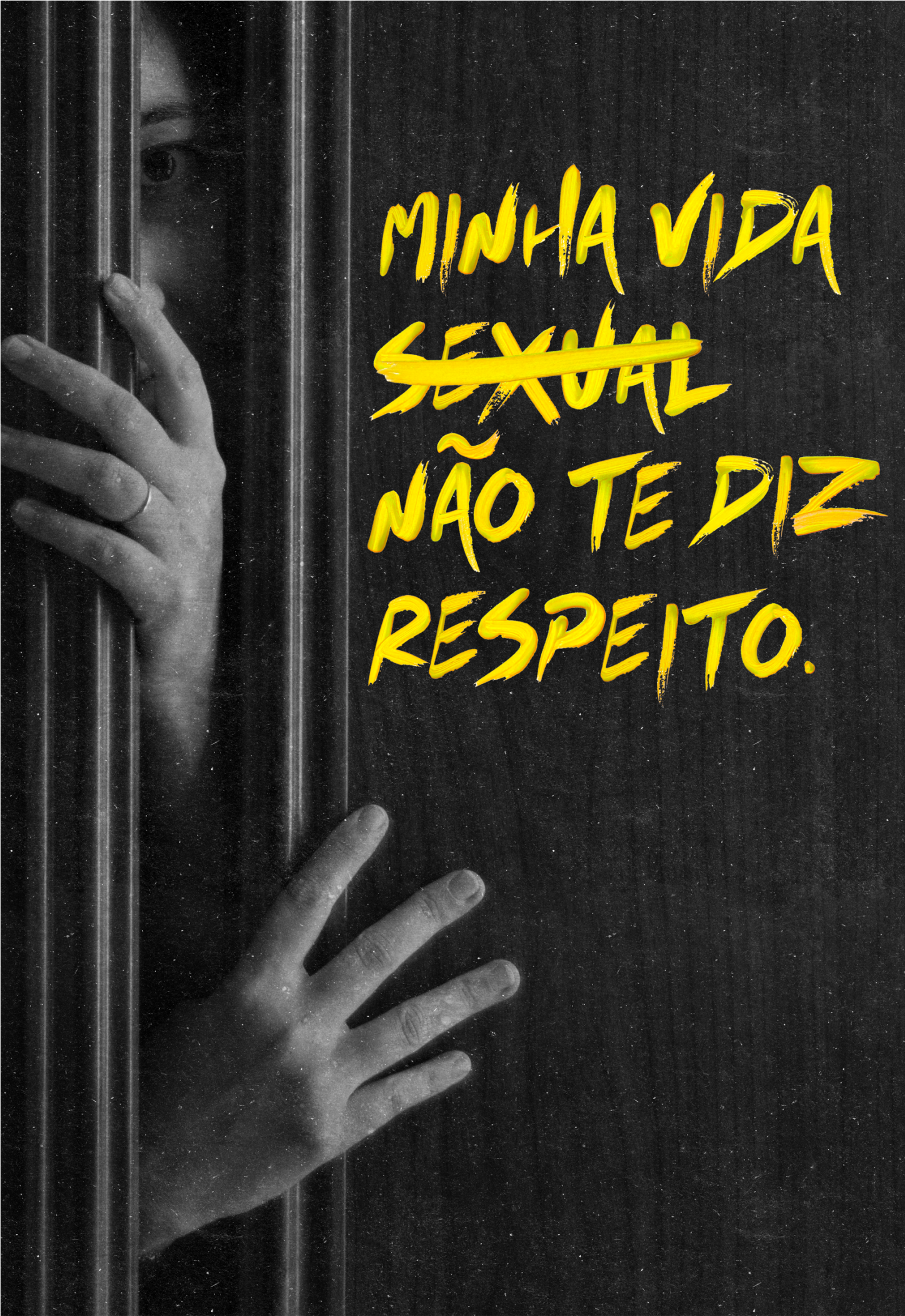
- Toledo, L. G. (2013). “*Será que eu tô gostando de mulher?*”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista Universidade Estadual Paulista. Assis.
- Toledo, L. G., & Filho, F. S. T. (2012). As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. *Revista Temáticas*, 20(40), 67-103.
- Treviso, M. A. M. (2008). A discriminação de gênero e a proteção à mulher. *Revista Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região*, 47(77), 21-30.
- Vaquer, J. (2007). Longe Aqui. Em *Formidável Mundo Cão*.
- Vasques, L. (2017). *Invisibilidade lésbica: uma violência silenciosa*. Acesso em: 25 de Outubro de 2019 de <<https://revistaforum.com.br/direitos/invisibilidade-lesbica-uma-violencia-silenciosa/>>
- Vilela, P. R. (2018). *Violência e invisibilidade marcam realidade de lésbicas no Brasil*. Acesso em: 17 de Outubro de 2019 de <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-08/violencia-e-invisibilidade-marcam-realidade-de-lesbicas-no-brasil>>
- Wermuth, M. Â. D., & Canciani, P. (2018). Entre identidades e microresistências: onde estão as lésbicas? *Revista Quaestio Iuris*, 11(20), 1362-1377.
- Wittig, M. (1970). *Ninguém nasce mulher*. Acesso em: 03 de Abril de 2021 de <<https://we.riseup.net/sapafem/ninguém-nasce-mulher-monique-wittig>>
- Ziller, J., Carvalho, F. V., Lamounier, G., Facharo, I., Hoki, L., Teixeira, L. d. P. F., & Morena, M. (2019). *Lesbianidades em rede: visibilidades e invisibilidades no YouTube*. VI Simpósio Internaonal LAVITS 2019, Salvador, BA.

apêndices

apêndice a | cartazes em formato grande

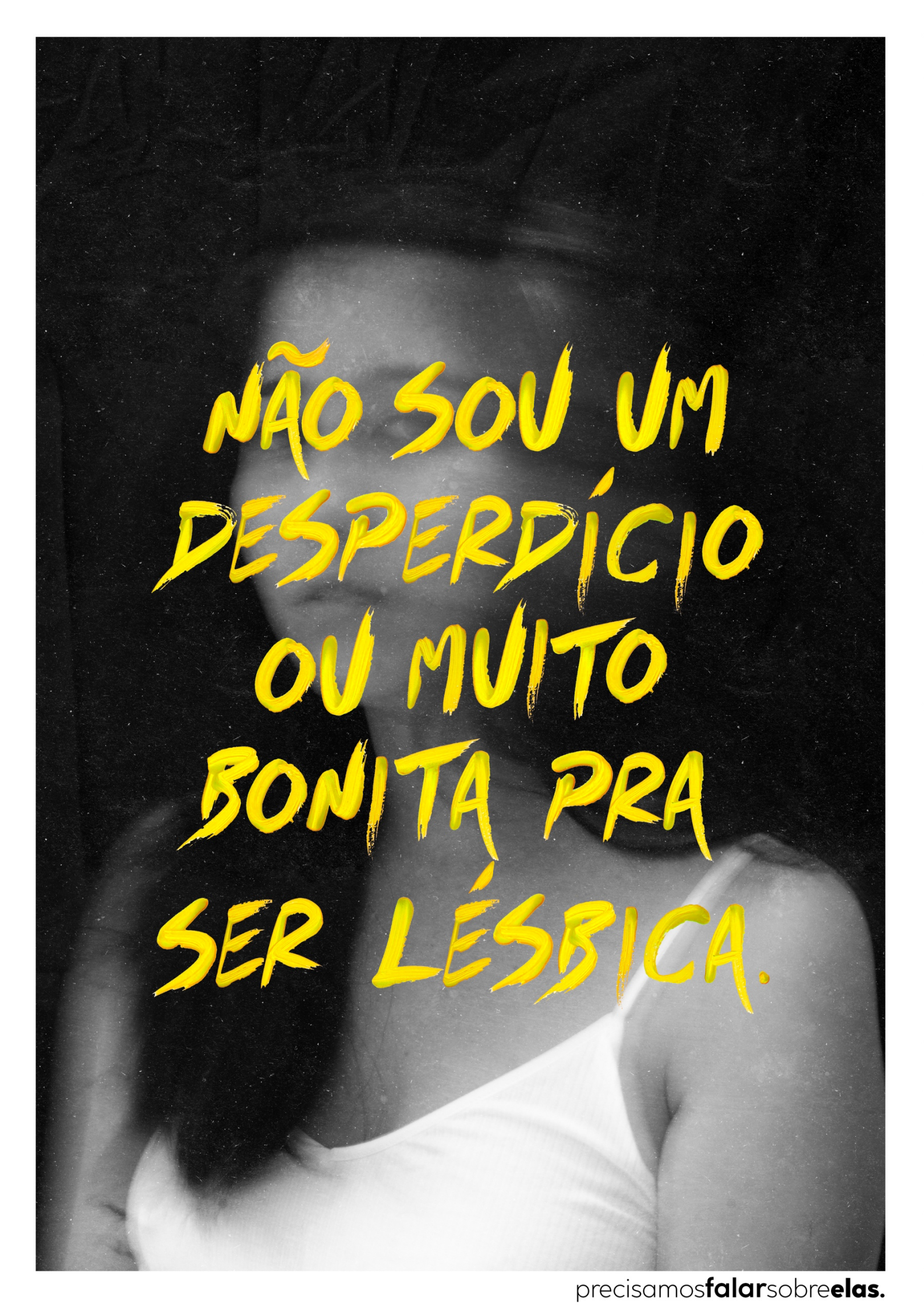
EU NÃO PRECISO
ME ENCAIXAR
NOS SEUS
ESTEREÓTIPOS

precisamos **falar** sobre elas.



MINHA VIDA
~~SEXUAL~~
NÃO TE DIZ
RESPEITO.

precisamos **falar** sobre **elas**.



NÃO SOU UM
DESPERDÍCIO
OU MUITO
BONITA PRA
SER LÉSBICA.

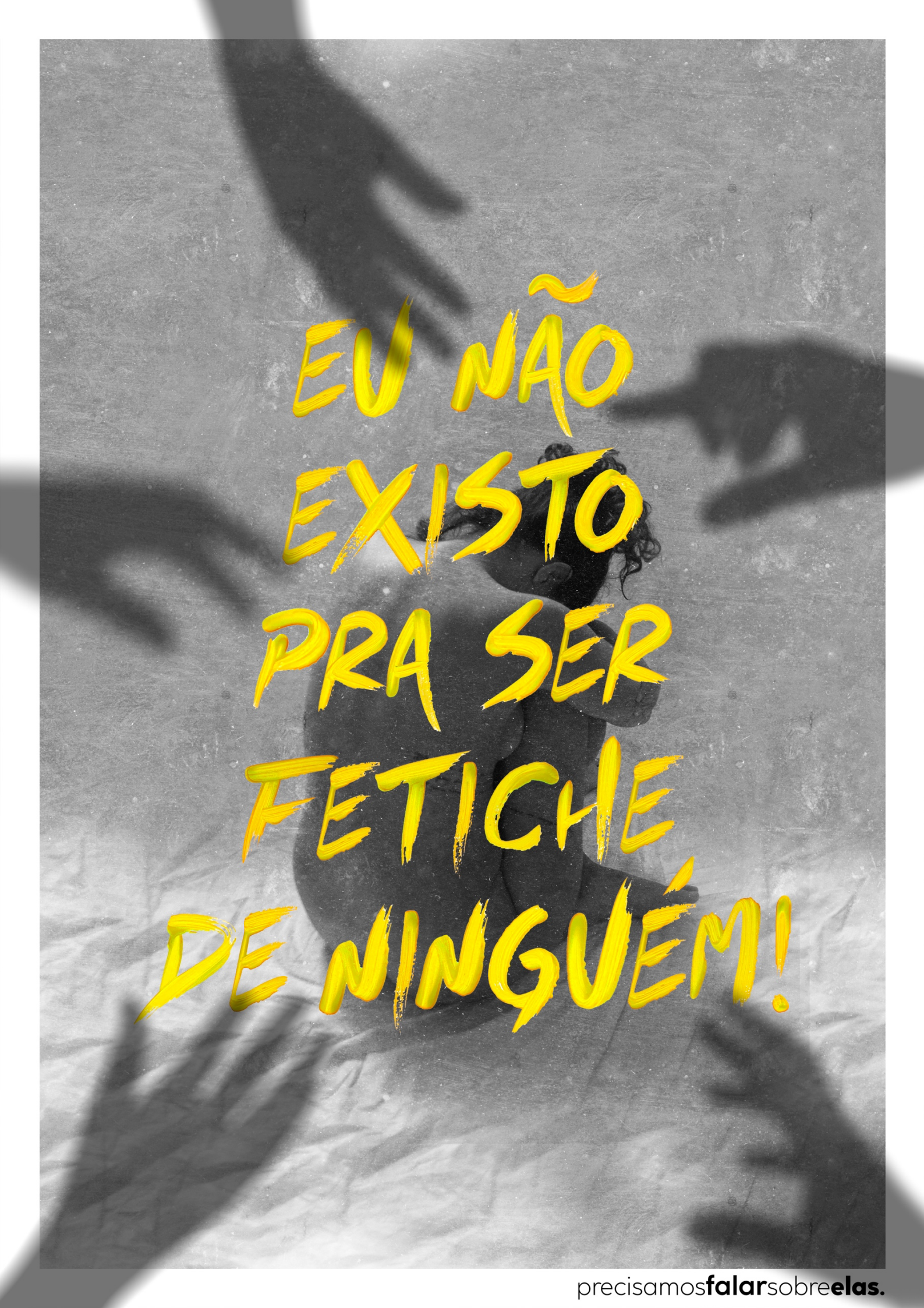


NÃO
EXISTE
HOMEM
NA
RELACÃO!

precisamos **falar** sobre **elas**.



MINHA
SEXUALIDADE
NÃO É UMA
FASE!



EU NÃO
EXISTO
PRA SER
FETICHE
DE NINGUÉM!

MINHA SEXUALIDADE
NÃO ME IMPEDE
DE SER MÃE.

MÃE MÃE



LE NEM TODA MULHER
QUER TER FILHOS)



SEXUALIDADE
NÃO TEM
A VER COM
GÊNERO!



NÃO SE UTILIZE
DA SUA RELIGIÃO
PARA JULGAR
E CONDENAR
O PRÓXIMO!

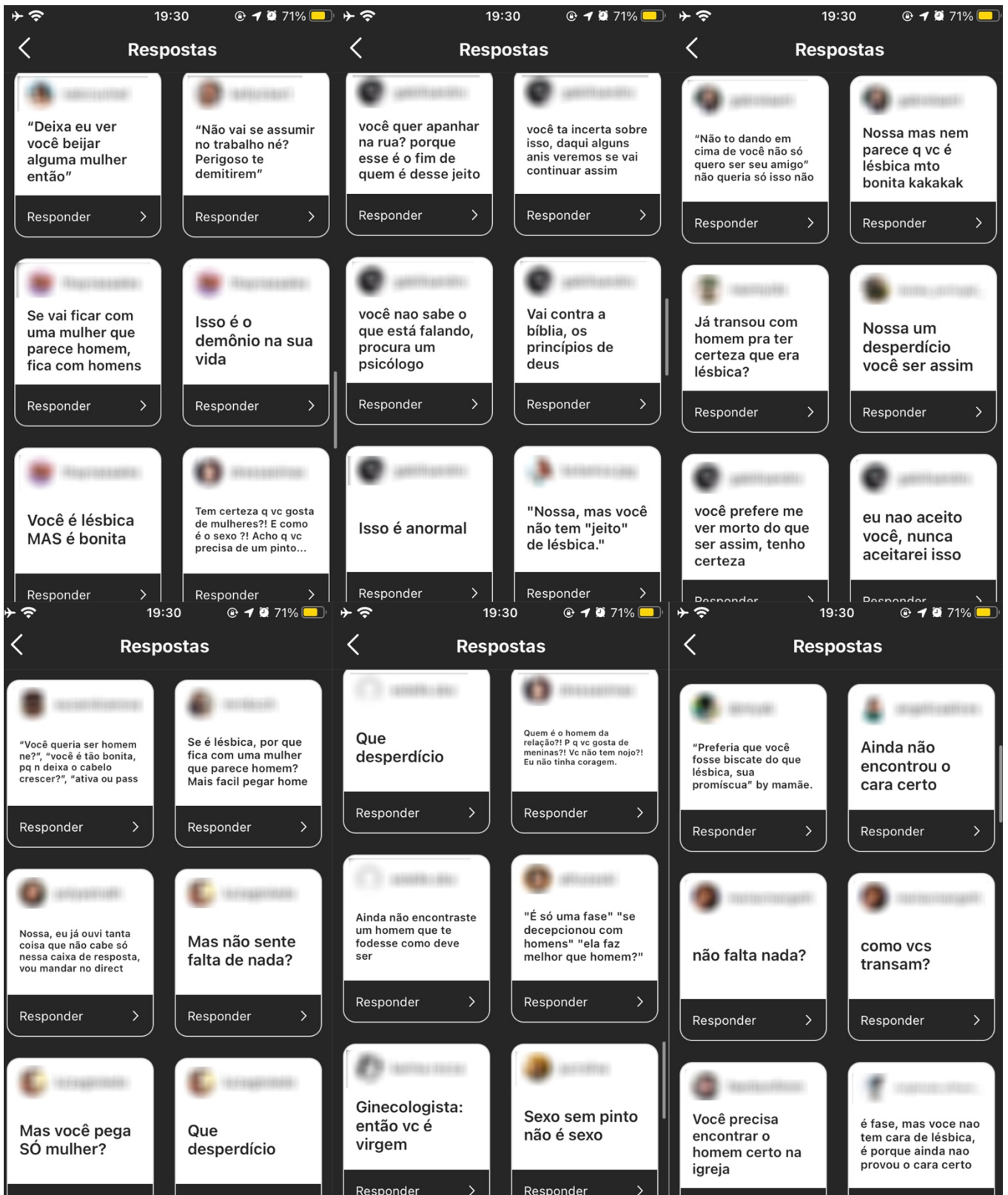


EU NÃO
PRECISO
ENCONTRAR
HOMEM
NENHUM.

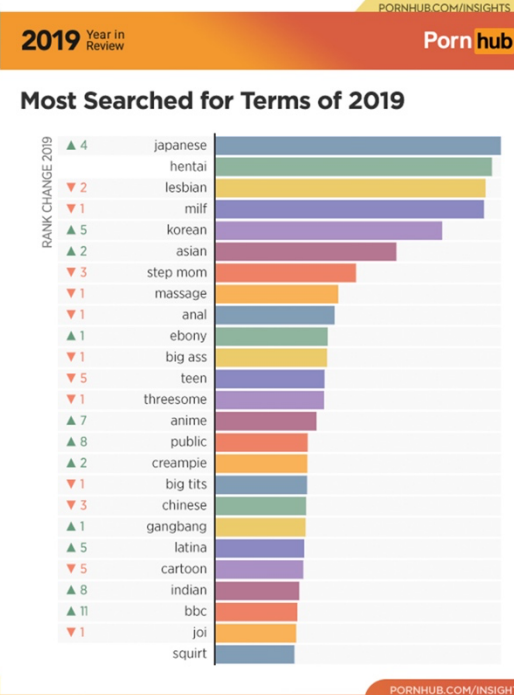
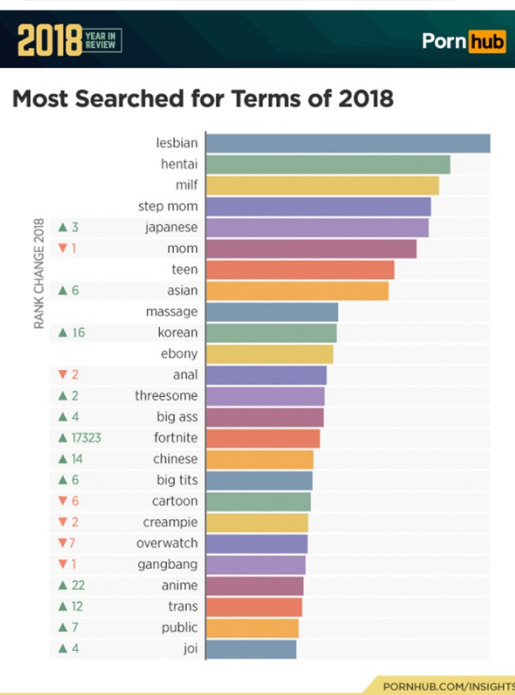
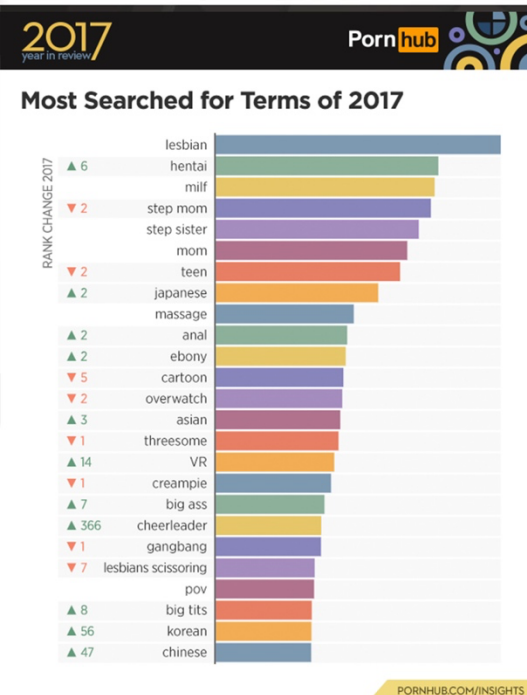
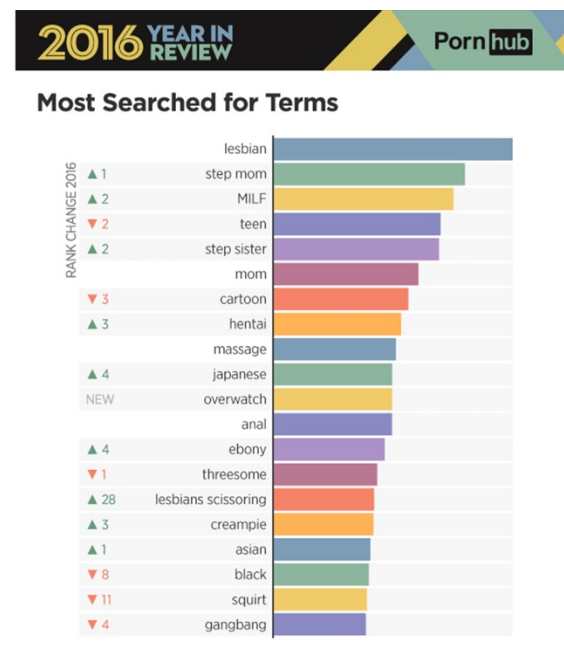
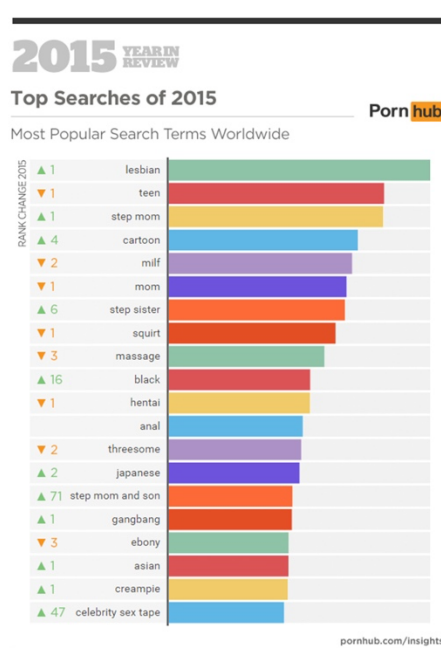
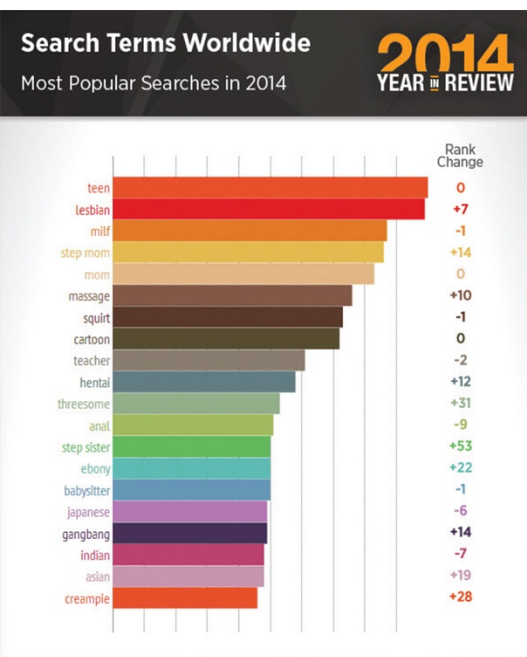
precisamos **falar** sobre elas.

apêndice b | questionário prévio no instagram





apêndice c | *chartspornhub*



apêndice d | termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de consentimento livre e esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa sobre a invisibilidade das mulheres lésbicas desenvolvida pela acadêmica Rafaela Oshima do mestrado em Design da Imagem da Universidade do Porto (Portugal). Fui informada, ainda, de que a pesquisa é estritamente para o âmbito acadêmico.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se apresentará de forma anônima, por meio de questionário com aplicação online. Estou ciente de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos ou constrangimentos.

Atesto estar ciente deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Porto, 08 de novembro de 2019.

apêndice e | questionário

Essa pesquisa está sendo realizada para o aprofundamento da dissertação de Mestrado do curso de Design da Imagem da Universidade do Porto (Portugal) e tem como objetivo principal a complementação do mesmo.

Sua ajuda é muito importante para o desenvolvimento dessa pesquisa. Suas respostas são estritamente para o uso acadêmico e a sua participação é voluntária e anônima, ao responder as questões você estará concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (<https://bit.ly/36LzwtF>).

Dúvidas e sugestões: rafaelaoshima@hotmail.com

Você é mulher homossexual (lésbica)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Idade:

País:

Área profissional:

Relacionamento:

- | | |
|----------------------------------|---|
| ☐ Casada | ☐ Relacionamento aberto |
| ☐ Divorciada | ☐ Solteira |
| ☐ Namorando | ☐ Viúva |
| ☐ Poliamor | ☐ Outro, _____ |

1. Você já sofreu alguma forma de preconceito ou foi hostilizada por ser lésbica?

- ☐ Sim (redireciona para a próxima questão)
- ☐ Não (redireciona para a questão 2)

Por quem?

- | | |
|--|--|
| ☐ Pela família | ☐ Por professores |
| ☐ Pela família da minha
conjugue | ☐ Por colegas de classe |
| ☐ Por amigos | ☐ Por estranhos na rua |
| ☐ Por colegas de
trabalho | ☐ Por pessoas na
internet |
| ☐ Por superiores no
trabalho | ☐ Por profissionais da
saúde |
| | ☐ Outro _____ |

2. Em quais locais se sente confortável para falar\exercer a sua sexualidade?

- ☐ Com meus amigos
- ☐ No âmbito familiar
- ☐ No âmbito profissional (ex: com superiores, colegas de trabalho)
- ☐ No âmbito acadêmico (ex: com professores, colegas de classe)
- ☐ No âmbito da saúde (ex: em consultas)
- ☐ No âmbito público (ex: na rua, demonstrar afeto, andar de mãos dadas)
- ☐ Apenas no âmbito particular
- ☐ Outros, _____

3. Sua sexualidade já foi descredibilizada de alguma maneira?

- ☐ Sim (redireciona para a próxima questão)
- ☐ Não (redireciona para a questão 4)

Essa descredibilização surgiu por:

- ☐ Você já ter se relacionado com homens
- ☐ Você não se relacionar com homens
- ☐ Não existir um órgão sexual masculino nas suas relações (quando com pessoas cis)
- ☐ Alguém achar que a sua conjugue era sua amiga
- ☐ Não parecer lésbica
- ☐ Outros, _____

4. Você já sofreu algum tipo de violência por ser lésbica?
- | | |
|--------------------------------------|--|
| ☐ Física | ☐ Simbólica |
| ☐ Psicológica | ☐ Institucional |
| ☐ Sexual | ☐ Não sofreu nenhum tipo de violência |
| ☐ Patrimonial | |
5. Quais dessas sentenças você já ouviu por ser lésbica:
- ☐ Isso é fase
 - ☐ Quem é o homem da relação?
 - ☐ Como você transa?
 - ☐ Ainda não encontrou o homem certo
 - ☐ Só é lésbica porque algum homem te magoou
 - ☐ Posso participar?
 - ☐ É lésbica? Então prova
 - ☐ Tão bonita para ser lésbica
 - ☐ Se gosta de mulher por que fica com mulheres que parecem homens?
 - ☐ Você só fica com mulheres?
 - ☐ Que desperdício
 - ☐ Não falta nada? (Se referindo a relação sexual)
 - ☐ Você não tem cara de lésbica
 - ☐ Já transou com homem para ter certeza?
 - ☐ Como você sabe que é lésbica se nunca transou com homem?
 - ☐ Isso é falta de Deus
 - ☐ Você vai para o inferno
 - ☐ Beijava você e a sua namorada
 - ☐ Você quer virar um homem?
 - ☐ Você não quer engravidar/ser mãe?
 - ☐ Você está apenas confusa
 - ☐ Você só é lésbica porque nunca transou comigo
 - ☐ Outro, _____
 - ☐ Nenhuma
6. Você se sente contemplada com as políticas de promoção de saúde para mulheres?
- ☐ Sim
 - ☐ Não

7. Você já viu políticas de promoção de saúde para mulheres lésbicas?
- ☐ Sim, quais
 - ☐ Não
8. Qual dessas questões você já enfrentou no âmbito da saúde por causa da sua sexualidade?
- ☐ Prefiro não revelar minha orientação sexual
 - ☐ Já fui desacreditada/hostilizada/sofri preconceito
 - ☐ O profissional da saúde omitiu algum exame por causa da minha sexualidade (ex: deixou de fazer algum exame ginecológico só pelo fato de você ser lésbica)
 - ☐ Outros, ____
 - ☐ Não tive problemas
9. Você sabia que o sexo entre mulheres também transmite ISTs?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
10. Você faz exames para verificar sobre as ISTs?
- ☐ Sim, regularmente
 - ☐ Sim, mas fiz poucas vezes
 - ☐ Sim, mas só quando não estou numa relação monogâmica
 - ☐ Nunca fiz
11. Você utiliza algum produto para evitar ISTs durante o sexo?
- ☐ Sim (redireciona para a próxima questão)
 - ☐ Não (redireciona para a questão 11)

Quais?

- ☐ Camisinha feminina adaptada
 - ☐ Plástico filme
 - ☐ Dental Dam
 - ☐ Outros, _____
12. Quando está numa relação sexual, você protege os instrumentos sexuais (vibradores, plugs etc) com produtos de prevenção (como a camisinha) de ISTs?
- ☐ Sim

- Não
- Não utilizo instrumentos sexuais

13. Você segue/faz parte de alguma religião atualmente?

- Sim (redireciona para a próxima questão)
- Não (redireciona para a questão 16)

Qual (s)?

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| ☐ Budismo | ☐ Islamismo |
| ☐ Candomblé | ☐ Judaísmo |
| ☐ Cristianismo | ☐ Wicca |
| ☐ Espiritismo | ☐ Umbanda |
| ☐ Hinduísmo | ☐ Outro, _____ |

14. Você mudou de religião por causa da sua sexualidade? Sinta-se à vontade para falar sobre na resposta “outros”.

- Sim
- Não
- Outros, _____

15. O fato de você não seguir/fazer parte de alguma religião tem relação com a sua sexualidade? Sinta-se à vontade para falar sobre na resposta “outros”.

- Sim
- Não
- Nunca segui/fiz parte de nenhuma religião
- Outros, _____

16. Você se sente representada, como uma mulher lésbica, em quais canais:

- | | |
|----------------------------------|--|
| ☐ Filmes | ☐ HQs |
| ☐ Séries | ☐ Nenhum |
| ☐ Novelas | ☐ Outros, _____ |
| ☐ Livros | |

17. Você considera que obras de ficção como filmes, series, livros e novelas condizem com a realidade de uma mulher lésbica?

- Sim, todos
- Sim, mas apenas alguns
- Não, _____

18. O que você acredita que falta para dar mais visibilidade as mulheres lésbicas?

- ☐ Mais estudos sobre (ex: artigos, tccs, dissertações, teses etc)
- ☐ Mais documentários sobre
- ☐ Mais campanhas sobre
- ☐ Mais representações (mídia, filmes, series, livros etc)
- ☐ Mais palestras e conscientização sobre
- ☐ Mais projetos sobre (artísticos, fotográficos etc)
- ☐ Outro, _____

19. Quais canais você utiliza para se informar

- | | |
|---|---|
| ☐ Redes sociais (facebook, Instagram, twitter) | ☐ Youtube |
| ☐ Televisão\cinema | ☐ Fóruns |
| ☐ Revistas e jornais | ☐ Sites acadêmicos |
| ☐ Blogs, vlogs | ☐ Outros, _____ |

20. Você utiliza qual termo para se referir a mulheres homossexuais?

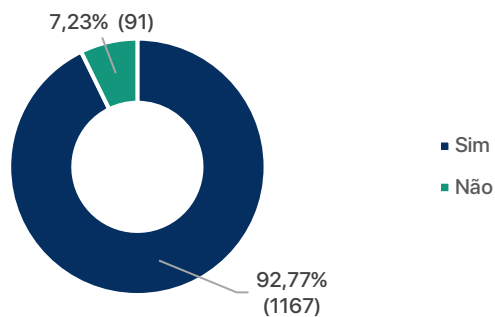
- | | |
|----------------------------------|---|
| ☐ Lésbica | ☐ Apelidos (sapatão, fancha, fufa, caminhona, etc) |
| ☐ Gay | ☐ Outro, _____ |
| ☐ Sáfica | |
| ☐ Queer | |

21. Você acredita que o termo “gay” exclua as mulheres homossexuais?

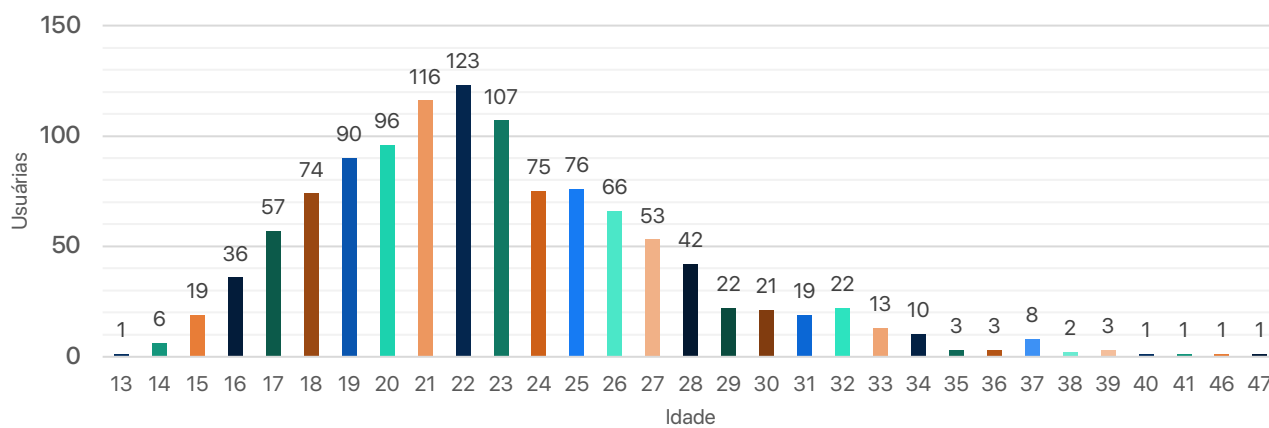
- ☐ Sim
- ☐ Não

apêndice f | resultados do questionário

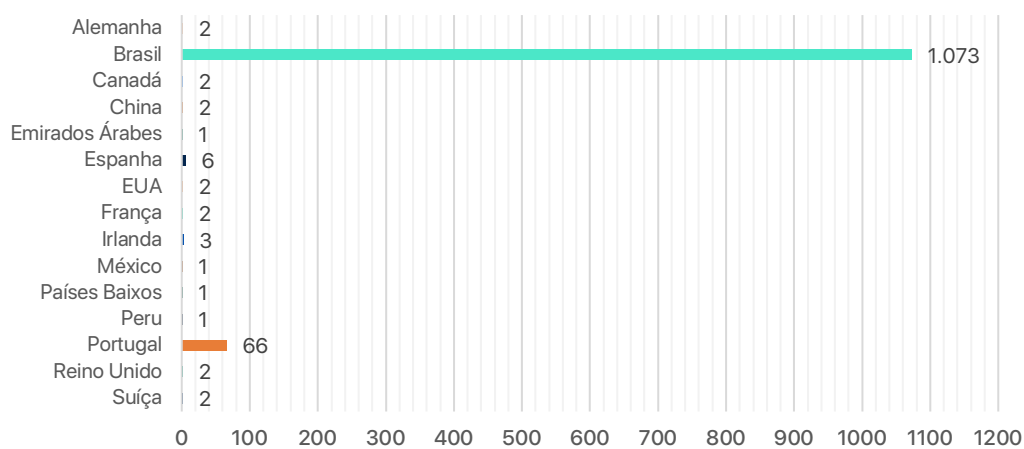
Você é mulher homossexual (lésbica)?



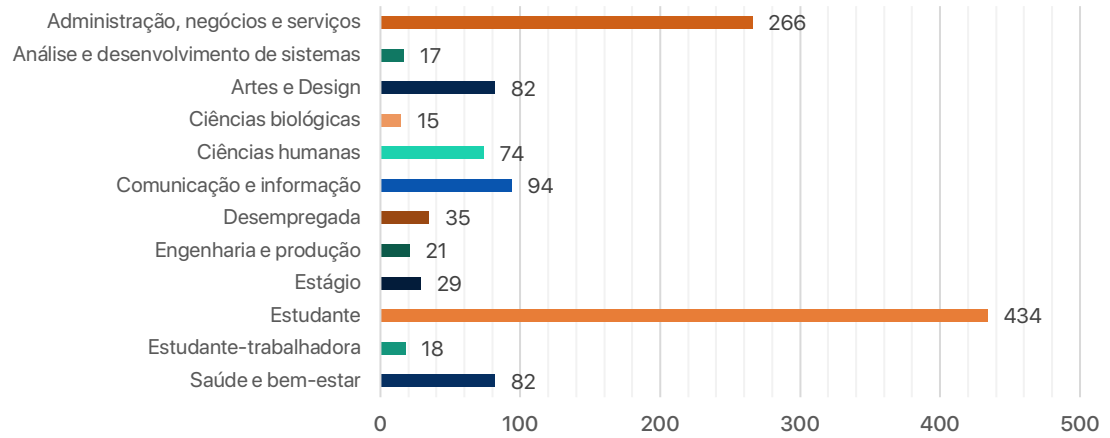
Faixa etária



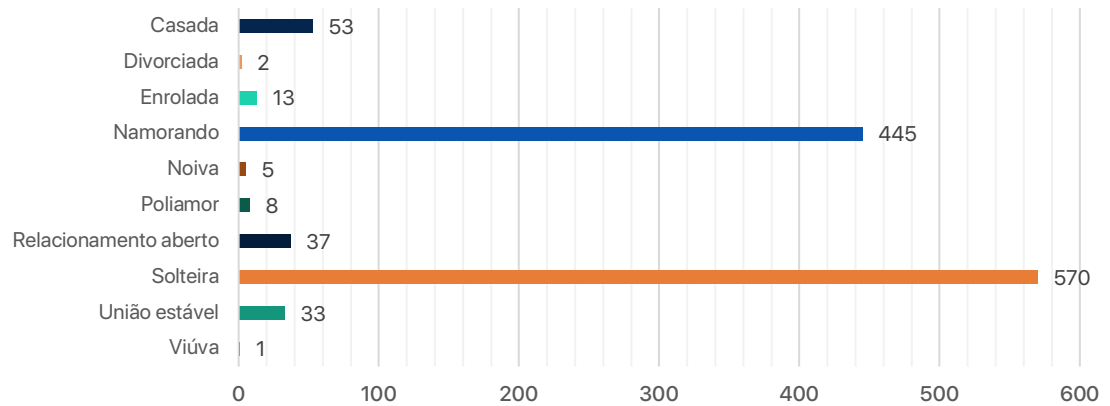
País



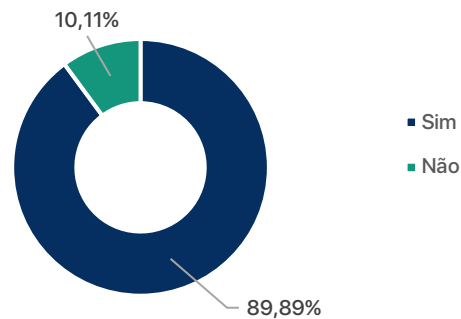
Área profissional



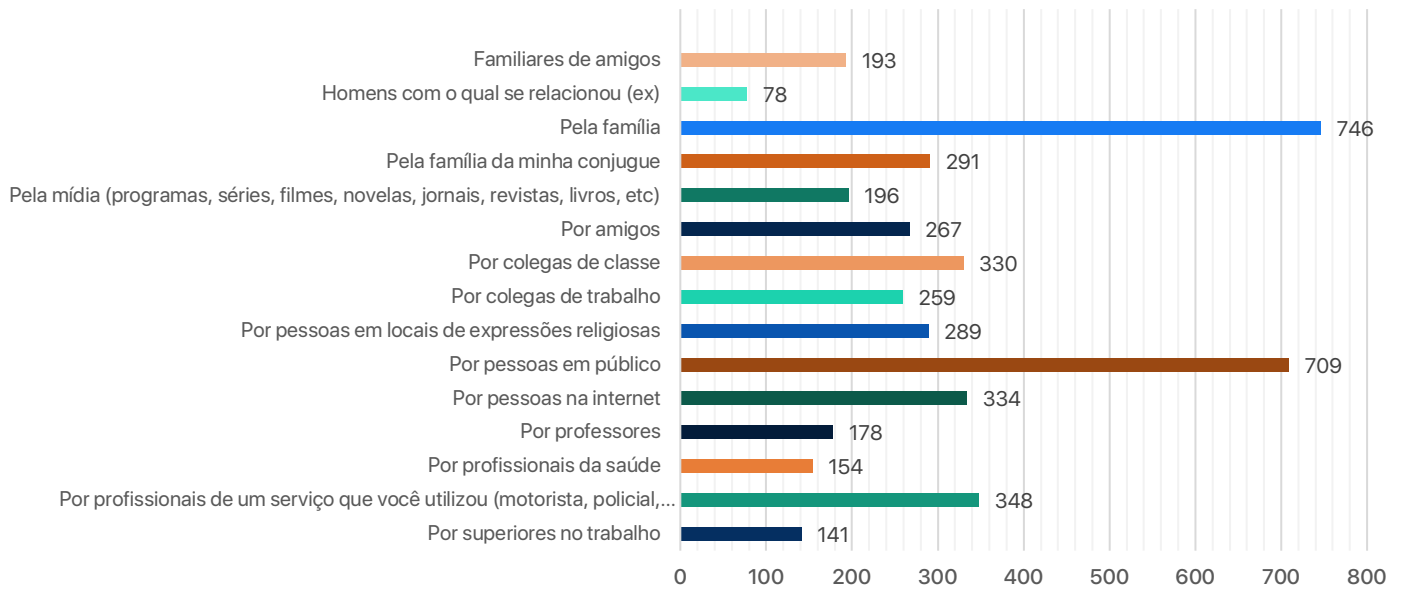
Relacionamento



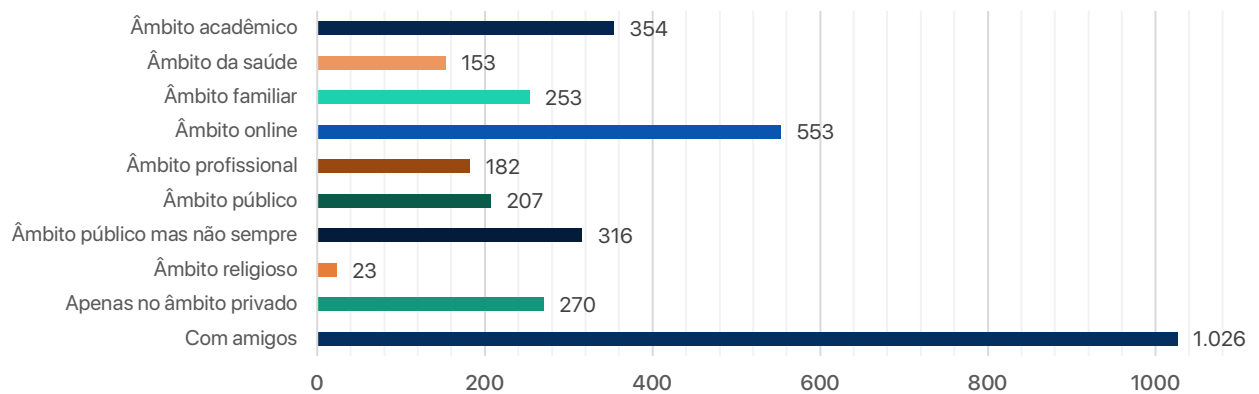
Você já sofreu alguma forma de preconceito (descredibilização, violência, opressão, invisibilidade etc) ou foi hostilizada por ser lésbica?



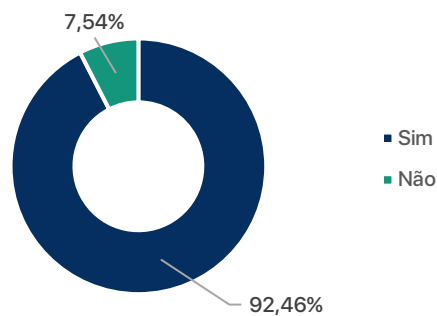
Por quem?



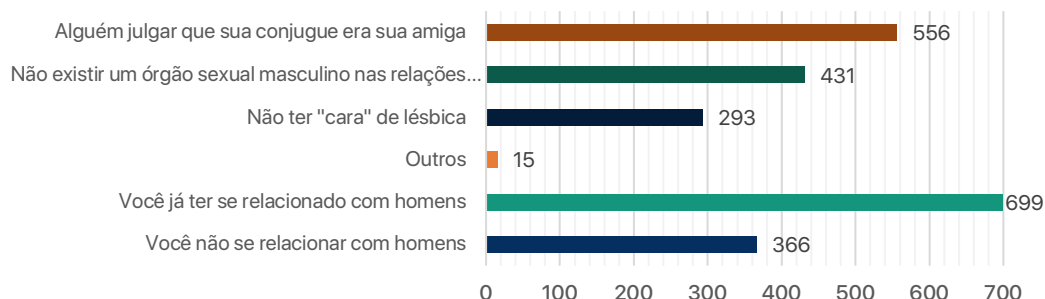
Em quais locais se sente confortável e sem receios para falar\exercer a sua sexualidade?



Sua sexualidade já foi descredibilizada de alguma maneira?



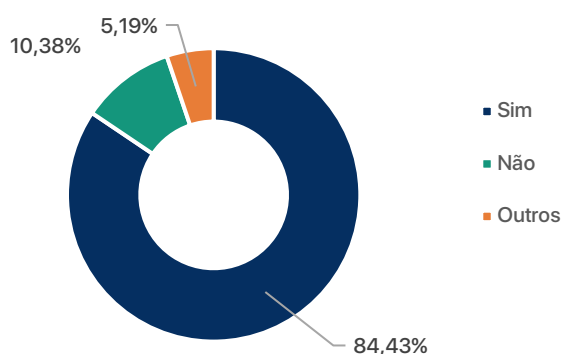
Essa descredibilização surgiu por:



Outros:

- "A mulher sempre é questionada, ainda mais se não tem um homem presente na relação amorosa, parece que não passa 'credibilidade', já que só confiam e acham credível a fala masculina"
- "Acreditarem que não existe lesbianismo"
- "As pessoas acham que a homossexualidade é uma fuga para mim"
- "Já fui abusada por um ex-amigo porque ele acreditava que poderia mudar minha sexualidade"
- "Pensarem que a lesbianidade é só uma fase"
- "Por causa do meu período de heterossexualidade compulsória"
- "Por eu performar a feminilidade"
- "Por eu reproduzir a feminilidade e não ter a aparência que a sociedade heteronormativa espera de uma lésbica"
- "Por eu ser muito vaidosa, usar vestido"
- "Por eu ter um filho"
- "Por não ter aparência masculina"
- "Por não ter tido um pai biológico presente"
- "Ser jovem"
- "Ter me descoberto muito nova"

Você já sentiu que sua sexualidade é fetichizada de alguma forma? (Sinta-se livre para falar sobre na resposta outros)



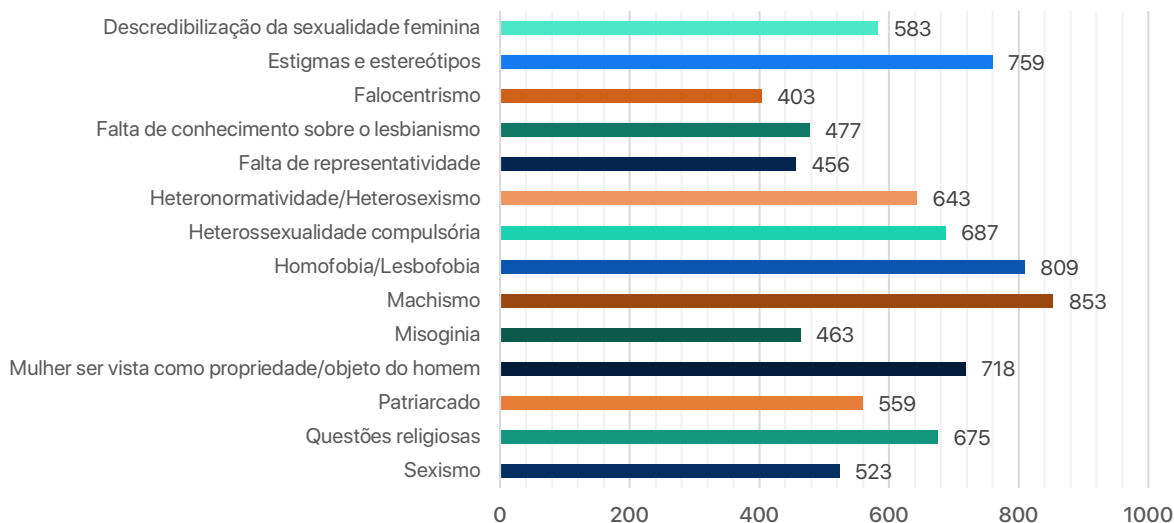
Outros:

- "A situação mais grave foi quando um homem começou a se masturbar ao ver eu e uma outra menina nos beijando em um banco da praça"
- "Até com amigos homens"
- "Beijando na boca no carnaval e homem querendo participar"
- "Casais e homens sempre estão muito interessados na minha sexualidade"
- "Com comentários de colegas de trabalho pedindo pra ver beijos, e amassos, e se oferecendo pra participar do sexo"
- "Completamente. Qualquer ato, mesmo que seja pegar na mão."

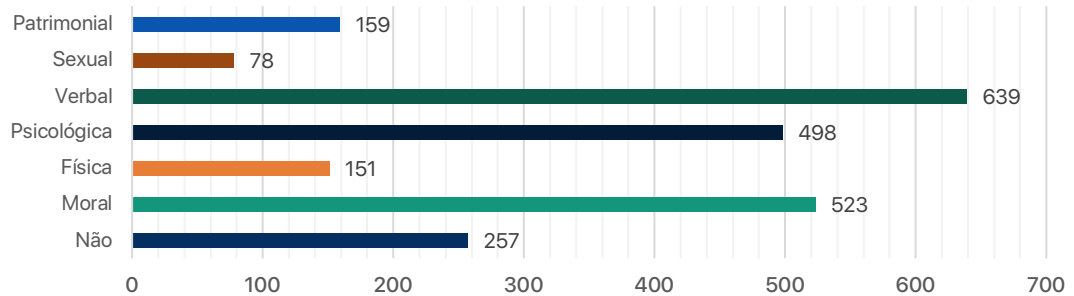
- “Diversas vezes recebi convites pra menage, como se fosse algo que eu ia querer automaticamente”
- “dois amigos dando em cima da minha namorada. Sem se importar nenhum pouco se a gente ia se sentir confortável.”
- “É comum encontrar postagens, vídeos e gifs na internet, que trazem à tona o fetiche de duas mulheres. E geralmente, cabe dizer que são mulheres tidas enquanto “femininas”, o padrão que usualmente agrada o público masculino. Para além disso, diversos olhares e comentários que exprimem essa noção.”
- “É mais aceitável, por ser duas mulheres, mas aceitável no possível fetiche masculino”
- “Em algum lugar, alguém sempre sinete um ménage”
- “em festas ja sofri assedio”
- “Especialmente por amigos homens. “
- “Estava em Sao Paulo, beijando uma menina na Augusta, e 3 homens passaram por nos na duração do beijo, e todos os 3 parou para assistir e 2 nos convidaram para ir para o mote dizendo que não queria participar apenas assistir. O terceiro disse que estava excitado, na nossa cara. Nos retiramos o mais rápido possível e não nos beijamos mais ali.”
- “Eu e minha namorada já recebemos diversas propostas, assédios, “elogios” e etc, todos constrangedores e indesejados
- “experimente pesquisar por fantasias de carnaval de casal lesbico no google. é SÓ porno. ja fui fetichizada na rua, por colegas, em bares, baladas,.”
- “Homens com interesse em menages, homens falando que somos um casal de meninas bonitas e por isso td bem, etc.
- “Homens tentarem se colocar no beijo ou invadirem o espaço pessoal e moral”
- “Inúmeras vezes e das mais diversas formas! Semana passada, por exemplo, eu estava tomando sorvete com a minha parceira e um casal heterossexual começou a puxar assunto conosco. Acontece que no momento em que a mulher foi ao banheiro o homem começou a fazer perguntas sobre nosso relacionamento, demonstrando interesse em passar uma noite conosco. - “Sempre acontece coisas assim... os homens tem muito fetiche em relações lésbicas.”
- “Já aconteceu algumas vezes de homens já velhos (40 anos para mais) ficar olhando quando eu estava beijando alguma menina”
- “Já aconteceu de homens falar que não tem problemas, ele gostava de transar com 2 mulheres, tipo ménage”
- “Já beijei uma menina em público com um homem praticamente se masturbando proximo a gente enquanto nos observava.”
- “Ja fui chamada muitas vezes pra participar de ménage.”
- “Já fui convidada várias vezes para um sexo com casal.”
- “Já tive relatos de amigos homens, dizendo que “fulano de tal” já me “homenageou” pensando em mim vim outra mulher”.
- “Já ouvi muito ‘nossa beija um pouco mais a menina, tá bonito de ver’, ‘hoje não vou dormir só pensando em vocês duas juntas’, ‘na próxima me convida”
- “Mais de uma vez homens tentaram invadir meu relacionamento, seja se convidando pra participar, seja chegando direto e tentando beijar junto”
- “Me assumi na adolescência, no ensino médio especificamente. Na minha sala havia uma outra garota lésbica, mas que não performava feminilidade. Certa vez os garotos da sala disseram que ela era uma sapatão nojenta, mas eu era lésbica e que ser lésbica era sexy, mas ser sapatão não.”
- “Minha esposa é bissexual e nossa relação é fetichizada por vários homens” 31
- “MUITO! Principalmente em publico (barzinhos) onde caras olham sem parar e quando passam falam baixinho só pra vc ouvir: me imagino com vcs”
- “Na balada, eu estava dançando com uma menina que eu ficava, e um cara queria entrar no meio, mesmo com a gente saindo do mesmo lugar várias vezes)”
- “namorado de uma amiga sacou o celular e começou a fotografar eu e minha namorada nos beijando”
- “Sim, até mesmo por amigos heteros que falam na brincadeira mas a gnt sabe que a intenção dessa brincadeira, e acaba me dando mais repulsa pelos homens.”
- “sim, inclusive, sinto esse tipo de fetiche vindo de pessoas da própria comunidade LGBT”
- “Sim, mais da metade dos homens que eu trabalho já pediram pra ver, ou participar”
- “Sim, muitas vezes aconteceu de eu estar beijando e os homens olharem como se estivessem vendo um pornô e algumas vezes ainda pediram pra participar”
- “Sim, muitos pedem pra participar e mesmo percebendo que isso de alguma forma me deixou desconfortável a pessoa nao parou”
- “Sim, na primeiríssima vez que beijei uma menina em público, uns boys pediram para participar. Além disso, estudando cinema, noto como é absurda a fetichização e pouca representatividade que temos na tela”
- “Sim, não tenho amigos homens héteros porque como mulher lésbica acho impossível me relacionar com eles por ser mulher e por ser lésbica. Na rua eu sinto demais, no Rio na época de carnaval eu não beijo, não farto porque tenho medo deles fazerem algo. Por ser geralmente a parte mais feminina da relação eu tenho medo dos caras me perseguirem como já aconteceu duas vezes e quererem ficar comigo a força.”
- “Sim, os homens sempre se convidam pra participar pq acham que vai ser maravilhoso pra ele e vai corrigir a minha sexualidade. Querem ver, experimentar mas não gostam de saber sobre que somos lésbicas, é um tanto estranho”
- “Sim, os relacionamentos lésbicos não são tratados de forma honesta em filmes, séries, etc”
- “Sim, porque quando estive com namorada ou ficante, homens já perguntaram se ‘não podiam participar”
- “Sim, tanto por homens e por mulheres. As vezes os comentários de mulheres heterossexuais é pior que os homens”
- “Sim, teve uma vez que estava beijando minha ex no shopping e um homem começou a filmar descaradamente como se fosse algo prazeroso para ele, eu senti medo e nojo”
- “Sim, um exemplo é na pornografia que existe. Existe uma categoria para homens homossexuais porém a subcategoria que existe de mulheres homossexuais encontrar-se muitas vezes na categoria heterossexual como fetiche para homens heterossexuais.”

- “Sim!! Principalmente pelo fato de eu performar mais feminilidade sou extremamente fetichizada”
- “Sim! Como se o sentimento fosse ilegítimo e precisasse de ter um motivo pra existir, por ser com alguém do mesmo sexo.”
- “Sim. Já pediram pra participar, para assistir, disseram que acham bonito, que só aceitam casais de lésbicas porque é “bonito de ver”, etc”
- “Sim. Mais de uma vez homens pediram para “participar” ao ver eu e minha namorada nos beijando.”
- “sinto que por atingir padrões de beleza é muito comum que homens façam comentários hostis como: posso participar, imagina um menage, inclusive já recebi esses comentários em festas lgbt! além disso, amigos meus (heteros e homens) já falaram: vc pega mais mulher que fulano, voce só fica com mulher bonita, como consegue? etc-”
- “Tanto por homens quanto por mulheres heterossexuais. Para homens, nossa sexualidade é sobre eles, e as mulheres heteros se sentem curiosas e também acham que é sobre elas.”
- “Toda vez que um homem pede para participar de um beijo ou em inúmeros outros casos.”
- “Todos os dias vemos essas coisas na tv, em filmes e etc...”
- “Todos os dias, é o meu trabalho, sou camgirl, ganho a vida servindo de fetiche”
- “Um “amigo” pediu pra eu filmar uma transa com a minha ficante pra ele ver ”
- “um homem pediu pra beijar eu e a menina que eu estava (que é bi), ela sabia que eu era lesbica e mesmo assim me perguntou se eu nao queria beijar ele junto”
- “Uma mulher que tinha um relacionamento aberto queria ficar comigo mas o namorado dela teria que estar presente quando isso fosse acontecer mesmo eu falando que perdi o interesse por conta disso o namorado dela veio falar comigo insistindo pedindo que pelo menos eu desse um beijo nela na frente dele
- “uma vez um amigo me viu ficando com uma garota e depois veio me dizer “da próxima vez me chama para participar” (ele namorava na época)”
- “VÁRIAS vezes na rua algum homem empurrar pra eu beijar meninas, até amigas minhas que são hétero só pra satisfazer, ou pedir pra participar...!

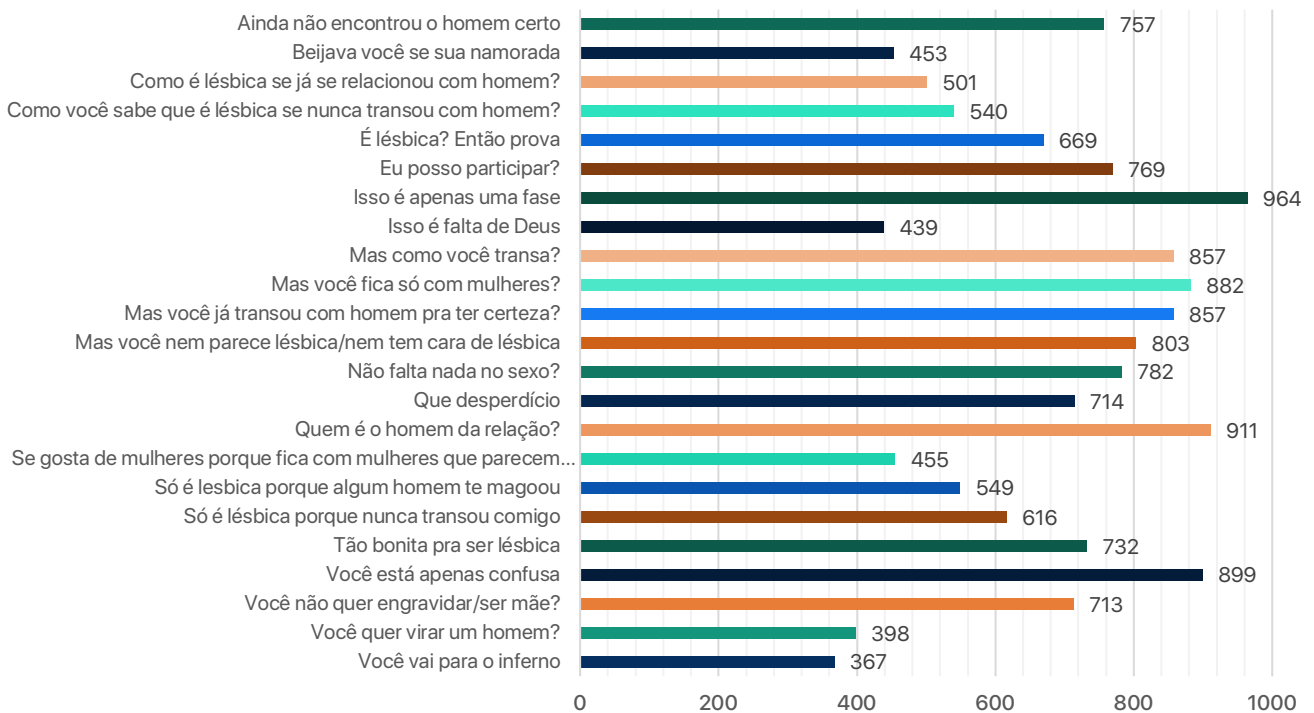
Quais dessas questões você acredita que mais influenciam na questão da invisibilidade lésbica?



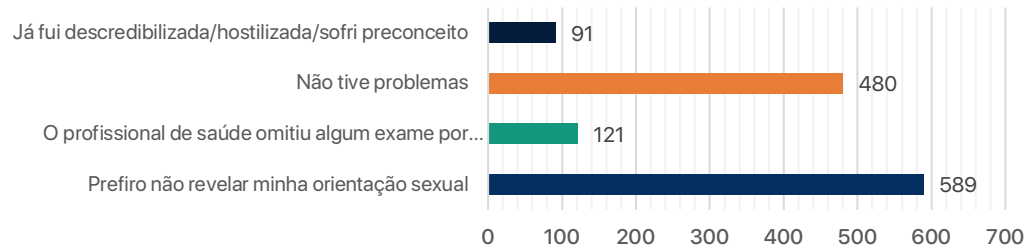
Você já sofreu algum tipo de violência por ser lésbica?



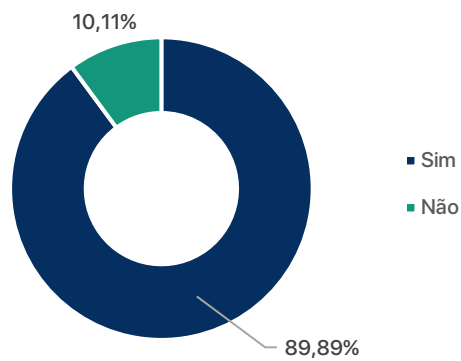
Quais dessas sentenças você já ouviu por ser lésbica:



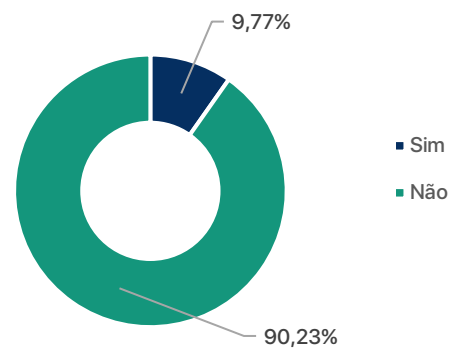
Qual dessas questões você já enfrentou no âmbito da saúde por causa da sua sexualidade?



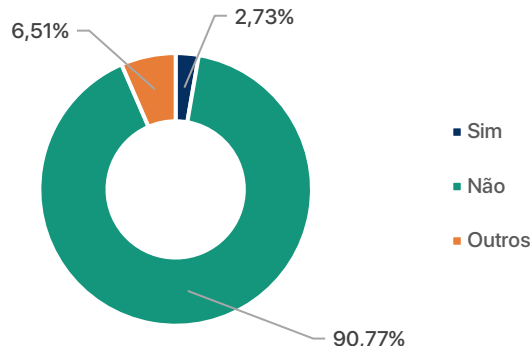
Você sabia que as relações sexuais entre mulheres transmitem ISTs?



Você se sente contemplada com as políticas de promoção de saúde para mulheres?



Você já viu alguma política de promoção de saúde para mulheres lésbicas?
(Se sim, cite quais na resposta outros)

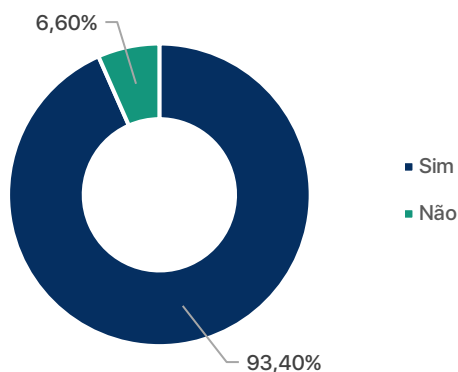


Outros:

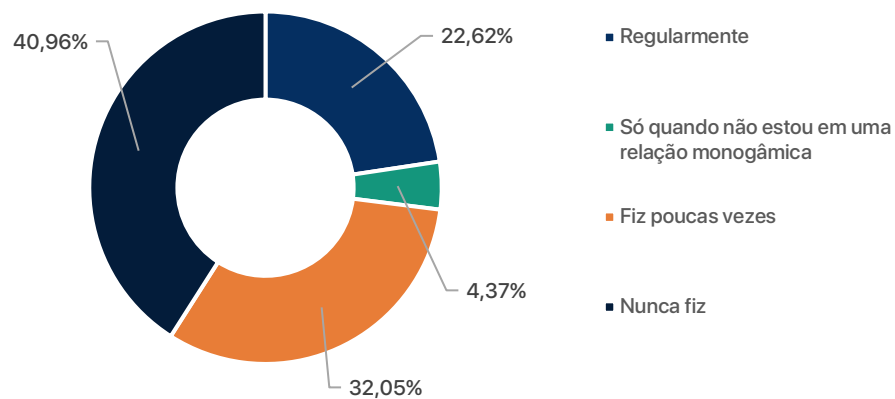
- "Manual do velcro seguro"
- "A única vez que eu vi alguma coisa do tipo foi uma zine brasileira produzida por artistas lésbicas. Nunca nada que partisse da saúde pública."
- "Alguns posts no instagram falando sobre práticas sexuais saudáveis e seguras"
- "Apenas alguns posts nas redes sociais"
- "Apenas em grupos de facebook e perfis de instagram"
- "Apenas no âmbito particular (marcela mc gowan da minha cidade e atual fada sensata do bbb)"
- "Apenas no jornal lésbico que estudo"
- "apenas no twitter"
- "apenas promoções independentes"
- "Apenas promovida por coletivos de mulheres"
- "ativitas da internet"
- "Busquei informacoes na ginecologistas de como me proteger de DSTs. Nao soube me informar."
- "Cartilha de saúde LGBT do SUS. Mas é pouco material."
- "cartilhas nas redes sociais de prevencao de DSTs em mulheres lesbicas"
- "Em canais de lesbica (twitter, insta, yt) sobre saude lesbica"
- "Eu descobrir mais sobre a prevenção sexual para lésbica através de pesquisas na internet, foi o único meio de informação sobre esse assunto que eu encontrei."
- "Existem diretrizes pra tal, mas não pratica é diferente (até porqud na faculdade nada disso é abordado - faço Medicina)"
- "Feita por uma colega na UFRGS"
- "inclusive ja perguntei sobre no posto de saúde e nao souberam me responder"
- "Instagram"
- "Isso é muito "assustador" para a sociedade citar em propaganda."
- "Já pela internet, de uma prefeitura, através do twitter"
- "Já vi algumas campanhas sobre como se prevenir de ists no período da visibilidade lésbica"
- "Já vi para grupos LGBT's que supostamente nos incluíam, mas específicas para nós e que dessem conta das nossas demandas, não."
- "Majoritariamente no meio acadêmico"
- "materiais independentes online"
- "Mulheres lésbicas e bissexuais: direito, saúde e participação social - ministério da saúde"
- "Na realidade toda política deveria ser voltada para as mulheres na teoria engloba a mulher em todos âmbitos e em sua sexualidade inclusive, maaas na prática, dificilmente é exercida, são poucos lugares que respeitam por exemplo o direito a sexualidade e se formos adentrar a política nacional de saúde para as mulheres é vergonhoso a parte voltada a mulher lesbica, não traz as especificidades e além disso é muito vazio como deveria ser conduzido o atendimento, se tratando de bissexuais então nem se fala, a justificativa de algumas áreas é ah existe a política nacional para lgbt rs"
- "Na universidade federal do rio de janeiro há um grupo de pesquisa sobre a saude da mulher lésbica"
- "Não direcionada para questões de sexualidade. Mas existem propagandas gerais para saúde sexual e para questões de saúde feminina"
- "Nao sei se encaixa, mas: no centro comunitario abraco, os exames e o dialogo sobre dsts nao sao restritos a relacoes heteros".
- "Nas redes sociais, em alguns canais específicos voltados para o público LBT"
- "No Rio de Janeiro, até 2013, o Grupo Arco Íris distribuía camisinhas femininas e um "véu" de látex para sexo oral entre mulheres. A entidade executava um projeto voltado para a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais, em parceria com uma organização holandesa (não me recordo os detalhes específicos de nomes)"

- “No twitter”
- “Outro dia vi uma brochura sobre como evitar ISTS. Mas foi o único e achei fraco”
- “páginas do instagram”
- “Paginas no Instagram”
- “Planned parenthood”
- “Política de Saúde LGBT, Polícia de Atenção Integral a Saúde da Mulher”
- “Por ser da área da saúde já fiz trabalhos/pesquisas sobre o tema mas nenhuma divulgação sobre”
- “Pouquíssimas e feitas por outras mulheres lésbicas nas redes sociais”
- “Programa da universidade de saúde da mulher lésbica”
- “Quadrinhos que alguma artista fez e a Velcro e o Isoporzinho das Sapatão compartilharam no perfil do instagram”
- “Recebi uma vez um catálogo digital elaborado para esclarecer e promover a saúde da mulher lésbica. Havia sido realizado por uma estudante em pesquisa em uma universidade brasileira.”
- “Recentemente me deparei com algumas orientações publicadas por alguma secretaria de saúde regional à respeito da saúde das mulheres lésbicas.”
- “Revista azmina”
- “Saúde sexual/prevenção de DSTs”
- “Sim, aqui em Recife tem o hospital da mulher, onde existe um núcleo de saúde para mulheres lésbicas, bissexuais e trans.”
- “Sim, inclusive já fiz campanha em 2008”
- “Sim, mas organizada por coletivos lésbicos. E ainda assim, até hoje fico indignada com a desproteção sexual a qual a gente se submete.”
- “Sim, repostagem intragram da Camila Nascimento”
- “Sim. No centro de saúde que eu trabalhava tinha um grupo para a população LGBTQI+. Tinha a participação de uma ginecologista que falava de sexo entre mulheres e saúde!”
- “só na internet. em alguma thread no twitter ou postagem no instagram de pessoas, não de empresas.”
- “Só políticas autônomas feitas por lésbicas ou bissexuais”
- “Só vi uma vez nos instagram”
- “Somente em ambientes voltados ao público LGBTQIA+”
- “Somente na internet”
- “Somente quando busco pelo assunto.”
- “SUS”
- “Um canal no Instagram/YouTube, que infelizmente não lembro o nome no momento.”
- “Um manual de sexo seguro feito por estudantes de publicidade.”
- “Um manual no instagram, de produção independente de uma ilustradora”
- “Uma menina postou um guia no Twitter.”
- “uma thread no twitter”
- “Uma vez me deparei com uma série ilustrada no Instagram e também uma thread no twitter.”
- “Uma vez vi um post da UFRGS falando sobre a saúde da mulher lésbica. Só vi isso até hoje”
- “Uma vez, uma propaganda do governo bem discreta sobre transmissão de DSTs, mas o informativo não falava como.”
- “Velcro Seguro, entre outros promovidos pelo Mols. Movimento de Lésbicas de Sergipe. Mas é campanha informativa.”
- “Vi esses dias uma cartilha de saúde da mulher lésbica, sendo divulgada no instagram. Sou enfermeira e não ouvi falar”
- “praticamente nada sobre saúde da mulher lésbica na faculdade, o que me explicaram foi apenas por eu ter perguntado” durante a aula.”
- “Vi no Instagram”
- “Vi poucos anúncios sobre sexo seguro, exames e coisas relacionadas à saúde”
- “vi um livrinho curto que falava sobre ists, proteção e saúde da mulher lésbica, mas foi apenas na internet”
- “Vi um post no twitter uma vez.”
- “Vi uma vez, mas não era do governo e sim de um Instagram de grupo lgbtqia”

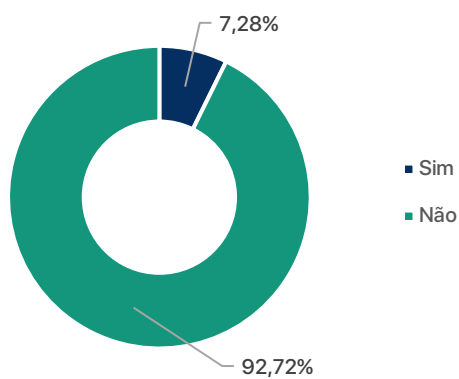
Você sabia que o sexo entre mulheres também transmite ISTs?



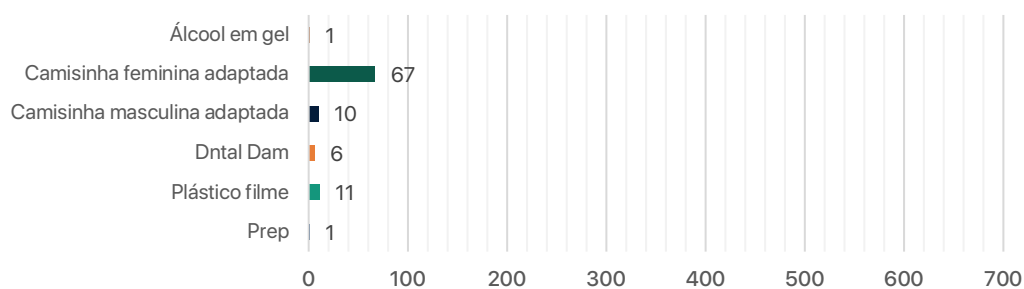
Você faz exames para verificar sobre as ISTs?



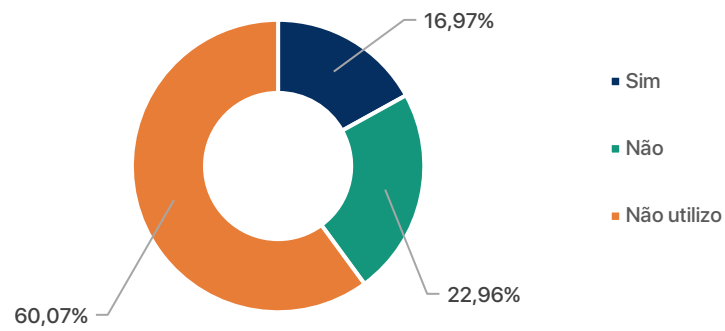
Você utiliza algum produto para evitar ISTs durante o sexo?



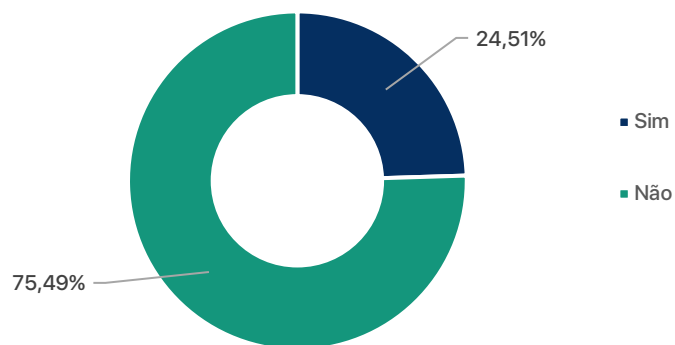
Quais?

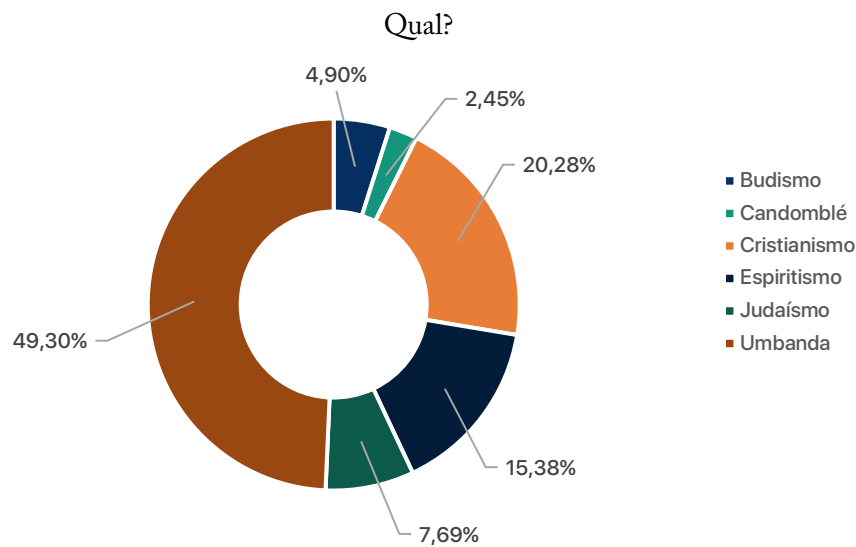


Quando está numa relação sexual, você protege os instrumentos sexuais (vibradores, plugs etc) com produtos de prevenção (como a camisinha) de ISTs?

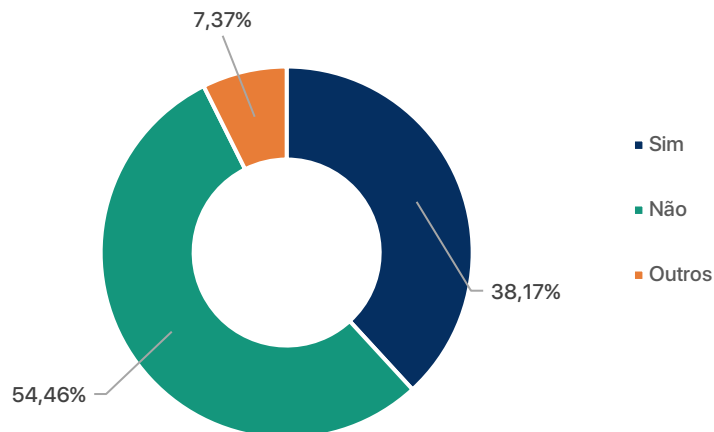


Você segue/faz parte de alguma religião atualmente?





Você mudou de religião por causa da sua sexualidade?

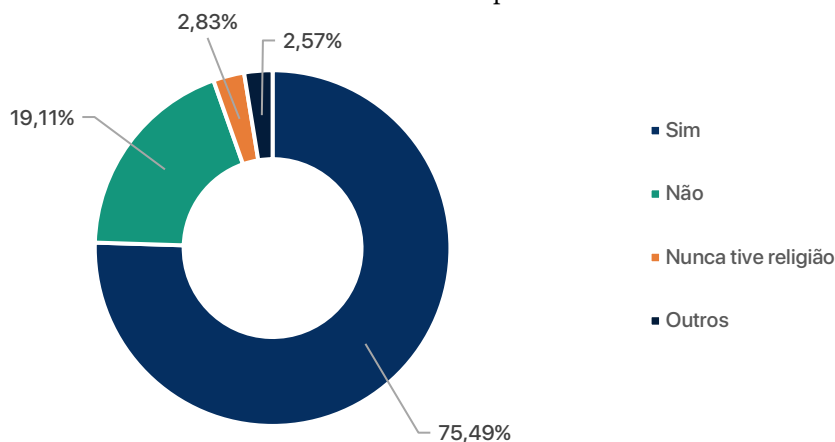


Outros:

- “Apesar da minha família ser toda cristã, eu nunca tinha me sentido parte da mesma. Mas depois que me aceitei como lésbica, eu comecei mais ainda a me afastar do cristianismo.”
- “Eu era católica e não me sentia nem um pouco a vontade em ser quem eu sou estando lá”
- “Eu fui evangélica desde que nasci, saí da igreja aos 16 anos por conta da minha sexualidade. Fiquei anos sem religião até encontrar a umbanda.”
- “Eu já frequentei, mas acreditar nunca acreditei, era obrigada a frequentar a igreja católica mas parei faz anos”
- “Eu não mudei de religião na verdade. Eu fui inserida desde o meu nascimento no catolicismo, mas conforme fui adquirindo minha liberdade e subjetividade, não me senti representada pelos preceitos da igreja e por isso sai. Mas, apesar de não fazer parte diretamente de nenhuma religião, tenho grande admiração pela Umbanda e pelo Kardecismo, pois ambas fizeram parte da minha vida em algum momento, e me senti acolhida.”
- “Eu nunca fui a favor de religião, mas sinto que me distanciei ainda mais de crenças depois que entendi minha sexualidade”
- “Eu sou de família católica, mas hoje frequento a umbanda e o espiritismo por me identificar mais. A decisão não teve a ver com a minha sexualidade. Mas se necessário trocava religião facilmente pra ser quem eu sou”
- “frequentava uma igreja evangélica e parei de frequentar devido ao discurso de ódio contra LGBTs”
- “Me levou a procurar outras religiões, e nessas outras também encontrava questões que não me contemplavam. Então absorvo de cada religião que sinto mais proximidade apenas aquilo que considero que me soma ou me toca em algum sentido”

- “Não foi exclusivamente pela sexualidade, mas pelo todo da minha vida”
- “Não mudei, apenas não frequento mais. Porém, continuo crendo em Deus.”
- “Não mudei. Fui muito bem acolhida pela minha religião, inclusive casei no religioso com a minha esposa numa festa linda no terreiro”
- “Sim, anteriormente eu seguia a evangélica e sei que não aceitam, sendo assim, não me sinto à vontade muito menos bem vinda”
- “Não, dentro da minha religião fui aceita da melhor forma”
- “nao, encontrei um segmento de judaísmo progressista”
- “Não, fui muito acolhida”
- “Não, mas deixei de frequentar algumas igrejas”
- “Não, mas me afastei da igreja (mas eles não sabem da minha sexualidade)”
- “não, mas me afastei da igreja católica desde que passei a me entender lésbica”
- “Nao, minha família sempre foi espiritualista. Iniciei na umbanda e agora estou migrando para o Candomblé aos poucos”
- “Não, minha família toda da parte paterna é kardecista, sempre fui espírita.”
- “Não, minha sexualidade nunca foi uma grande questão para mim ou a minha família (inclusive, eles seguem outras religiões)”
- “Não, sempre fui muito bem aceita dentro da umbanda. Inclusive pelas entidades”
- “Nunca mudei por isso. Apesar de saber que tem gente que “não concorda” nunca foi algo muito “explicito” (e também nunca liguei pra opinião dos outros :))”
- “Sim, antes católica e hj espírita não praticamente”
- “sim, cresci na igreja evangélica escutando que era errado ser lésbica. isso fez com que meu processo de aceitação e de me entender lésbica mais demorado e doído mas agora tá tudo certo, não tenho religião”
- “Sim, era católica e deixei a igreja por vários motivos, principalmente por conta da sexualidade”
- “Sim, era evangélica por conta da família até eu perceber que não fazia o menor sentido kkkk fiquei 8 anos sendo atéia e recentemente estou pesquisando sobre o budismo que é mais parecido com uma filosofia de vida do que com uma religião”
- “Sim. Cresci sendo evangélica e reprimia minha sexualidade por isso, inclusive namorei homem por pressão da igreja e dos meus pais mesmo já sabendo que não gostava. Quando me entendi e me assumi a igreja me condenou, me afastou de tudo (eu cantava e tocava na orquestra). Fiquei anos sem religião ate conhecer e ser muito bem acolhida na umbanda, onde estou ha 5 anos.”
- “Sim. Fui crismada na igreja católica, mas nunca me senti a vontade. Sempre teve um peso de culpa, porque eu sabia que não seria bem-vinda se me assumisse dentro dessa religião.”
- “Sim. Nunca me senti confortável ou aceita no catolicismo mesmo tendo estudado em escola regida por freiras, sendo crismada e frequentando igreja mensalmente pelo menos.”
- “Também, fez parte com certeza”
- “Tive um período de crise, afastamento, principalmente porque eu e minha família éramos católicos e nos convertemos (evangélicos) na minha adolescência - justamente quando comecei a me descobrir como lgbt. Hoje em dia entendo que religião é uma instituição, formada por homens e portanto fadada a conter erros... mas não deixo isso atrapalhar minha espiritualidade e relacionamento com Deus. Após uns anos sem frequentar nenhuma igreja, encontrei uma igreja (Presbiteriana) que me sinto bem e o foco da pregação é muito mais a graça e amor de Jesus Cristo (nada dogmática ou moralista).”

O fato de você não seguir/fazer parte de alguma religião tem relação com a sua sexualidade? Sinta-se à vontade para falar sobre.



- “A minha sexualidade define grande parte do que eu sou. Acho que na luta constante por respeito, acabei me tornando grande fã do pensamento crítico, e acredito que isso influenciou sim o fato de eu não pertencer a nenhuma religião. Mas não é justo que eu englobe todas elas como discriminatórias porque não são. Como falei, me senti acolhida e respeitada no kardecismo e na umbanda - religiões que, em alguma medida, também sofrem com a discriminação de outras como o catolicismo e o protestantismo.”
- “A sexualidade é sim um fator importante nessa decisão, mas não a única. - - “Questões como se entende a individualidade e a relação com o mundo aparecem de forma mais significativa. A sexualidade é portanto mais uma questão que me impede de que indentificar totalmente com uma religião”
- acho que não ter um pensamento punitivo sobre a sexualidade que a maioria das religiões tem ajudou a fase de aceitação ser menos dolorosa, mas claro que ainda há outros aspectos sem ser o religioso que dificultam esse processo”
- “Acho que tem, mas não na totalidade, eu já frequentei mas como disse nunca tive fé de fato, só que com certeza parei de frequentar muito mais pelos dogmas atrasados do que pela falta de fé em si”
- “Acredito que a Umbanda e Candomblé são as religiões que mais estão abertas para essas pautas, por isso a identificação.”
- “Acredito que não há uma religião que nao demonize a homossexualidade, que se encaixe na minha visão de vida espiritual. Já fui da igreja evangélica por muitos anos.”
- “Acredito que uma aversão maior a algumas religiões (como católica e evangélica) se dao tambem por conta da minha sexualidade. Minha família é espírita e tive minhas questões com religião antes disso, mas que depois sao contornadas pelo fato de eu ser lesbica. Atualmente penso em me aproximar da Ubanda e Candomblé, que do que tive contato parecem ser espaços de certa maneira mais seguros (mas isso pode ser apenas uma “fantasia” minha)”
- “Além da espiritualidade, ja fui em outras igrejas , respeito todas , não as julgo por doutrinas as vezes fora de contexto sobre ter fé, mas é oque elas acreditam. Se eu fosse evangélica seguiria firme não mudaria nada pra mim mesmo pelo fato de eu ser lesbica, as vezes um olhar de julgamento ou outro, mas eu desconsideraria, na minha cabeça ter fé é maior do que qualquer coisa mundana.”
- “Antes sim, mas atualmente é por escolha própria”
- “Antigamente eu era cristã, fui criada na igreja católica, com direito a catequese, crisma e tudo.... depois que me descobri eu me afastei da igreja, pois achava que aquilo não me representava mais.... ainda acredito em Deus, mas hoje busco uma religião que me represente e me acolha.”
- “de início, sim. abandonei a igreja por ser o fator primordial dos meus pais não me aceitarem. hoje não volto por outras convicções pessoais.”
- “Desde sempre (até antes de me descobrir lesbica) já não concordava muito com algumas coisas que eram pregadas na igreja evangélica. Minha família sempre foi muito preconceituosa e as justificativas para os preconceitos sempre vinham da religião, acredito que isso me fez afastar da religiosidade de uma maneira geral. Hoje, entendendo um pouco melhor, vi que as pessoas interpretam muita coisa de maneira errada e seguem muitos líderes religiosos que falam coisas nada a ver com a religião. Mesmo assim, hoje não sinto a necessidade de seguir nenhuma religião.”
- “Era católica. Mas não foi por causa de sexualidade que não sou mais adepta a doutrina”
- “Era uma criança criada como católica. Quando aprendi a ler coisas que me tiraram da bolha, eu já sabia que não estava mais lá”
- “Eu frequentei a igreja católica a minha vida inteira por influência da minha família, mas depois de me entender lesbica eu saí da igreja porque não acho que é um lugar que me caiba mais, que me acolha ou me respeite, na verdade a maioria das minhas questões e minhas dores durante meu processo de aceitação foram por conta da religião.”
- “Eu não faço parte de nenhuma religião, mas sou muito espiritualizada, gosto de olhar para esse lado apenas. Mas nao tem nada haver com a minha sexualidade, é algo separado. Meu conflito com a religião (família católica) veio no ensino médio (momento de confusão da minha sexualidade tbm), mas foram as aulas de história com uma pegada mais crítica do tema que me fizeram olhar a instituição igreja com outros olhos (e tbm uma leve rebeldia contra a família) . Desde então a religião pra mim foi deconstruindo para estar ligada a o meu eu e a minha espiritualidade, não a nenhuma instituição.” - “Apesar de ja ter frequentado terreiros de umbanda e foram experiências boas, que poderia voltar a repetir, mas sem ficar presa a só essa prática.”
- “Minha sexualidade sempre foi como esse processo da religião, muito meu. Fui me descobrindo, me aceitando e me entendendo, passei por uma fase de me identificar como bissexual até que fui percebendo que não gostava de me envolver com homens e por fim me entendi como lesbica.”
- “Já fui católica, não praticamente. Atualmente me considero agnóstica. Meu afastamento de religiões com base cristã se dão justamente pelo preconceito. Tenho familiares católicos, evangélicos e testemunhas de Jeová, e sinto crítica de todos, no sentido da não aceitação da minha sexualidade.”
- “Minha família é majoritariamente católica, e por muitos anos estive também inserida na igreja (fiz até a crisma, decidi sair da igreja após crismar, pois não me identificava e não via sentido naquela religião. A crisma foi a "última chance" que dei pra igreja católica). Acabei saindo da igreja mais por não me identificar de maneira geral com a figura de Deus, como o tratamento dele e de várias questões ocorrem, mas também me enfurecia muito o tratamento que os LGBTs possuem lá dentro. Na época eu não me entendia o ainda, então acho que não tem relação nenhuma. Hoje apenas me sinto feliz de ter me desvinculado da igreja e do meio católico antes de me descobrir, acho que o processo ficou mais fácil e com menos culpa.”
- “Minha família era do cristianismo e eu acabei por muitos anos acreditando no pecado que era gostar do mesmo sexo, então quando me aceitei como lesbica, me afastei totalmente dessa religião. Até tentei conhecer outras religiões mas nenhuma nunca me interessou, mas não só por conta da relação sexualidade - religião.”
- “não necessariamente, fui evangélica e a hipocrisia me fez não querer me ver vinculada à aquilo”

- “Não só pelo fato de eu ser lésbica, mas também por eu ser mulher e ter estudado sobre religião e entender pq ela foi criada, aí quando me entendi lésbica minha rejeição pela religião só aumentou.”

- “Não só sobre a sexualidade, e sim pelo fato da maioria das pessoas acharem que são donas da verdade e ditarem o que é certo ou errado”

- “Não tem não, eu não me sinto pertencente de nenhuma religião em específico. Acredito em tudo, pq o universo é grande demais pra existir uma verdade absoluta. Mas minha sexualidade com certeza tem relação ao fato de eu por exemplo não conseguir ter nenhuma proximidade com a igreja evangélica que é extremamente excludente, radical, e meio bizarra sem querer ser preconceituosa kk”

- “Não tem relação com a minha sexualidade, foi escolha própria. Mas já fui mal vista dentro da igreja.”

- “Não tem relação com a minha sexualidade. Cresci em uma igreja e muito antes de descobrir minha sexualidade estudei o suficiente para enxergar os erros das instituições religiosas para com a humanidade.”

- “Não tem relação com a sexualidade, apesar de acreditar em Deus ainda, não sigo mais uma religião por outras questões mas antes era católica”

- “Não tem relação com isso. Tanto que me descobri e me assumi bem depois de parar de praticar minha antiga religião. Fui criada como católica, porém hoje em dia acredito que há um Deus diferente, uma energia, algo cósmico, não sei. Eu acredito que esse Deus seja amor e não alguma figura específica em si como pregada na religião. Tenho minha própria fé e maneira de acreditar.”

- “O maior fator de não frequentar um lugar- igreja - é justamente pelo motivo de ser lésbica”

- “Quando conheci a umbanda, vi lá um local de mega acolhimento e me senti muito mais segura para ser quem eu sou verdadeira”

- “Quando tinha até meus 14 anos, fazia parte das Testemunhas de Jeová, porque minha mãe e tia eram da religião. Quando comecei a entender sobre sexualidade e sobre quem eu era, saí da religião e nunca mais voltei a pisar lá, já fui visitar outras igrejas, mas, todas pregam sobre a homossexualidade ser algo do demônio. Se o amor que eu sinto pela minha esposa é algo do demônio, só posso lamentar, porque sou muito feliz ao lado dela e só isso me importa.”

- “Sim e não. Ao mesmo tempo que me sinto afastada de qualquer religião por causa da minha orientação sexual, também não sinto falta disso na minha vida. Nunca tive família religiosa e não fui criada em meio a nenhuma religião, então não tenho vontade.”

- “Sim e não. Sim porque a religião que eu seguia desde criança era a cristã, mas não faz mais sentido pra mim. E não porque procurei outras mas não me identifico com nenhuma religião, me considero agnóstica.”

- “Sim, a maioria das religiões demoniza a relação entre duas pessoas do mesmo sexo e é difícil se encaixar ”

- “Sim, cresci indo em igrejas evangélicas majoritariamente, mas também frequentava católicas. Deixei a igreja bem antes de me descobrir e não tenho intenção nenhuma de voltar pois não me sinto confortável naquele ambiente com pessoas que não consideram válida minha orientação sexual”

- “Sim, era católica e deixei a igreja por vários motivos, principalmente por conta da sexualidade”

- “Sim, era evangélica. Saí justamente porque estava me entendendo enquanto lésbica e em diversas pregações me senti atacada, julgada e condenada.”

- “Sim, eu era católica, era do ministério de música. Ninguém sabe que namoro uma mulher, alguns suspeitam. Eu usei a desculpa da pandemia e por ser profissional da saúde para não ir mais às missas. Eu ficava muito mal com os comentários relacionados a sexualidade e política, então, preferi me distanciar. Frequentei outras religiões e diversos centros de taoísmo, espiritismo, umbanda, evangélicas, entre outras, mas não consegui me identificar nesses espaços. Ou talvez eu não tenha superado a perda do espaço e da rede de amigos que eu tinha na minha antiga religião. Estou indo mais na umbanda por causa da minha namorada que está no desenvolvimento mediúnico. Gosto de estar lá, mas ainda não consegui me sentir pertencente e sinto muita falta de me manter em alguma religião, de ter algum tipo de estabilidade. Hoje em dia me apego a possibilidade da existência de um Deus, mas prefiro depositar minha energia nas lutas sociais, em cuidar e amar o próximo ao invés de seguir doutrinas que me limitam a ser quem sou.”

- “Sim, eu era católica, mas nunca fui próxima da religião e não fazia sentido pra mim pertencer a algo que me rejeita”

- “sim, minha mãe era cristã e não me aceitou, então até hoje tento desconstruir a ideia/ o ódio das religiões ocidentais e entender que existem muitas outras as quais eu seria acolhida”

- “Sim, minha sexualidade não é incluída ou respeitada na religião que eu seguia antes - por pressão da família, que é católica. Além disso, a religião como um todo não me contempla.”

- “sim, não me sinto confortável em uma religião que fala que eu devo ir p o inferno só por ser eu”

- “Sim, parei de seguir a religião por conta da sexualidade porém ainda sigo minha fé. Fui criada em um ambiente católico”

- “Sim, pois fui criada dentro de um lar extremamente evangélico e isso, sem dúvidas, atrapalhou muito meu processo de autocompreensão e autoaceitação. Sou cristã e acredito em um Deus justo e acolhedor, diferente do que a igreja prega, hj em dia frequento algumas vezes por ano, para acompanhar minha mãe, porém não sigo nenhuma doutrina e nem pretendo. Onde não há respeito à minha existência não há espaço pra mim.”

- “Sim, quando mais nova eu era católica por influência dos pais e acabei deixando a igreja pela forma como me trataram quando me assumi”

- “sim, sou batizada na católica e frequentei a adventista por um tempo. ”

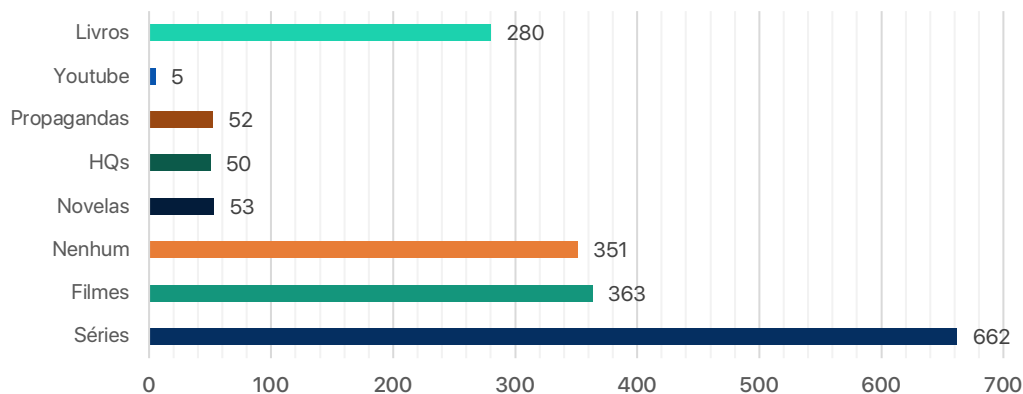
- “Deixei de ir a igreja/seguir religiões porque SEMPRE, sem exceções me deparei com discursos homofóbicos e pregações de que a minha forma de amar me condena para o inferno.”

- “Não faz o menor sentido usar o nome de um Deus que é tão poderoso como eles dizem para crucificar e condenar alguém por sua orientação sexual, não compactuo com religião nenhuma.”

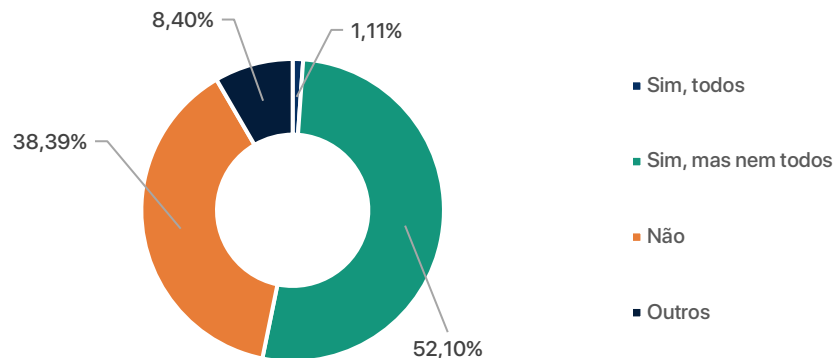
- “Sim, um pouco. Não sigo nenhuma religião por outros motivos (não quero, não sinto que preciso, estou bem assim) e também porque sinto que não há espaço nem visibilidade para pessoas LGBTQ+ nesses lugares.”

- “sim!! fazia parte do catolicismo, mas não por vontade... era por cultura e pela família já estar nessa religião há gerações, mas sempre senti que meu lugar não era ali, pois diversas vezes em retiros espirituais e demais encontros, ouvi falarem sobre o quão sujas são as pessoas LGBTQA+, porém sabia que eu e nem meus amigos éramos daquela forma descrita... dessa forma me afastei e não tenho a mínima intenção de voltar”
- “Sim. A umbanda foi o lugar que mais me acolheu e onde tive mais encontros com meu verdadeiro eu.”
- “Sim. Eu cresci dentro da religião católica e aos poucos fui me afastando por conta dos julgamentos, inicialmente pelos julgamentos em relação ao divórcio dos meus pais e o preconceito que existe com a mulher divorciada dentro da igreja católica e mais tarde por causa da minha sexualidade. Atualmente, no contexto que estamos vivendo, sinto muita necessidade de trabalhar a minha espiritualidade e a minha fé mas não cogito voltar a frequentar nenhuma igreja de forma alguma. Minha relação com Deus acontece por meio de conversas, orações e agradecimentos todos os dias, não sinto que preciso estar dentro de alguma igreja pra validar nada.”
- “Sim. Eu era evangélica por causa da minha família e por me levarem à igreja desde criança. Quando passei a compreender o que era pregado, não fui mais, mesmo todos me dizendo que eu PRECISAVA ir e que estava me afastando de Deus. Não creio que Deus abomine o amor é que compactue com violências e mentiras. Hoje minha fé é só eu e Ele.”
- “Sim. Já fui cristã durante a infância, mas hoje não me sinto encaixada em nada”
- “Sim. Nunca fui muito ligada, mas estudei em uma escola católica e criei aversão ao catolicismo, porque quando namorei uma menina da escola ela foi expulsa por isso, e sofri muito preconceito por parte da direção.”
- “Sinto que não seguir uma religião me deixa mais a vontade com a minha sexualidade. Talvez, se eu seguisse alguma, poderia não me aceitar tão bem”
- “Sou batizada na igreja católica e frequentei muito na minha pré adolescência. Hoje, não frequento nenhuma religião, nem mesmo a minha determinada pelos meus pais, e não, não há nenhuma ligação com a minha sexualidade.”
- “Também. Eu era católica e não me sentia confortável com relação à várias coisas que são pregadas pela religião.”
- “Também. Sempre tive antipatia por diversas coisas da igreja evangélica, e dentre elas, a lesbofobia escancarada.”
- “Tem certa relação, mas é principalmente por não acreditar em nenhum deus maior. Fazia parte da religião evangélica”
- “Tem não, só não acredito nessas coisas”
- “tem relação mas não totalmente só sobre sexualidade”
- “Testemunhas de Jeová, sai antes de me reconhecer como lésbica”
- “Teve sim. Recentemente comecei a fazer parte da Umbanda e me senti mais aceita. Tive contato com outras religiões e observei mais lgbs na Umbanda, Candoble, Budismo.”

Você se sente representada, como uma mulher lésbica, em quais canais:



Você considera que obras de ficção como filmes, series, livros e novelas condizem com a realidade de uma mulher lésbica? (Sinta-se livre para falar sobre na resposta outros)



Outros:

- "Pouquíssimas obras retratam se forma real as relações entre mulheres. Sempre existe muito feitiço envolvido ou abordam de uma forma tão branda, quase escondida, as mulheres raramente se beijam como um casal (como nas pouquíssimas novelas ou filmes com algum casal). Ou em séries ditas ícones como de L word a lésbica é retratada mto estereotipadamente. Um dos filmes mais legais q vi sobre o assunto foi Pariah e Circumstance"
- "90% do conteúdo há uns 5 anos atrás, era completamente sexualizado para homens, ainda bem que hoje, já é possível assistir/comprar algo que nos trate como seres humanos com sentimentos. Lembro da primeira vez que me senti gente e não um animal, assistindo há 16 anos atrás "The L Word". Foi a primeira vez que vi mulheres de todas as formas e profissões como "gente". Tive uma doutrina completamente católica, ainda frequente, a diferença é que hoje eu sei separar o que serve pra mim, e o que é demais."
- "A grande maioria de filmes e séries, descrevem relacionamentos lésbicos como uma coisa que te faz sofrer, e claro história muito fetichizadas."
- "A maior parte dos que eu tenha visto, nao."
- "A maioria das vezes não condiz"
- "da maioria não, quando tem uma representatividade é sempre fetichizada (feita geralmente pros caras héteros)
- "A vivência lésbica é plural. Existem muitas e um filme ou uma série nao demonstram essa pluralidade. Filmes que retratam isso sempre trazem a imagem de um homem ou um drama gigante por tras da relação.
- "Acho que depende do público alvo. Ja li varios livros bem voltados pra população lgbt que retratam muito bem. No entanto, na mídia popular tem muita coisa absurda e voltada para satisfação de homem.
- "Acho que existem obras que sim, mas em sua maioria, não. Muitas das vezes que vi a relação entre lésbicas retratada, foi de forma fria e robótica. Fora que é extremamente difícil ver atrizes lésbicas representando mulheres lésbicas na ficção.
- "acho que hoje estao surgindo muitos livros que realmente representam
- "Acho que muitos é muito romantizado, nao tem muito a realidade do casal lesbico
- "Acho que que em obras escritas ou atuadas por uma mulher que seja lésbica na vida real, pode apresentar uma representatividade. Portanto, raramente sinto uma representação em novelas, ainda mais pelo fato de que, na maioria das vezes, o casal lésbico é feito por duas mulheres extremamente feminilizadas e, conseqüentemente, fetichizadas por homens.
- "Acredito que a maioria (não vi todos), e infelizmente acabam ou passam por situações ruins relacionadas ao preconceito
- "Acredito que algumas sim mas o fato de minhas favoritas serem as de época me entristecem pois o casal nunca fica junto.
- "Acredito que alguns filmes/séries possam retratar muito bem sim, mas nem todos focam nas dificuldades/medos/receios que uma mulher lésbica pode enfrentar devido ao preconceito, dentro e fora de casa.
- "Acredito que é tudo ou muito aumentado ou pouco enfatizado. Não vejo, hoje, nenhuma representação fiel.
- "Acredito que muitos condizem, mas sinto que, principalmente em filmes, o drama e finais infelizes dão a impressão de que relacionamentos entre duas mulheres está fadado a terminar super mal.
- "Ainda há mt fetichização, e muito drama. nao tratam como uma relação normal entre duas pessoas. é sempre conturbado
- "Alguns conteúdos MUITO específicos, mas são raros.
- "Alguns realmente trazem vivencias, outros apenas usam para satisfazer uma vontade ou machista ou heteronormativa
- "Alguns são completamente desproporcionais com a realidade e outros retratam melhor algumas situações mas nem todas.
- "Para além disso, com base no que já vi/li, todas as histórias de mulheres lésbicas têm tendência para ter um final e esse final é infeliz
- "Alguns sim, porém poucos. Geralmente estrangeiros e cujo o público alvo são os lgbtqi+. Mas em novelas brasileiras, por exemplo, quando lésbicas aparecem e surge um casal de mulheres, é sempre uma (até então) hétero com filho que deixa o marido pra viver o amor lésbico. O que acaba reforçando a ideia errada que as pessoas têm de que é só uma fase ou só

putaria. E que gays destroem famílias porque a "mãe de família tradicional" tá largando tudo pra ficar com a "sapatão". Os pornôns então nem preciso falar que é só pra macho escroto ficar "feliz" né, jurando que nosso sexo é daquele jeito mesmo.

- "Alguns, mas raramente mostra a luta diária, o preconceito
- "Alguns. Mas varia muito.
- "Apenas alguns que são feitos por mulheres lésbicas.
- "Apenas os produzidos e/ou escritos por mulheres que já vivenciaram não realidade lesbica
- "As pessoas normalmente retratam a relação lesbica como difícil, com finais trágicos como se nunca fôssemos nos amar.
- "Atualmente algumas obras tem mostrado a realidade lesbica mais realista do que antigamente. Mas ainda tem muitas que não fazem isso.
- "Boa parte dessas obras são feitas a partir da ótica masculina, onde mulheres lésbicas tem sua sexualidade invalidada e fetichizada.
- "De maneira geral as obras são sempre trágicas ou focadas na questão sexual da relação, como se a parte "comum" da vida de um casar não existisse para além disso
- "Demorei pra me descobrir lesbica porque nunca me imaginei num cenário sem um homem. Isso porque não tinha visto um cenário sem homens pra me imaginar nele. Nós só existimos quando nos vemos e por muito tempo, pra eu ver isso, dependeria da televisão, música e etc.
- "Depende do filme, quem dirigiu, etc
- "Deveria ter mais filmes novelas que nao seja o foco a sexualidade, e ela apenas um detalhe, exemplo: quase todo filme de ação tem um romance, ser um romance lesbico. De 2o plano. E ter mais histórias felizes.
- "É muito difícil encontrar de maneira fácil e acessível filmes que retratem mulheres lésbicas com finais felizes.
- "É precisamente minha área de pesquisa. Dos filmes que encontrei, os que mais me sinto representada são naqueles dirigidos por mulheres, como Barbara Hammer e Rita Moreiro. Infelizmente, são filmes considerados experimentais e dificilmente chegam ao público que precisa disso.
- "Em alguns casos condizem em certos aspectos. Mas por exemplo, as cenas de sexo não são muito realistas. Isso também é devido ao fato de que parte dessas obras é dirigida/idealizada por um homem, que emerge sua visão do que é o sexo lesbico.
- "E para além disso, trata-se de agradar um público também masculino. Um exemplo quanto à isso é o filme: 'Azul é a cor mais quente', duramente criticado devido às tomadas exaustivas e repetitivas das cenas, de forma a buscar aquilo que o diretor têm enquanto noção de perfeição, desumanizando as atrizes.

em grande maioria não, com algumas exceções, sendo as exceções materiais produzidos por mulheres lésbicas

- "Em sua maioria, não. Nós, mulheres lésbicas, somos retratadas a partir de uma ótica apenas de sofrimento da não-aceitação. Além de retratarem de forma sexualizada e exótica o sexo entre mulheres, como cuspe na boca (desobedience), um polvo durante o ato (elisa y marcela), entre outros.
- "Existem alguns que conseguem a representação, mas geralmente é um longa dramático super sofrido. A vida de uma lesbica tem partes boas."
- "Falta muita representatividade na cultura mainstream. No cenário independente temos exemplos mais amplos, mas em Hollywood de na Globo, por exemplo, lésbicas ainda são muito brancas, magras, femininas, padrão."
- "Felizmente conheci Elayne Baeta que escreve romance lesbico e não trata como fetiche e enche de cenas de sexo a história como os outros fazem, ela é um anjo"
- "filmes e séries usam lésbicas para fetichismo"
- "Geralmente os relacionamentos retratados são muito heteronormativos, ou muito exagerados, muito caricatos; se for filme adulto então, é ainda mais distante da realidade. "
- "Há um repertório de obras que realmente se preocupam fazer uma representatividade coerente com a realidade lesbica, mas essa não é muito conhecida. Em contraste, há também um repertório muito grande que (geralmente) demonstra mais a fetichização ou a descredibilidade da existência lesbica."

inclusive essa falta de representatividade das diferentes realidades das mulheres lésbicas foi uma das coisas que mais dificultou eu me descobrir e identificar como tal."

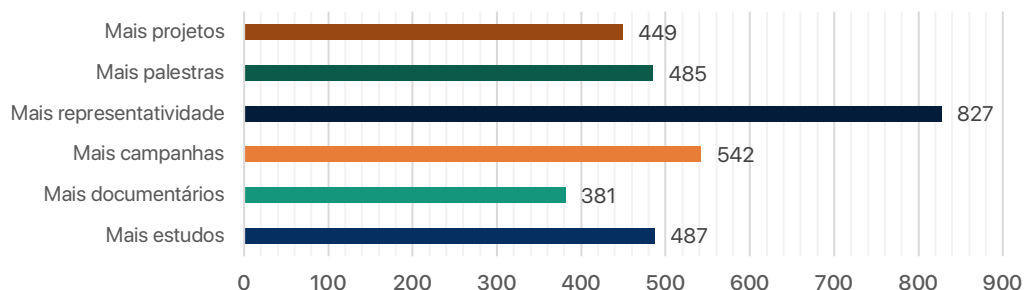
- "Maioria exacerbada diante de clichês; como duas mulheres padrões, afeminadas. E o final alguma falece ou termina com um homem."
- "Muitos continuam falando sobre se descobrir lesbica depois de já ter iniciado uma vida heterossexual e pecam em representar alguns outros problemas. Às vezes continuam focando muito em preconceito também e esquecem que pode (e há!) ter muito mais coisa acontecendo na vida de uma mulher lesbica."

na ficção a sexualidade lesbica ainda é retratada seguindo padrões heteronormativos/fetichistas, de forma que seja "aceitável" para o público, mas negligenciando toda a profundidade de assuntos e problemáticas que devem ser retratados pra que pessoas não-heteros (em especial, mulheres lesbicas) realmente possam se sentir representados como em seu dia a dia"

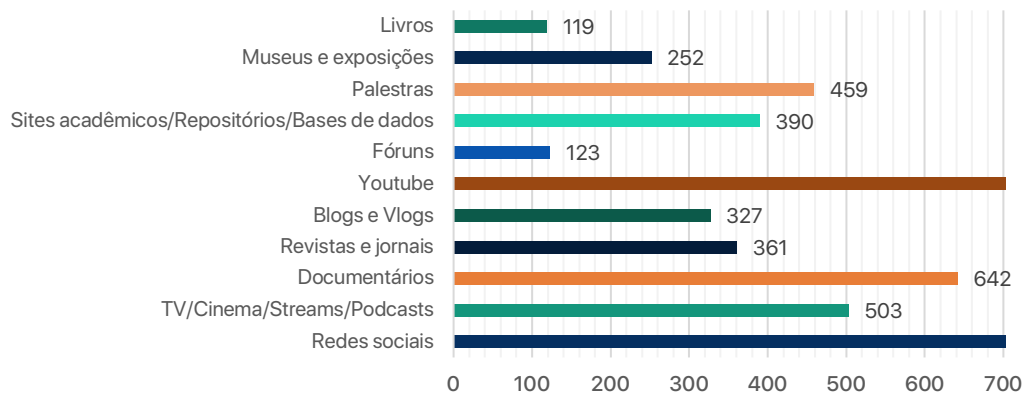
- "Na grande maioria não, são poucas obras que realmente relatam a questão de ser lesbica em si ou sempre tem um homem como centro de discussão ao redor da trama, ou sensacionalizam, são poucos que realmente trazem a realidade, o enfrentamento"
- "Na maioria das novelas, a mulher lesbica sempre se relaciona com um homem, é isso não condiz com a realidade l.
- "Na maioria das vezes somos fetichizadas ou mortas"
- "Na maioria dos filmes, séries e novelas ainda é grande a forma como os casais lésbicos são retratados enquanto duas mulheres com a beleza feminina convencional (magras, cabelos grandes, roupas "femininas"). São poucos casais interracialis também. Isso com contribui para perpetuar a imagem fetichizada que muitos têm de nós."
- "Não acho que em sua grande maioria aconteça. Sempre retrata com uma forma pejorativa, confusa ou o final não acaba bem..."
- "Nao existem só lesbicas magras, brancas, cabelos longos e lisos."

- “Não mesmo ! Livros filmes e afins ,retratam a relação lésbica somente em trechos de cunho sexual . Invisibilizando o casal , o sentimento ou a família ali existente .”
- “Não mesmo. As narrativas sempre tem homem no meio, que geralmente é um homem perfeito pra todo mundo sentir pena do pobre coitado e a sapatao ser vilanizada de modo sutil. Ou a pessoa VIRA sapatao depois de decepção. Não há representatividade nenhuma, na verdade.”
- não muitos, mas aos poucos parece que isso está melhorando. Bem aos poucos...”
- “Não tem quase filme de lesbica na netflix mas tem varios gays”
- “Não, mesmo quando não é fetichizado, nunca representam os infinitos estilos de mulheres lésbicas que existem
- “Não, porque todas as representações midiáticas são estereotipadas e heteronormativa”
- “Não, quase 100% das lésbicas na mídia são brancas classe alta como uma mulher negra não me sinto representada // além de conseguirem enfiar homens nos relacionamentos lésbico como se lésbicas fossem com homem.”
- “Nem sempre, já que na maioria das obras expõem a existência lésbica de forma triangular, ou seja, duas mulheres e um homem, sendo que em muitas delas a mulher acaba sempre cedendo ao homem, o que não corresponde com a realidade e descredibiliza a comunidade, apesar da heteronormatividade compulsória vigente.”
- “Nem todos. Por exemplo o filme "Elisa e Marcela" é uma realidade ainda em alguns aspectos.”
- “Normalmente o que condiz são obras feitas para o público LGBTQIA+. O que é produzido para o público em geral - considerado como hetero na sociedade que vivemos - acaba sendo feito para satisfazer a imaginação desse público. Desde séries, filmes e novelas ou mesmo filmes pornôs.”
- “Nunca o foco é mostrar uma relação normal”
- “O que existe no "mainstream" é mto importante, mas todas retratam um tipo mto específico de mulher lésbica (a branca, padrão eurocêntrica, "feminina") e sempre tendo a figura de homem na problemática da relação. Não lembro de nenhuma obra que não mostre a lesbianidade sem colocar um personagem masculino como elemento desestabilizador”
- “O que há de representatividade de fato ainda me parece muito inexpressivo em relação ao que a maioria da população consome e é estimulada a consumir de ficção.”
- “Olha, esse é um GRANDE problema. Primeiro que a maior parte dos produtos audiovisuais é dirigida por homens, e a gente sabe o que isso acarreta. Mas principalmente pelo dramalhão que acaba se tornando tudo. Muitas vezes a própria obra, ao invés de retratar alguma realidade lésbica, coloca a mulher lésbica no estigma da vivência às escondidas ao invés de normalizar essa existência. Isso me incomoda bastante. Por exemplo, meu sonho é que tivesse um "Um Lugar Chamado Notting Hill" só que ao invés de um casal hétero, um casal de lésbicas, sabe?”
- “Os filmes específicos sobre lésbicas, ainda que nem todos, parecem ser um pouco mais complexos, mas a representatividade em filmes e séries com outras personagens ainda deixa a desejar, sem falar do "queerbating".”
- “Poucos conteúdos realmente retratam a realidade. Encontro uma certa assertividade em livros lgbs”
- “Pouquíssimos, em toda minha vida tenho 2 exemplos (entre filmes, livros...)”
- “Produções independentes”
- “Raramente a ficção tem como tarefa ser fidedigna a realidade de uma mulher lésbica, tende sempre a uma representação ultra-dramática e o esgotamento de elementos trágicos nessas histórias.”
- “Raramente os filmes/séries relatam a verdadeira história de mulheres lésbicas na sociedade, porque grande maioria desses filmes/séries são feitos para a satisfação do público masculino, com o intuito de agradar essa massa, e não com a intenção de relatar a realidade da nossa luta.”
- “Raramente, consigo contar nos dedos com o que condiz”
- “Raramente, não me identifico muito com os casais que vejo”
- “Raríssima vezes a vivência lésbica é retratada de maneira honesta e não fetichizada”
- “Sempre colocam um homem na história.”
- “Sim quando normalmente é escrito por mulheres lésbicas”
- “Sim, mas em sua grande maioria os conteúdos que condizem com a realidade lésbica são marginalizados. Não vão parar nas prateleiras de grandes livrarias, nas emissoras mais populares ou nos cinemas por exemplo.”
- “Sim! Tem umas obras primas realizadas por mulheres lésbicas, mas por questão da invisibilidade que também atinge o mercado cinematográfico (majoritariamente composta por homem cis branco), essa info não chega a todas nós”
- “Sinto que existe sim conteúdo que retrate a vivência lésbica, mas é um conteúdo muito limitado em relação ao público-alvo (filmes de festivais, por exemplo). Os demais conteúdos, principalmente o que chega ao grande público (como novelas e séries mainstream) raramente retratam a vivência de uma mulher lésbica sem fetichização, e existe uma priorização de representação bissexual, provavelmente por ser mais “palatável” se “pelo menos” a mulher gostar de homens também.”
- “Têm surgido novos conteúdos que retratam um pouco mais a realidade do que antes, mas ainda há um longo caminho pela frente, já é um início a representatividade e até a ajuda a quem está se descobrindo”
- “Têm surgido novos conteúdos que retratam um pouco mais a realidade do que antes, mas ainda há um longo caminho pela frente, já é um início a representatividade e até a ajuda a quem está se descobrindo”
- “Ultimamente há crescido a visibilidade seja em séries ou filmes, mas no geral é sempre uma visão falsa e não condiz com o que é realmente ser lésbica”

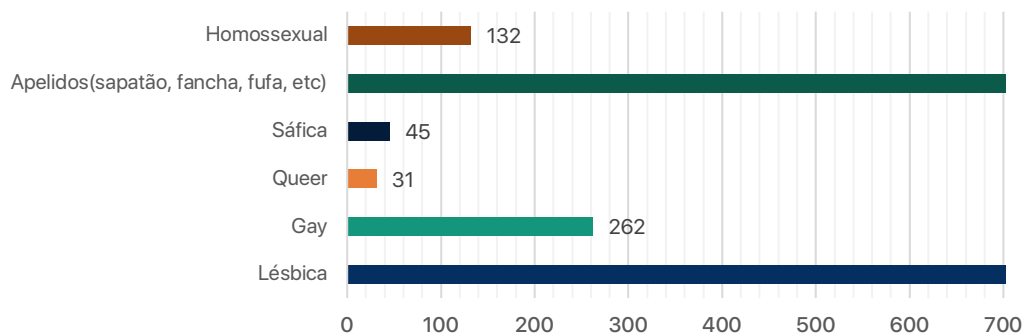
O que você acredita que falta para dar mais visibilidade as mulheres lésbicas?



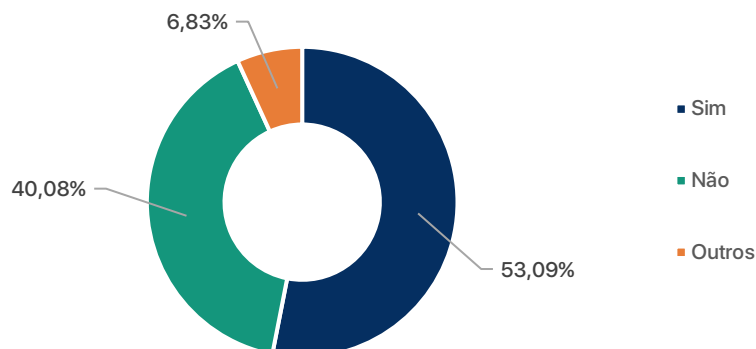
Quais canais você utiliza para se informar?



Você se sente representada, como uma mulher lésbica, em quais canais:
(sinta-se livre para citar os nomes na resposta outros)



Você acredita que o termo "gay" exclua as mulheres homossexuais?
(Sinta-se livre para falar sobre na resposta outros)



Outros:

- “Acredito que depende da pessoa que está usando o termo, não sei se poderia afirmar que necessariamente chamar uma mulher lésbica de gay é um ato de exclusão. Pode ser somente uma questão de desconhecimento dos termos ou então, em um âmbito mais grave, um ato de rejeição ao termo ‘lésbica’”
- “A palavra gay dentro do meu contexto social é muito mais voltado ao homem, e não sendo representada para duas mulheres.”
- “A palavra gay geralmente está relacionado aos homens”
- “Acho lésbica um termo nada sonoro e me remete a coisas como lesma! As vezes prefiro usar gay.”
- “Acho que depende do contexto, mas em geral sim.”
- “Acho que exclui mas de maneira errada. Ser gay é para homens e mulheres, é a condição sexual”
- “acho que exclui, mas acredito que ainda exista muito tabu em cima do nome "lésbica", eu quando comecei a me assumir só conseguia me referir como gay, mas acho EXTREMAMENTE importante acabar com isso (hoje já me chamo de lesbica com muito mais facilidade)”
- “acho que mais ou menos, tem um pouco de exclusão sim.”
- “Acho que num contexto geral é uma forma de exclusão tendo em vista que dentro do movimento existe muito machismo, misoginia e que os homens gays se acham o topo do movimento, mas de forma específica de conceito acredito q não pq pessoas gays são aquelas que se relacionam com o mesmo sexo”
- “Acho que os gays nos excluem desse termo”
- “Acho que se tratando de um mundo de caixinhas como "lgbtqia+" cada letra reserva uma individualidade de vivências E como buscamos semore nossa identidade como mumehr lesbica, acaba sendo necessario o L prevalecer e o gay ser apenas para homens.”
- “Acredito mas gosto de me apropriar desse termo também. Inclusive pq admito que não é sempre que me sinto a vontade de falar que sou lésbica e falar GAY é sonoramente mais comum.”
- “Acredito pois normalmente quem se refere a lésbica como "mulher gay" é porque não consegue falar a palavra ‘lésbica’”
- “Acredito que a letra L do LGBT esteja lá por algum motivo, inclusive com relação as particularidades de se ser lésbica. Não é a mesma coisa que ser gay, a socialização não é a mesma, muito menos as construções e opressões vividas pelas mulheres lésbicas.”
- “Acredito que o termo nos invisibilise já que ele é na maioria das vezes utilizado para se referirem a homens gays.”
- “Acredito que sim mas pela população masculina homossexual (misoginia).”
- “acredito que sim, mas uso por força do costume. O termo em si não me engloba.”
- “Antes eu achava q gay era um todo. Mas hoje me sinto "excluída" disso e prefiro usar só o termo lésbica msm
- “Ao mesmo passo que sim não, trata-se da intenção do falante e não dá palavra em si. Desse modo há a necessidade de uma ressignificação e não de uma demonização do termo.”
- “Apesar de sermos homossexuais, temos questões diferentes”
- “Com certeza, e trabalhando pra tirar do meu vocabulário.”
- “Com certeza, o termo gay é relacionado a homens gays, sempre que pesquisamos o termo a referência é masculina. É importante reforçar o termo “lésbica” como forma de visibilidade e espaço pra pautas específicas
- “Como essa palavra é mais usada pra se referir a homens homossexuais, acho que ela não representa a vivência de mulheres homossexuais”
- “De um tempo pra cá venho pensando que temos que usar a palavra lésbica pq estamos falando de mulheres especificamente. Mas quando alguém fala gay pra se referir a uma mulher lésbica eu não acho que há exclusão.”
- “De uma forma geral, acredito que sim, infelizmente o termo se tornou pejorativo e destinado à homens. Apesar de usar o tempo quando falo da minha própria sexualidade, acredito que ele não é entendido pela grande parte das pessoas como um termo pra se referir a uma mulher”

- “De uma maneira que a definição desse termo remete a homens homossexuais de uma maneira automática, as vezes esquecendo das mulheres”
- “Depende do país, nos lugares de lingua inglesa nao acho ruim, mas em português acho que o termo gay apaga nossa existência”
- “Depende muito da situação, como muitas vezes as pessoas e a própria comunidade nomeia os encontros como Parada GAY e não parada lgbt, excluindo o resto da comunidade.”
- “Depende muito do contexto que é colocado. Muitas vezes é usado somente como uma denominação, mas na maioria é pra não usar a palavra lesbica ou seus derivados”
- “Depende um pouco. Eu acho que de uma forma popular acaba que exclui porque socialmente pode não englobar, pessoas podem não compreender. Mas com amigos, ou numa roda de pessoas que pensa da mesma forma, acho que não exclui.”
- “Dependendo do publico e da circunstância”
- “É importante apontar que inicialmente a sigla representante era "GLS". Na intenção de trazer protagonismo para a mulher lesbica e sua visibilidade, fez-se a troca de ordem, para além de outras importantes mudanças. Mas a questão é que ao utilizar o termo "gay", dá se destaque, linha de frente, ao homem. Esse ponto é extremamente repleto daquilo que se encontra atrelado às raízes do machismo.”
- “É recorrente entre mulheres americanas pela falta de referencial positivo da palavra lesbica, mas temos que reivindicar nossa identidade.”
- “É sexista mais uma vez justamente pq ainda que homens gays sofram violência, são homens. Eu não gosto de hierarquizar sofrimento e violência, mas homens e brancos tem lugar privilegiado sobre as mulheres, infelizmente”
- “Embora a tradução seja "homossexual", no contexto cultural brasileiro a palavra passou a ser usada para homens. Parece-me que usar gay é uma forma de evitar falar lesbica.”
- “Eu acho que a palavra gay e como se fosse a palavra central da familia lgbtq”
- “Eu acho que sim pois se já exista uma palavra para isso, não há motivo de usar gay para se referir a mulheres lesbicas”
- “eu particularmente não acho, mas a consequência é invisibilizar mais ainda o movimento lesbico”
- “Eu sei que o correto é usar o termo LÉSBICA, mas percebi que as pessoas sentem-se menos "agredidas" quando escutam o termo gay. No meio LGBTQI+ eu uso o termo LÉSBICA, mas em um ambiente hétero uso o termo gay.”
- “Exclui mas sei que muitas mulheres lesbicas usam esse termo. Mas até hoje eu só vi mulheres lesbicas usarem, as demais pessoas costumam usar sapatao ou lesbica.”
- “Existe um nome para mulheres homossexuais, as pessoas não usam pq acham "forte demais" de lesbica. Se acham forte demais ainda existe um estigma.”
- “Existe uma palavra para mulheres homossexuais, e ela precisa ser usada. A palavra "lésbica" ainda é um tabu, sem motivo. Não podemos pra sempre nos encaixar numa sigla se queremos ser vistas.”
- “Há quem pense que o termo "gay" restringe-se apenas ao Homem gay”
- “Já usei o termo pra me referir a mim e não fui compreendida”
- “Mas, geralmente, o termo gay é utilizado como um modo de abordar todas as sexualidades do meio, sem citar quais são especificamente, e, de certa forma, as invisibiliza”
- “Mesmo já tendo usado o termo, acho que menospreza de alguma forma a propria sexualidade lesbica, porém é uma "gíria" que a maior parte dos homossexuais...”
- “Na minha concepção o termo gay se refere aos homens assim como lesbica se refere apenas a mulheres”
- “Na sociedade de hoje em dia, acredito que sim”
- “Não acho errado. Mas acho que o termo já foi completamente apropriado por homens gays e não faz sentido nós colocarmos na mesma "identidade" deles. Penso que o ideal é fortalecer um termo próprio. Pra isso, prefiro lesbica”
- “Não acho que exatamente exclua, mas me parece um termo já consolidado para se referir a homens.”
- “Não acho que exclua, entretanto como existe um termo só para mulheres e gay ser há muito utilizado principalmente para o público masculino, ao falarem apenas a palavra gay aprimeira imagem que teremos em mente será a masculina, a não ser que falem "mulher gay" ou Jô discurso já tenham citado pronomes femininos (ex: ela é gay).”
- “Não acho que exclua, mas acaba contribuindo para invisibilidade.”
- “Não exclui completamente, sinto que é mais usado para se referir a mulher de uma forma singular. Se fosse referir a varias mulheres, não é muito utilizado.”
- “Não exclui, mas o foco é maior para os homens.”
- “Não mas, percebo que as pessoas sentem um certo medo em dizer a palavra "lésbica", preferindo assim "gay". É mais "comum", o impacto é menor.”
- “Não necessariamente exclui mas não vejo porquê em não usar a palavra lesbica, de modo geral sempre se referem aos conjuntos maiores no masculino, acho que com o "gay" tbm acaba sendo um pouco isso "o homem" "as pessoas gays" ..”
- “Não sei se exclui, o que acontece (na minha opinião) é que a palavra lesbica carrega muito mais preconceito em seu nome do que a palavra gay. Por isso, muitas vezes, as mulheres lesbicas se dizem gays pra evitar a bomba que a palavra lesbica contém.”
- “Não, pois gay diz respeito a homens gays e mais uma vez a gente fica invisível na sociedade”
- “No Brasil, sim. Já na Argentina onde vivi, não utilizam muitos rótulos para todxs”
- “Normalmente quando falo a palavra gay as pessoas, inclusive os gays, associam a homens gays e não as mulheres gays.”
- “O termo gay acaba excluindo pq é mt associado a homens”
- “Para mim não exclui, mas acredito que a grande maioria das pessoas, ao ouvir o termo "gay" associa somente a homens homossexuais”
- “Pela grande massa sim. A galera tende a atribuir a palavra apenas para homens gays.”
- “Por mais que se refira ao povo homossexual em geral, a palavra gay ja implica em um homem gay.”

- “quando comecei a me assumir foi a palavra que me fez sentir confortável pra expor pro mundo a minha volta quem eu era e como eu gostaria de viver minha vida e aos poucos me acostumar com todos os termos e simbolismos. eu entendo como pode soar exclusivo, mas em geral sinto que passa a mensagem necessária”
- “Sim e nao. Incluí, mas quando usado por exemplo em Parada Gay, atrapalha a visibilidade do LGBTQI+...”
- “Sim mas acaba sendo tao normalmente falado que acaba se tornando usual”
- “SIM, a palavra gay surgiu de forma pejorativa para se referir a homens afeminados, não faz sentido usar com mulheres lésbicas a palavra equivalente para lésbicas é sapatao/dyke// não tem um motivo plausíveis para chame uma mulher lésbica de gay não somos estadunidenses idiotas.”
- “Sim, mas mundialmente o termo gay é mais generico (f e m) , aqui no br creio que limita e exclua sim”
- “Sim, normalmente sou corrigida e dizem que o termo certo seria lésbica.”
- “Sim, os Gays(homens) se apropriaram do termo, e consequentemente da luta, deixando que nós mulheres lésbicas ficássemos invisibilizadas e perdéssemos nosso espaço de fala. Ou seja, mas uma vez o peso do machismo e da apropriação.”
- “sim, parece que falamos apenas de homens”
- “Sim, pode ser de uma maneira de criar uma identidade propria para mulheres e homens homos uma vez que a luta nao e igual devido a outros fatores que a sexualidade como o gênero”
- “Sim, pois contribui mais ainda com a invisibilidade, pelo fato de pessoas pensarem que a sigla Lgbt são apenas gay”
- “Sim, porém é mais fácil aceitar dizer eu sou gay”
- “Sim, porque já foi popularizada como referente aos homens homossexuais. E mais que isso, também acho importante haver essa separação sim, pois são recortes diferentes ainda que parecidos.”
- “Sim, porque na língua portuguesa o "gay" ficou muito relacionado ao homem gay, mas sei que nos EUA, Canadá e outros países, isso é um pouco diferente, é mais "comum".”
- “sim, pq novamente parece até estamos sendo excluídas por sermos mulheres, gay é um termo homens que se atraem pelo mesmo sexo que o deles. Eu não sou homem para ser chamada de "mulher gay", isso é só mais uma da realidade de uma sociedade patriarcal e machista e que nem no âmbito lgbt as mulheres lésbicas não recebem reconhecimento”
- “Sim, talvez mais pela associação do termo automaticamente com homens homossexuais, por falta de representatividade lésbica.”
- “Sim! Inclusive, se parar para notar, as séries atuais que são pra frentex e incluem personagens lésbicas costumam usar o termo "gay" como que pra amenizar o impacto da sexualidade. One Day At A Time é um exemplo, entre outras séries teens e de comédia.”
- “sim. Mulher é lésbica, não gay.”
- “Sinto que " gay" representa apenas homens, quando eu me classifico assim fico achando que estou errada.”
- “Sinto que falando gay nao consigo me expressar bem pois pensam logo em um homem”
- “Só no Brasil”
- “Socialmente, é mais relacionado ao homem gay do que a mulher gay. Acredito que muito em função de homens serem taxados como gays, boiolas e outras normativas utilizadas pelo público heteronormativo com maior facilidade do que o público feminino, já que mulheres sempre “precisam” provar que são lésbicas.”
- “Talvez mas ao mesmo tempo não pq estamos na mesma situação”
- “usar o termo "gay" com lésbicas além de ser errado é algo que é usado fora do Brasil e querendo ou não tira a visibilidade das lésbicas.”

Sugestões, observações ou algo relacionado ao tema?

***Os dados das usuárias contidos nas respostas foram ocultados em respeito a privacidade das mesmas.**

- “Um caso recente que aconteceu comigo foi simples, rápido e com certeza isso mexe mais comigo do que o rapaz envolvido. Eu comecei a ficar com uma garota da faculdade, decidimos não ir rápido já que ambas haviam terminado relacionamentos recentemente e decidimos que seria um relacionamento aberto. Ela ficou com um cara, mas explicou pra ele no mesmo dia que estava comigo, e que não queria nada depois dali, com ele, cortando qualquer possibilidade. Ele continuou mandando mensagens pra ela, ignorando as respostas dela e em um dia num bar, ele me chamou e falou durante uma troca de conversas que “poderia acabar com isso a qualquer momento, era só ele querer” na hora chamei uma amiga, pra não sair como louca, pedi pra ele repetir e explicar. Ele disse que se ele mostrasse que era um macho alfa, a minha namorada ficaria com ele. Na mesma hora questioneei se ele faria e falaria o que estava fazendo e falando pra mim, caso eu fosse um homem, namorando uma menina. Na mesma hora ele respondeu que “é diferente”. Não tenho mais nem o que digitar, acho que deu pra pegar a fita.”
- “Achei a pesquisa muito importante! Desejo sorte na sua pesquisa e mais visibilidade pra nós. Abraço!”
- “Achei esse fomento da discussão sobre invisibilidade lésbica maravilhoso! Tô prestando vestibular e ralando pra um dia ser uma gineco que atenda às demandas da saúde ginecológica e do prazer sexual de mulheres lésbicas, de uma forma livre, a qual eu nunca pude experienciar em uma consulta ginecológica.”
- “Achei extremamente importante a iniciativa, gostaria de receber sobre a pesquisa final.”
- “Achei fantástico! Boa sorte no seu projeto”
- “Achei muito interessante esse questionário.”

- "Achei que você iria perguntar sobre quais métodos contraceptivos eu conhecia para lésbicas. Em geral as campanhas de saúde são voltadas pra camisinha e não falam de mais nada. Também seria legal poder discriminar uso de proteção para relações monogâmicas e outros tipos."

- "Acho importantíssimo levantar a essa pauta, afinal é algo que afeta MUITO a vivência lésbica"

- "Acho incrível que haja um TCC sobre a questão da invisibilidade lésbica, porque ela de fato atravessa muitos aspectos na vida da mulher homossexual. Desde o descobrimento subjetivo do que é ser lésbica, até à prática objetiva e política na nossa vida, como espaços públicos, espaços de saúde e a vulnerabilidade que todas estamos sujeitas quando uma sociedade não consegue compreender o que somos."

- "Acho interessante o abarcamento das questões identitárias e sua invisibilidade dentro da própria comunidade LGBT. Mas ahazou d++ no trabalho gata, espero que quando pronto faça alguma diferença <3"

- "Acho muito importante falar sobre heterossexualidade compulsória, no meio acadêmico por análises psicológicas e sociais, mas principalmente no meio público pois afeta (mais ou menos) toda mulher lésbica."

- "Acho que deveria ter mais conhecimento e uma apropriação da comunidade lésbica para com esse termo."

- "Acho que seria ótimo perguntar sobre raça/ cor, pois isso ajudaria a ver as questões de uma forma ampla."

- "Acho super válido a iniciativa. Eu ando querendo pesquisar sobre isso tb. Boa sorte!"

- "Acredito que por mais avanços que tenhamos conquistados, ainda é um tabu desnecessário, e que deveria parar de existir, pois por diversas vezes as pessoas fazem com que me sinta anormal, desconfortável, entre outras coisas."

- "Acredito que uma das coisas mais tóxicas para o processo de descoberta e reconhecimento da sexualidade (pelo menos da minha) foi a questão da heteronormatividade compulsória. É por conta dela que nos questionamos tanto, que nos colocamos e nos forçamos a situações e relações pra tentar de alguma forma encaixar nesse padrão estabelecido. "Mas você nunca transou com homem, como sabe que não gosta?" eu apenas SINTO que não, e na verdade eu DEIXO de sentir por homens. Nos agarramos a idealizações, personagens, fantasias com homens porque temos uma cultura que nos ensina que é assim que tem que ser, homem e mulher, mas a verdade é que quanto mais as lésbicas se aproximam desse concreto, mais percebemos que o imaginário pode ser uma coisa, mas a nossa orientação sexual não se pauta somente nisso, e portanto, é esse o momento que precisamos ter a clareza de abandonar o barco da heteronormatividade compulsória, e pautar nossa vivência no que é real. Demorei, mas eu finalmente pulei fora desse barco. Muito interessante o estudo, **parabéns** mesmo pela iniciativa!"

- "Acredito sim que o preconceito está relacionado a machismo, criação, enfim, ainda temos uma geração circulando por aí, com uma dificuldade enorme de compreensão e respeito pelo ""diferente"". Não acho que bater de frente resolva a questão, até por quê, tudo fora em torno de educação, informação e um bom diálogo. Quando se discute por algo, e se grita, perde-se todo e qualquer crédito e argumento. Penso que quando se conversa em um tom bom aos ouvidos, mesmo que a pessoa discorde de absolutamente tudo o que falarmos, pelo menos ela prestou atenção no conteúdo e parou pra ouvir. Ela pode não mudar sua opinião, mas ela ouviu, e isso já faz diferença.

Adorei a pesquisa, que ela vá à todos lugares, e que possamos viver em um mundo melhor, um dia...

Gratidão"

- "Adorei a pesquisa"

- "adorei responder a pesquisa, consegui me enxergar melhor como mulher lesbica e lembrar de todo meu processo de sair do armario"

- "Agradeço muito por estar fazendo esse trabalho. Muito sucesso!"

- "Apenas dar os **parabéns** pela coragem de escolher um tema que provavelmente vão menosprezar. É algo de extrema importância este tipo de exposição e estudo."

- "Arrasem e movam montanhas! mulheres são muito unidas, independente de poréns. circulo seguro é lindo!"

- "Arrasou na pesquisa!!!!"

- "Boa sorte :v"

- "Boa sorte na pesquisa!"

- "Boa sorte!!!"

- "Como casais lésbicos sofrem preconceito ao dizer que querem ter filhos por inseminação, sempre tem o homem que fala "se quiser faço de graça pra você". Passamos por isso o tempo todo."

- "Continue!"

- "Divulga muito o resultado dessa pesquisa!! Acho que pode ajudar muitas manas por aí 💙"

- "Divulga seu estudo no Instagram depois para termos acesso."

- "É importante lembrar que a invisibilidade lésbica se dá em vários níveis, principalmente quando relacionada a classe e raça. tbm acho importante lembrar que lésbicas não feminilizadas sofrem de uma maneira as vezes mais agressiva com a invisibilidade lésbica e com a lesbofobia, isso porque a feminilidade impulsiona uma "passabilidade" maior de aceitação na sociedade para lésbicas feminilizadas."

- "É justa toda forma de amor, e as pessoas precisam entender isso."

- "Eu acho que em muitos os casos eu não sofri nenhum tipo de preconceito por não demonstrar afeto a minha namorada em público ou até em família. Mais por causa dela, que não gosta. As pessoas não estão menos preconceituosas, ou respeitando mais. Elas não gostam de ser confrontadas com a realidade."

- "Eu escuto poucas pessoas dizerem gay as mulheres homossexuais"

- "Eu pesquiso sobre cenas eróticas lésbicas no cinema, caso queira discutir sobre eu fico à disposição :) não sei se pode sair do anonimato aqui, então eu vou deixar só meu número caso queira entrar em contato: 44999855916. Sucesso na pesquisa!"

- "existem lésbicas não-binárias e mulheres trans lésbicas tbm"

- "Faça mais, apenas"

- "Fica aqui meu e-mail, e se possível gostaria de ver o resultado final da sua pesquisa! Obrigada pelo trabalho :)

:) xxxxxx@usp.br

- “Finalmente uma pesquisa voltada para mulheres lésbicas. Tudo que vejo é sempre voltado para o público gay homem ou trans. Não existe nunca algo relacionamento totalmente a mulheres gays (inclusive dentro do mundo LGBT)”
- “Gostaria de receber os resultados da pesquisa, minha área de pesquisa é a mesma, meu TCC foi sobre violência de gênero em territórios violentos. Sendo assim, deixo meu email para possível contato: xxxxxx@hotmail.com”
- “Gostei da abordagem desse tema!”
- “Gostei do questionário, espero ter ajudado, obrigada pelo estudo e dedicação que está desempenhando.”
- “Gostei do questionário, espero ter ajudado, obrigada pelo estudo e dedicação que está desempenhando.”
- “Gostei muito da pesquisa, e que isso deveria ser um assunto que falassem mais”
- “Gravidez”
- “Incrível, deveria ter mais! Unidas conquistamos o nosso lugar. Todo apoio do mundo pra você! Sucesso!”
- “Intersculturalidade racial”
- “Interessante pensar tb na invisibilização dos relacionamentos lésbicos por meio da imposição de um padrão heteronormativo de se relacionar, especialmente nos países que o casamento homoafetivo é garantido. Como isso enquanto política respinga na dinâmica intersubjetiva dos casais lésbicos”
- “Lésbicas e maternidade”
- “Love is love s2”
- “Mais visibilidade para as lésbicas”
- “Minha experiência com meus filhos do primeiro casamento, assim como a experiência com o filho da minha esposa não foi fácil. Os nossos filhos mais velhos foram retirados da nossa convivência, o dela por alienação parental e inclusive pela própria vara de família por um juiz claramente machista e homofóbico, o meu mais velho por sofrer tanta alienação parental preferiu morar com minha mãe durante anos. Perdemos grande parte do crescimento dos nossos filhos devido a lesbofobia. Felizmente com o meu filho do meio que é também do primeiro casamento não passei por isso, pois venho comigo para essa nova família com menos de 2 anos e já não podia ser tão influenciado, apesar de relatar muitas falas negativas da família sobre mim e sobre meu relacionamento. Na escola primária com o meu mais velho e o do meio também tivemos vários episódios de lesbofobia e relatos de bullying. Óbvio que mudei eles de escola e desde então sempre tive boa acolhida de todas as equipes escolares e nunca mais ouvi falar de bullying em função de serem de uma família homoafetiva. Hoje minha esposa e eu temos um filho só nosso e esse é feliz e bem resolvido com suas duas mães e deixa isso muito claro em todos os espaços que frequenta, se sai muito bem em qualquer questionamento sobre suas duas mães ou sua origem.”
- “Muitas vezes o preconceito existe dentro da própria comunidade lésbica por alguém não “ter cara”, não se encaixar dentro de algum estereótipo, desmerecendo sua representatividade lésbica.”
- “Muito feliz de me sentir representada em uma pesquisa, obrigada ;)”
- “Muito grata por se ter dedicado a falar sobre este assunto numa sociedade onde só o demonstra quando “convém”, principalmente em épocas de marchas ou prides e épocas eleitorais. Para além disso, muitas das vezes abafam os assuntos e é necessário alguém ficar em risco de vida ou mesmo morrer para se voltarem a puxar estes assuntos ao de cima. A maior sorte do mundo para o seu trabalho, foi um gosto fazer parte dele!”
- “Muito obrigada por escolher esse assunto para pesquisa. Só de responder o questionário, me senti ouvida.”
- “Muito obrigada por essa pesquisa <3”
- “na minha cidade, fui muito humilhada por um tempo. Inclusive por minha família etc... hoje em dia sou assumida (minha família mim respeita) mas acredito que, na verdade minha família tinha medo da sociedade. No que iam falar etc... Ainda sofro (não que eu sofro msm) entre “aspas” por suposto abusos verbais homofóbicos ! No entanto não ligo muito pq sei do que sou capaz. Só queria que as pessoas entendessem o “amor” que muitos héteros não tem! Achei legal abordar esse tema. Muito sucesso”
- “Na questão 15 poderia ser possível marcar mais de uma alternativa. Na minha opinião há várias opções ali que contribuem. Creio que é a junção delas, nas mais diversas situações, um trabalho mesmo inter/transdisciplinar a se fazer, que darão melhores resultados.”
- “Não tem como falar sobre lésbicas sem falar sobre raça. Me sinto extremamente excluída por lésbicas brancas causianas e essa dor quase não existe nas pautas.”
- “Não uso proteção porque namoro e ambas fazemos exames e não estamos sexualmente com outras pessoas”
- “Nenhum! Simplesmente perfeito.”
- “Nenhuma sugestão a princípio porém feliz por saber que existem mulheres como você, que fazem o possível para mudar o pensamento desse mundo em que vivemos. **Parabéns**, arrasou!!!”
- “Nos termos pejorativos nos como lésbicas usamos com outro sentido, como orgulho e não como algo ruim”
- “O homem tem que acabar.”
- “O mundo gay é diverso e varia de país para país. Em alguns a visibilidade quase que existe e em outros ela nem sequer é cogitada.”
- “O termo DST foi substituído por IST”s”
- “O termo gay e a própria comunidade LGBTQ+ invisibilizam as lésbicas”
- “Obrigada pelo estudo ❤️”
- “Obrigada por essa pesquisa!”
- “Obrigada por estar pesquisando esse assunto!”
- “Ocupa tudo :)”
- “Oque mais me deixa triste é pq eu sou casada com um homen trans e ouço muita piadinha no dia a dia , e me deixa confusa com tal situação isso é tão chato sabe 😞”
- “Ótimo questionário”
- “Ótimo tema! Perguntas muito bem elaboradas, espero ter acesso a dissertação quando finalizada. **Parabéns!**”

- “Pansexual Is also a big theme”
- “Parabéns pela iniciativa e boa sorte na sua pesquisa.”
- “Parabéns pela iniciativa! Precisamos cada vez mais disso”
- “Parabéns pela iniciativa. ❤️”
- “Parabéns pela qualidade do questionário!”
- “Parabéns pelo estudo ❤️”
- “Parabéns por esse trabalho!”
- “Perfeitas perguntas! Sucesso na pesquisa”
- “Podría traducirse a otros idiomas para ampliar la investigación y ojalá se pueda luego conocer sobre los resultados. Parabéns e boa sorte em tudo.”
- “q bom que tem uma pesquisa mostrando respeito e interesse. parabéns! boa sorte no tcc ❤️”
- “Que essa pesquisa nos ajude a andar livres na rua de maos dadas sem sofrermos nenhum assédio, preconceito ou ter medo”
- “Queria saber/ver sobre o resultado final da pesquisa, seria possível ter acesso a conclusão do trabalho? Ótimo projeto e boa sorte com os questionários! ❤️❤️”
- “Se tiver algo sobre mulheres transexuais e quiser e puder dividir comigo meu email é xxxxx@gmail.com meu tcc é voltado para, e se quiser pode divulgar meu nome em seu estudo Karen Alves Cabral.”
- “Seria muito bacana uma pergunta sobre como mulheres lésbicas lidam ou lidaram com a heterossexualidade compulsória”
- “Um ponto que acredito ser crucial também diz respeito aos exames ginecológicos e em como alguns deles (a exemplo do endovaginal) podem ser bastante dolorosos e incômodos para mulheres lésbicas.”
- “Vamos gravar um longa e mostrar a verdadeira realidade! @XXXXXX”
- “Você poderia disponibilizar seu trabalho depois de pronto? quando eu fiz meu TCC foi em direito homoafetivo e sofri preconceito da minha orientadora, acho lindo ver outras pessoas fazendo TCC sobre a temática.”